



GRACIELE  
RUIZ

ANTES  
*de*  
OUTUBRO



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

# ANTES *de* OUTUBRO

GRACIELE RUIZ

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Graciele Ruiz  
Capa: *Lola Salgado*

Diagramação: *Alba Milena*

Orientação: *Alba Milena*

Revisão: *Grazi Reis*

*Increasy Consultoria Literária*



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e  
**PERIGOSAS ACHERON**

# PERIGOSAS NACIONAIS

acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.  
Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

*Dedicatória:*

Dedico esse livro à Jéssica Fontes, a melhor amiga  
que alguém poderia desejar ter.

## Capítulo 1 – Luz da Estrela

*“Hold you in my arms  
I just wanted to hold  
You in my arms”[\[1\]](#)  
Muse - Starlight*

Acordo naquela manhã chuvosa de primeiro de outubro desejando que fosse sábado. Coloco o celular no modo soneca mais de quatro vezes e tenho absoluta certeza de que vou me atrasar. Não há nenhuma motivação especial para ir à escola hoje, as mesmas pessoas, mesmas conversas, aulas sempre iguais. E quando me lembro que a primeira aula é de matemática me afundo ainda mais no travesseiro. Alguém poderia ter inventado um botão para “pular etapas chatas da vida”, agora mesmo tudo o que queria era estar linda, rica e formada.

Tomo coragem para levantar da cama e me arrumar. A chuva bate na janela e a preguiça dentro de mim aumenta no mesmo ritmo.

*Nada disso, Yasmin, seja forte!*

Repito mentalmente enquanto me dirijo ao banheiro, miro meu reflexo no espelho: cabelos

PERIGOSAS ACHERON

pretos, olhos castanhos, altura mediana, não sou o tipo de garota que chama atenção, além disso, devo passar mais tempo na biblioteca procurando por livros do que no resto da escola. Depois de longos minutos, desço as escadas para tomar café. Para minha sorte meus pais não estão em casa e não vão saber que perdi a primeira aula por atraso.

Fora de casa a chuva castiga meu guarda-chuva e molha meu tênis. Caminho ao ponto do ônibus seguida pelo *flop, flop* que meus sapatos fazem cada vez que dou um passo. Realmente, é um ótimo dia para ficar em casa. Sento no banco do ponto de ônibus e rezo para que ele não demore a passar.

Tiro, da bolsa, o livro que comecei a ler na noite passada para me distrair. Mal viro três páginas quando um veículo passa em uma poça molhando ainda mais meu tênis. Irritada, ergo os olhos do livro e grito:

— Ótimo! Perfeito!

Arrependo-me logo em seguida. Já não basta o dia estar ruim, ser taxada de louca por falar sozinha é a última coisa de que preciso.

Fecho o livro e guardo-o de novo na bolsa, reparo que a luz do meu celular pisca. Três ligações

perdidas. Dez mensagens não lidas. Todas de Bianca. Não é raro me atrasar para a escola e em todas as vezes Bianca me enche de mensagens.

“Cadê você?” — era a última mensagem dela.

“Tentando pegar o ônibus” — respondo.

“Aconteceu alguma coisa?”

“Sim, choveu”

“Hahaha, vem logo porque você está perdendo matéria para a prova!”

Reviro os olhos em desgosto. Terei que estudar o conteúdo de hoje de qualquer forma. Tentei fugir do problema e na verdade só o adiei.

Guardo meu celular na bolsa novamente e sinto meus dedos coçando para voltar ao livro. Não gosto de parar um capítulo pela metade. Cogito voltar para casa, mas só de pensar no sermão dos meus pais, desisto.

Quando o ônibus chega, dou sinal e entro toda desajeitada, carregando mochila, sombrinha e tentando pegar meu cartão do bilhete único no bolso de trás da calça.

Atravesso o ônibus inteiro cambaleando e torcendo para ninguém reparar em mim, todos os bancos da frente estão ocupados, acho um vazio ao

fundo, sento e tiro o livro da bolsa novamente, prometendo ficar mais atenta para não perder o ponto. Não eram raras às vezes em que esquecia o mundo a minha volta por estar entretida com um bom livro.

Desço meia hora depois na escola, atravesso os portões, cumprimento o guarda na portaria e vou para o pátio. O Instituto Educacional Vivendo o Saber é localizado a quinze minutos de carro do centro da cidade, porém possui um clima bucólico. Construído dentro de uma antiga fazenda, mantém a paisagem de árvores e pássaros, as aulas são interrompidas muitas vezes por causa de algum inseto estranho que entrou pela janela causando alvoroço entre os alunos. As salas são arejadas e a única coisa que eu não gosto no visual da escola são as paredes bege, sem vida. Falta cor.

Esse ano fazem cinco anos que caminho pelos mesmos ambientes e, apesar de alguns rostos novos, na maior parte convivo com as mesmas pessoas. Nunca fiz amigos com facilidade, converso com poucas pessoas da turma, mas pelo longo período em que sou aluna acabei conhecendo muita gente. O tempo acaba aproximando e cinco anos é muito tempo.

Tiro o celular da bolsa e olho a hora: estou uma hora atrasada, a segunda aula começou há dez minutos. Saio do pátio e subo os dois lances de escada até a secretaria, pois é regra da escola que alunos só entram na aula com autorização. Abro a porta da pequena sala e entro, Vanessa, a secretária de cabelos loiros e amarrados, conversa com um garoto enquanto outras duas, Clara e Isabele, olham fixamente para os seus computadores, fingindo que não ouviram a porta abrir.

Ajeito a mochila nas costas e começo inconscientemente a bater um dos meus pés no chão devagar, não que eu estivesse com pressa, é mais uma questão de hábito.

O garoto que está à minha frente olha para trás. No exato momento em que aqueles olhos negros me encontram eu gelo, sinto um frio na barriga e borboletas se movimentando. Não é todo dia que você é notada por Tiago Miloch, mesmo que somente por aquele segundo já estava compensando todo o meu esforço para comparecer na escola hoje.

Tiago é um dos garotos mais populares do colégio, vive sempre cercado de amigos, é dois anos mais velho que eu, tem a pele bronzeada e



cabelos escuros arrepiados, o sonho de qualquer garota da escola e quem que eu admiro a distância pelos últimos meses.

Ele se vira novamente para a secretária.

— Passa ela na frente, eu espero.

A voz dele é forte e aveludada, soa como melodia aos meus ouvidos.

Tiago passa por mim sem me olhar novamente e senta na cadeira logo atrás. Eu continuo estática, sem me mover. O cheiro do perfume amadeirado dele domina o ambiente.

— Então, garota? — pergunta Vanessa, com sua voz enjoada.

Eu teria dito que ela estava tendo um dia ruim se não conhecesse sua fama de ser mal humorada. Aproximo-me do balcão.

— Ah, eu... — minha voz falha, ainda devo estar sobre o efeito dele — eu cheguei atrasada e...

Ela suspira. Ergue um papel na direção dos meus olhos e me entrega.

— Novidade você chegar atrasada...

Finjo não ouvir o comentário irônico. Preencho o papel com o meu nome completo, número da sala em que estudo e invento uma desculpa qualquer por ter me atrasado, devolvo o

papel para ela.

Ela olha e ergue uma sobrancelha. Talvez fosse por causa da minha letra que não é muito bonita ou então a minha desculpa fraca demais, mas isso não importa. Ela assina, destaca os papeis e me devolve um protocolo.

— Pode ir para a sua sala, Yasmin Bettini.

*Nota mental: minha letra é legível ou ela já decorou meu nome.*

— Obrigada.

Viro de costas para ela e luto com todas as minhas forças para não olhar para as cadeiras. Não consigo. Dou dois passos e ergo o olhar para Tiago. Ele me fita. Abaixo o rosto automaticamente e meu corpo enrijece, aperto o passo e saio. Acabo batendo a porta sem querer.

Do lado de fora inspiro o ar úmido, acho que me esqueci de respirar por alguns minutos. Tiro o celular da bolsa e olho o relógio, ainda tenho um pouco mais de meia hora para a aula acabar.

Desço as escadas devagar, pensando no que aconteceu, está certo que ele é mesmo de tirar o fôlego, mas não é possível que essas emoções me avassalem por um motivo tão bobo. Um olhar dele e o meu chão sumiu. Já havia muito tempo em que

o admirava, então deveria ter me acostumado com a sua presença.

Estou no último degrau da escada quando ouço a porta da secretaria se fechar. Eu gelo novamente e devo ter parado de andar por alguns segundos porque quando me viro para trás ele já está descendo as escadas e eu continuo no último degrau.

Viro para frente e recomeço a andar como se nada tivesse acontecido, quando me dou conta ele está ao meu lado e andando no mesmo ritmo que eu. Olho para ele. Tiago sorri. Sinto as borboletas voltando e minhas pernas ficando bambas.

— Yasmin, não é?

O fato de ele falar comigo me pega de surpresa e eu devo ter deixado isso transparecer, ele encurva a sobrancelha.

— Sim — respondo ainda atordoada.

— Sou Tiago — disse, com o mesmo sorriso encantador. Ele para de andar para me cumprimentar.

Eu o cumprimento, mas não consigo dizer nada, as palavras simplesmente escapam da minha mente, nós estávamos em frente a uma sala de aula

e ao fundo escuto Adilson, o professor de matemática do primeiro ano ensinando como calcular taxa equivalente. Tiago continua:

— Então, quer dizer que o seu ônibus quebrou enquanto você vinha para a escola e isso te deixou com um atraso de uma hora? — diz, em tom de brincadeira.

*Pare de sorrir desse jeito! Está me deixando hipnotizada!* Sinto vontade de dizer, mas não digo, simplesmente rio e tomo forças para responder.

*Nota mental: realmente a minha letra é legível.*

— Exatamente! O que mais poderia ser?

*Nada original Yasmin, poderia ter sido melhor.* Sinto-me uma idiota em menos de cinco minutos de conversa.

— Poderia ter sido um pouco mais original, assim eles pelo menos tentariam acreditar.

*Sim, eu poderia ter sido mais original duas vezes somente nessa manhã.* A chuva ainda caía e o vento de gelado me fez estremecer.

— O que sugere que eu diga da próxima vez, então? — pergunto com um sorriso no canto dos lábios.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tiago coloca uma de suas mãos no bolso e ajeita a mochila nas costas antes de me responder:

— E você pretende chegar atrasada mais vezes?

*Se você estiver na secretaria chegarei todas às vezes.*

— Na verdade, não, mas o ônibus pode quebrar de vez em quando...

Meus olhos fixos nos dele, ele tem um olhar penetrante como se me analisasse, fico desconfortável.

— Então, da próxima vez diga que foi raptada por alienígenas, mas conseguiu escapar a tempo para a segunda aula.

Eu sorrio.

— Claro! Como não pensei nisso antes?

— Original, não acha?

— Sim, mas pouco convincente.

Ele ri.

— Bom, preciso ir se não vou me atrasar mais para a aula. Foi bom te conhecer, Yasmin.

— Foi bom te conhecer também.

Seus lábios formam um sorriso singelo. Eu levanto uma das mãos em um aceno de despedida que ele me retribui. Observo Tiago caminhando

## PERIGOSAS ACHERON

para sua sala, ele atravessa o pátio e segue pelo corredor. Calça jeans desbotada, manga da camiseta ajusta no braço torneado, o cabelo levemente desalinhado. Como ele consegue ser tão perfeito? Charmoso até mesmo na forma de caminhar, e ele com certeza sabe disso, age confiante. Nada igual a mim que me atrapalho com as palavras e abaixo o olhar, envergonhada, sempre que tenho a oportunidade. Deveria trabalhar mais nisso.

Vou até a minha sala, que fica localizada logo no início do corredor, com o número 5 pregado na porta. Entro, é o final da aula de matemática. Entrego o protocolo ao professor e sento em meu lugar ao lado de Bianca.

— Até que enfim! — ela sussurra. — Achei que tinha morrido no meio do caminho, por que não responde minhas mensagens?

— Mas eu respondi.

— Respondeu há três horas, já mandei várias depois daquela.

Eu rio. Bianca Ambiel, minha melhor amiga, é sempre exagerada. Explico o que aconteceu e digo que está tudo bem. Não conversamos muito, pois logo o professor começa a

nos lançar olhares por estarmos atrapalhando.

Logo depois o sinal bate sinalizando o final daquela aula e indicando que logo o professor de química chegaria para começar a sua.

Bianca levanta da cadeira e se dirige a um grupo de garotos que conversam em uma mesa próxima a nossa, penso em acompanhá-la, mas mudo de ideia no mesmo instante, eu não conseguiria falar sobre nada a não ser Tiago Miloch, pelo menos não nas próximas horas.

Decido tirar o livro da bolsa e retomar a leitura para me distrair até o professor chegar, mas não consigo, quando me dou conta, estou pensando novamente em Tiago.

Ele entrou na escola no começo desse ano, como era de se esperar fez muito sucesso com as garotas, mas nunca se envolveu com nenhuma delas. O carro que ganhou do pai no aniversário de dezoito anos ajudou a causar um impacto.

É lógico que eu também tinha reparado nele, era impossível não notar sua existência, além de ser excepcionalmente bonito, ter um jeito encantador de andar e principalmente sorrir. A novidade da escola, só se falava de Tiago em todos os cantos.

Até aquela manhã eu não havia conversado com ele. Sou dificilmente notada no meio de tanta gente e, de qualquer forma, para mim ele é só mais um garoto bonito, me contentaria em ficar somente admirando.

— Yas... Você está bem?

Viro para Bianca, ela já está sentada em sua carteira ao meu lado, aliás, todos já estão sentados e o professor já começou a aula.

— Estou.

— Tem certeza?

— Tenho — respondo incerta. — Por quê?

— Bom, tirando o fato de que você chegou atrasada e está há dez minutos lendo a mesma página do livro, acho que não tem nada de errado com você.

Eu sorrio. Não tem como esconder as coisas dela, em quatro anos de amizade eu nunca consegui enganá-la.

— Encontrei o Tiago na secretaria e ele falou comigo — explico um pouco rápido demais, mas ela consegue entender.

— Quem? O Tiago do terceiro ano?

— Esse mesmo...

— Ah, agora entendi o porquê de você estar



assim...

Sinto uma pontada de inveja na voz dela. Bianca tem uma beleza exótica combinada com sua pele morena e os olhos verdes. Saber que eu chamei a atenção de um dos garotos mais populares e bonitos do colégio ao invés dela era algo que abalava sua frágil auto estima.

— Achei que você não quisesse nada com ele — ela continua com o mesmo tom de voz.

— Só disse que ele conversou comigo.

Ela dá de ombros. Sinceramente não sei quem ela tentava enganar, conheço cada reação de Bianca como se fossem minhas.

— Yasmin e Bianca... Será que vocês poderiam parar de conversar por um minuto? Estou tentando dar aula! — diz o professor, chamando nossa atenção.

Nós duas nos ajeitamos na cadeira e paramos de falar, a sala inteira vira para nos olhar por breves segundos até o professor voltar a explicar um assunto que eu não faço mínima ideia de qual seja. Eu tenho a leve impressão de que ele não gosta de mim.

O professor de Química, Fabrício, é um senhor de meia idade, magro, mas com uma barriga

## PERIGOSAS NACIONAIS

avantajada, apesar de implicar constantemente comigo é extremamente calmo e suas aulas passam mais devagar do que uma tartaruga.

— Mas, e aí? Me conta, o que vocês conversaram? — pergunta Bianca, recuperando o bom humor e baixando o tom de voz.

— Nada demais...

— Nada demais e você já ficou toda boba desse jeito?

— Pois é... Nunca tinha reparado em como... como...

— Como?

— Ele é perfeito!

— Ah, não precisa exagerar também, ele tem os seus defeitos.

— Que defeitos? — desafio.

Ela sorri.

— Ele tem namorada.

— Será que eu vou ter que mudar vocês duas de lugar? Parem de falar por um minuto! — resmunga o professor novamente na frente da sala.

Eu me ajeito na cadeira e Bianca faz o mesmo, abro meu caderno e começo a fazer algumas anotações sobre a aula para tentar desviar a atenção do professor de nós duas.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei que ele tem namorada e isso não é um defeito — sussurro assim que o professor se aproxima de um aluno para tirar uma dúvida. Bianca encurva uma sobrancelha.

— E mesmo assim vai dar em cima do cara? Que ousada você.

Não consigo responder, o professor volta para frente da sala e continua a explicar a aula, eu disfarço, faço mais algumas anotações.

— Não tô dando em cima de ninguém! Não posso ser amiga do Tiago?

Bianca ri.

— Amiga... Claro.

Eu me irrita. Bianca parece gostar da minha reação. Não nos falamos mais até o final da aula. Alguns minutos depois o sinal bate. Levanto e ando ao lado de Bianca em direção ao pátio, sem dizer uma única palavra.

Entramos na fila para pegar o que comer na cantina, Bianca quebra o silêncio e começa a falar sobre um sonho estranho que teve, balanço a cabeça conforme ela narra a história, mas na verdade não estou prestando atenção, meus olhos vagam pelo pátio a procura dele.

Tiago está de pé em um canto do lado

esquerdo do pátio, conversando com alguns amigos, o mundo parece girar em câmera lenta enquanto eu o olho, pegamos um lanche e nos sentamos à mesa, até que ele me olha de volta.

Abaixo o rosto na mesma hora e fico por alguns minutos concentrada em meu lanche. Eu devo ter me esquecido de respirar novamente. Levanto o rosto e percebo que ele ainda me fita. Estremeço e viro o rosto mais uma vez.

— Yasmin, tá me ouvindo?

— Hã? — digo involuntariamente virando-me para Bianca. — Estou sim!

Ela me encara como se não acreditasse e vira para a direção que eu olhava há segundos.

— Ah... Não entendo como você consegue essas coisas...

— Essas coisas?

— Ficar toda besta só porque um cara disse “oi” para você! Tá certo que o Tiago é bem bonito, mas ele não é nenhum deus grego.

Eu rio com a revolta dela e sinto outra pontada de inveja em sua voz.

— Tá bom, vou tentar.

Passo o resto do intervalo tentando me concentrar na conversa de Bia e me esforçando ao

# PERIGOSAS NACIONAIS

máximo para não olhar para ele de novo.

O sinal bate e eu volto para a sala.

As próximas duas aulas são de português com a professora Isadora, ela nos entrega alguns textos sobre política e mercado, nos manda escrever uma redação dissertativa sobre como a crise econômica nos afetaria no curto e no longo prazo, de acordo com os textos.

Eu geralmente sou boa para escrever redações, mas não hoje, todas as vezes que eu penso em como começar a escrever, o rosto dele invade a minha mente e eu não consigo pensar em mais nada.

Decido que escreverei a redação em casa quando esse vício chamado Tiago sair da minha cabeça, isso se saísse.

# PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 2 – Apaixonar-se

*“You think you're in love  
Like it's a real sure thing  
But every time you fall  
You get your ass in a sling”[\[2\]](#)  
Aerosmith – Falling in love*

Assim que a aula de português acaba e o sinal bate, despeço-me de Bianca. Mal coloco meus pés para fora e esbarro em um garoto, quando me viro para me desculpar encontro os olhos de Tiago.

— Nossa, foi mal.

— Fica tranquila... Parece que você não está tendo um bom dia hoje.

Eu sorrio.

*É, perto de você eu fico meio atrapalhada mesmo, penso.*

— Está tão nítido assim?

Ele parece que vai me responder, mas é interrompido:

— E, aí Tiago, beleza? — cumprimenta um garoto caminhando em nossa direção, ele para ao lado de Tiago.

Eu o conheço do mesmo jeito que até então conhecia o Tiago, somente de vista. Seu nome é Samuel Schineider, loiro, cabelo arrepiado e olhos castanhos, é um pouco mais baixo que Tiago.

— Beleza! — responde Tiago cumprimentando-o, e logo depois se vira para continuar conversando comigo.

— Vi que você chegou atrasado hoje, cara — insiste Samuel.

Parece que ele não vai nos deixar conversar.

— Cheguei — responde Tiago sem tirar os olhos de mim, o que me faz ficar corada.

— O que aconteceu?

Tiago suspira e vira-se para ele.

— Meu carro quebrou no caminho e o guincho ficou preso no trânsito.

Eu rio, para quem disse mais cedo que a minha desculpa não era boa eu esperava algo bem melhor do que isso. Tiago me olha com um sorriso no canto dos lábios.

— Conhece a Yasmin? — continua Tiago, apontando para mim.

— Não — Samuel me olha com um ar de surpresa, como se não tivesse reparado que eu estava ali e me fita da cabeça aos pés —, mas

adoraria conhecer... Samuel, prazer — diz, curvando-se para me dar um beijo no rosto.

— Prazer — respondo, definitivamente não gosto do jeito que ele me olha.

— Vai à festa da Jéssica? — pergunta-me Samuel.

— Que festa?

— Não está sabendo da festa da Jéssica? — Ele me olha como se eu fosse um extraterrestre. No eu entanto eu não estou surpresa, não ser convidada para festas é algo perfeitamente normal para mim.

— Não, nem fui convidada.

Samuel ri.

— Não precisa ser convidada para ir as festas dela. Vai ser amanhã à noite a partir das onze horas... Você devia já ter contando a ela Tiago.

— Tinha até me esquecido dessa festa. — Tiago tem um semblante sério, e eu fico sem entender nada. *Será que ele não quer que eu vá à festa?*

— Você vai, né? — pergunta Samuel, ignorando o amigo.

— Não sei, talvez... Não faço nem ideia de onde fica a casa dessa Jéssica.

— Faz assim, manda para mim uma



mensagem com o seu endereço que a gente passa na sua casa amanhã às onze da noite. Anota meu número.

Tiro o celular da bolsa e anoto o número, logo em seguida envio meu endereço para ele.

— É perto da sua casa, Tiago.

*Eu já sabia que era.*

— É, eu sei — ele responde.

*Como assim você também já sabia?*

— Sabe? — pergunto, confusa.

— Sim, eu já te vi no ponto de ônibus algumas vezes.

— Ah, muito obrigada por ter oferecido uma carona...

Eu não disse essa frase para ser levada a sério, era para ser uma brincadeira, mas pela expressão sem graça de Tiago entendo que, provavelmente, o tom não saiu de acordo.

Deveria escrever um livro sobre como arruinar uma conversa em uma frase. Seria sucesso de vendas, com certeza!

O clima fica um pouco tenso, mas Samuel logo volta a falar.

— Preciso ir, se não perco o ônibus. A gente se vê Yasmin! — diz Samuel, dando uma

piscada enquanto anda em direção as escadas.

Não respondo nada, apenas dou um sorriso sem graça e volto meus olhos para Tiago que me fita com a mesma expressão séria.

— Vai à festa, então? — ele pergunta.

— Acho que sim — respondo. — Não deveria?

Ele suspira e sorri. Meu coração acelera.

— Desculpe, não é nada com você, Yasmin. É que... bom esquece. — Ele desvia os olhos e eu fico sem entender absolutamente nada.

— De qualquer forma — ele continua —, anote meu número também.

Ele nem precisa pedir duas vezes.

— Bom, acho que eu vou, também não quero perder o ônibus.

— Claro, não quero te atrasar! — ele responde. — Até mais.

— Até.

Eu respondo com aquele aperto no coração, no fundo queria que ele tivesse levado a minha brincadeira a sério e me oferecido uma carona. De certo modo Bianca está certa, eu não posso ficar tão boba somente por ter trocado algumas palavras, isso é muito exagero da minha parte e não pode

acontecer, ou pelo menos eu não queria que estivesse acontecendo.

Sento no ponto de ônibus, tiro o livro da bolsa mais uma vez e faço de tudo para me concentrar na história, quando um carro para em minha frente e abaixa o vidro. Abro um sorriso e sinto que meu coração vai sair pela boca quando vejo Tiago.

— Quer uma carona? — ele pergunta.

*Então, o meu pedido foi atendido!*

— Seria uma boa ideia.

Fecho o livro, pego minha mochila e entro no carro, o cheiro do banco de couro se mistura com o perfume amadeirado de Tiago. Coloco a minha mochila no chão e afivelo o cinto de segurança, mantenho o livro em meu colo. O semáforo abre, ele acelera, fico em silêncio, sem saber o que falar, reparo no limpador do para-brisa que faz um barulho estridente enquanto tentava barrar a chuva.

— É bom o livro? — perguntou Tiago.

— Sim — respondo, tirando as mãos de cima da capa para que ele lesse o título.

— Eu não costumo ler muito — ele comenta, e logo depois ajusta o ar condicionado

## PERIGOSAS NACIONAIS

para desembalar o vidro do carro.

*Sabia que ele não poderia ser tão perfeito.*

— Talvez seja porque você tem poucas indicações de bons livros.

— É, talvez...

— De qual gênero você gosta?

— Meus preferidos são ficção científica e fantástica.

— Vou montar uma lista pra você.

Tiago tira os olhos da rua por um momento e sorri para mim.

— Ótimo! Combinado.

— Eu achei que o seu carro tivesse quebrado — disse, com um sorriso nos lábios.

— Mas quebrou, esse daqui é do meu pai. Quem me dera ter um carro desses!

Fico sem graça. Nunca fui boa em puxar assuntos e todas as vezes que eu tento não dá tão certo. O carro para em um semáforo e Tiago me fita mais uma vez. Não diz nada, somente me olha com um sorriso bobo nos lábios.

— Pare de me olhar assim ou diga alguma coisa — digo virando o rosto para a janela.

— Por quê?

— Não é legal.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele ri.

— Realmente que coisa mais idiota de se fazer, me desculpe. — O sinal abre e ele volta a prestar atenção nas ruas. — Não queria ficar encarando você.

— Tudo bem, eu acho...

Ele sorri. Ficamos um tempo em silêncio somente ouvindo a música, não conheço a banda, mas tem uma batida gostosa. É Tiago quem volta a falar.

— Ah, se você for à festa amanhã, toma cuidado com o Samuel, tá?

Eu encurvo a sobrancelha.

— Por quê?

Tiago demora um pouco para responder, como se analisasse as palavras, por fim dá de ombros:

— Ele é um idiota.

Eu rio.

— Obrigada por avisar, mas eu sei me cuidar sozinha.

— Tenho certeza de que sabe.

O carro para e eu noto que nós já estamos em frente à minha casa. Não é possível que ele tenha decorado meu endereço tão rápido e o

## PERIGOSAS ACHERON

questiono sobre isso.

Tiago cora, envergonhado e eu percebo que pela primeira vez consegui desarmá-lo, não seguro a risada.

— É que o Samuel me passou o endereço e eu já conhecia a sua rua, fica somente a duas quadras da minha casa...

— Tudo bem, não precisa se justificar — digo somente por educação, mas estava gostando de ouvi-lo se justificar. — Obrigada pela carona — agradeço e abro a porta.

— A gente se vê amanhã.

Eu sorrio e saio do carro. Ando até a porta de casa ainda com um sorriso bobo nos lábios enquanto ouço o carro indo embora.

*Mas afinal, por que eu estou sorrindo desse jeito?*

Tiago tem namorada, então nada irá acontecer entre a gente e se ele tentasse algo estando namorando isso só mostraria o quanto sem caráter ele é. Então, de qualquer forma eu estou fazendo o papel de boba e fantasiando algo impossível.

Meu sorriso se desfaz, entro e tranco a porta. Subo as escadas até o meu quarto, coloco

minha mochila na cadeira do computador e me jogo na cama. Minha cabeça ainda gira. Ele é tão enigmático, está me deixando confusa, mas o que mais me intriga é em como ele consegue fazer isso comigo, conhecendo-o tão pouco ele não deveria provocar tudo isso em mim. Meu coração não deveria acelerar tanto todas as vezes que ele se aproxima, eu não deveria me esquecer de como respirar ou falar quando ele me olha.

Pego o telefone e ligo para Bianca.

— Oi! — ela atende.

— Fui convidada para uma festa na casa da Jéssica. Quer ir?

— Que festa? Que Jéssica?

Fico feliz em saber que não sou única que não está sabendo de festa alguma.

— Só sei que vai ser amanhã e eles vão passar na minha casa às onze para me pegar, mas na verdade, não tenho certeza se eu vou...

— Eles quem?

— Até onde eu sei, o Samuel e o Tiago, não sei se tem mais alguém.

— Ah sim, e por que você mudaria de ideia?

— Não sei... Teve uma parte estranha na

## PERIGOSAS NACIONAIS

minha conversa com o Tiago que me deixou um pouco confusa.

Ela suspira.

— Ah, Yas... Isso é drama da sua cabeça.

— Mas você nem sabe o que é...

— Você é a maior *drama queen* que eu conheço, nem precisa me contar, já sei que não é nada.

— Maior *drama queen*, depois de você, né?

Ela ri.

— Então, vamos? — pergunto.

— Com certeza, estou precisando beber e você não vai me deixar sozinha nessa!

— Tenho até medo de quando você diz isso...

— Não vou beber até cair, vai ser só um pouquinho.

— Eu te conheço, Bianca...

Ela ri.

— Vou para a sua casa umas nove horas, assim a gente se arruma juntas.

— Combinado.

— YAS! O almoço está pronto! — é a voz da minha mãe, vindo do andar de baixo.

— Já vou, mãe! — grito.

## PERIGOSAS ACHERON



— Preciso ir — aviso Bianca.

Desligo e desço as escadas.

Encontro minha mãe na cozinha. Rosana é formada em administração e trabalha no financeiro de uma empresa de médio porte, em alguns dias chega mais cedo em casa e trabalha *home office*.

— Oi, mãe! Desculpa não ter vindo falar com você — tento transparecer um falso cansaço pela minha voz.

— Tudo bem, tire a comida logo, antes que esfrie.

Faço o meu prato, sento à mesa e começo a comer enquanto ela me conta um episódio engraçado sobre o que aconteceu em seu trabalho nessa manhã, eu finjo que presto atenção e não vou nem dizer no que eu estou pensando, vocês já devem saber.

— Mãe, vai ter uma festa amanhã na casa de uma amiga e uns amigos meus vão passar aqui para me pegar às onze, tem problema? — pergunto depois que ela tinha acabado de falar.

— Que amiga é essa?

— Uma garota da minha sala, o nome dela é Jéssica. — Não tenho porque mentir no nome também, realmente tem uma Jéssica na minha sala.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Os pais dela vão estar lá?

*Eu duvido muito.*

— Claro que sim!

— E quem são esses amigos?

— Na verdade são amigos da Bia. — É sempre mais fácil desviar de mais perguntas quando os amigos não são seus.

Ela me olha desconfiada, mas não me questiona mais.

— Não apronte nada nessa festa!

— Pode deixar. — respondo com um sorriso, e levanto para lavar o meu prato.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 3 - A única exceção

*“I've got a tight grip on reality, but I can't  
Let go of what's in front of me here  
I know you're leaving in the morning when  
you wake up  
Leave me with some kind of proof it's not a  
dream”[\[3\]](#)  
Paramore – The only Exception*

O sábado amanhece ensolarado e a primeira coisa que vem a minha cabeça quando acordo é Tiago. Essa obsessão tem que acabar em algum momento. Levanto tarde como sempre e desço para tomar o café, meu pai está sentado à mesa.

— Bom dia, filha!

— Bom dia, pai — respondo bocejando, enquanto sento.

— Cheguei ontem e você já estava dormindo — comenta enquanto me passa o leite e uma caneca.

— Eu estava cansada.

Eu me sirvo e pego uma fatia de pão, meu pai tem o olhar cansado, os cabelos brancos caindo em sua testa.

— É, sua mãe me falou, ela também me contou que você vai à uma festa hoje, não quer que eu te leve?

— Não, pode deixar pai, eu tenho carona.

Ele encosta da cadeira e assente, não diz mais nada sobre o assunto. Meu pai é engenheiro civil e algumas vezes passa o dia inteiro fazendo projetos e visitando obras, como ultimamente esses dias têm se tornado cada vez mais frequentes, ele se sente culpado por não passar mais tempo comigo e tenta fazer coisas para me agradar. Já disse a ele que não me importo, mas parece que ele não me ouve.

Termino o café e volto para o meu quarto, pego o meu celular para tentar me distrair e pensar em qualquer outra coisa que não seja Tiago. Coloco Paramore para tocar no último volume, uma das minhas bandas preferidas e perco algumas horas vasculhando a rede social mesmo não havendo nada de interessante por lá.

Descanso o celular ao meu lado e fecho os olhos. A voz da Hayley Williams cantando “The

Only Exception” enche o cômodo e eu me sinto mais leve.

As horas passam, volto a ler o livro e fico um bom tempo procurando a página em que eu tinha parado sem conseguir me concentrar. Lembro-me da festa e sinto um frio na barriga. Começo a me arrepender de ter dito que iria e principalmente de ter convidado a Bia para ir comigo.

Convidar ela para essas festas e ir sozinha é praticamente a mesma coisa, ela com certeza acharia algum cara e se perderia com ele em algum canto, a diferença agora é que se eu tentasse desistir de ir ela seria capaz de me levar arrastada.

Às sete horas da noite, meu estômago revira tanto por causa daquela festa que eu decido não ir mais e passar o resto da noite em casa. Pego o celular e procuro o número do Tiago, mas não tenho coragem de ligar. Não conseguiria falar com ele e além do mais eu nem sabia o porquê de estar tão ansiosa para a festa.

Antes das nove horas, decido tomar banho. Demoro mais do que o costume e quando saio Bianca já está no meu quarto me esperando.

— Achei que você tinha descido pelo ralo

— ela brinca. — Eu estava pensando em ir com a sua blusa rosa, me empresta?

É fácil saber de qual blusa rosa ela fala, a maioria das minhas roupas são pretas, o preto é básico, não é chamativo e enfim, eu gosto bastante de preto.

— Empresto sim, pode pegar — respondo, um pouco desanimada.

Ela levanta da minha cama e vai até o guarda-roupa.

— Vai com qual roupa?

— Não faço a mínima ideia.

— Você deveria ir com esse — disse me mostrando um vestido com renda nas costas.

Tinha comprado o vestido há duas semanas e, na dúvida sobre o que vestir, aceito a sugestão. Das nove às onze horas o tempo passou voando, nos arrumamos e descemos as escadas para esperar por eles lá fora. Eram onze e quinze quando um carro para em frente à minha casa.

Entramos no carro e sentamos no banco de trás, Tiago dirige, ao lado dele está Samuel, atrás do Samuel e ao lado da Bianca há outro garoto de quem não lembro o nome, Bia deve lembrar.

Quando entro no carro, Samuel me olha de

cima a baixo e não me sinto nenhum pouco confortável com isso. Lembro-me do que o Tiago tinha me dito no dia anterior e viro o rosto para a janela. Fico calada o caminho inteiro.

Bianca não tarda em puxar assunto com o garoto ao lado e inclui o Samuel na conversa de vez em quando. Tiago também não participa.

Alguns minutos depois chegamos à casa da Jéssica, há uma fileira de carros parados na rua, achamos uma vaga um pouco depois. Do lado de fora só dá pra ver o largo portão branco. O som rola alto.

Tiago para o carro e nós descemos, ele está lindo — calça jeans preta, camisa azul-escuro e o cabelo levemente desalinhado, como ele costuma usar — ele me cumprimenta e a Bia também, Samuel faz o mesmo e demora um pouco mais do que o necessário em um abraço, por último cumprimento o amigo de Tiago e reparo na troca de olhares entre ele e Bia.

Atravessamos o portão branco, a casa não é muito grande, mas tem um quintal largo com uma piscina. A festa começou há pouco tempo, e já está cheia, garotos bêbados trançam as pernas, pessoas pulam na piscina, casais se enroscam pelos cantos e

eu quase piso em uma poça de vômito enquanto ando até a porta.

Assim que entramos uma garota corre em nossa direção, pula em Tiago e o beija. A namorada dele, óbvio. Depois que ela o solta, o arrasta até o sofá, passando entre as pessoas que dançavam. Não consigo evitar reparar no corpo bem delineado dela, no quanto ela é elegante andando de salto e nas feições de seu rosto que parecem que foram cuidadosamente calculadas, se aquela garota não está ganhando dinheiro com a sua beleza, ela está perdendo tempo. Desvio o olhar dos dois, já sentindo o meu estômago revirar mais uma vez.

— Vou pegar uma bebida e já volto, tá? — diz Bianca ao meu ouvindo.

Olho para o lado e a vejo sair de mãos dadas com o garoto que estava ao lado dela no carro, eles seguem o corredor e vão até um dos cômodos da casa. Sei que não voltarão tão cedo.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta-me Samuel.

Por alguns instantes me esqueci de que ele está perto de mim, me viro e ele continua me fitando com aquela expressão grosseira, que já passou do estágio de incômodo para me deixar



enojada, mas mesmo assim eu aceito a bebida, não sei se só por educação ou para não ficar sozinha.

Ele me leva até a cozinha, tem bebida espalhada pelo chão próxima à mesa e ele é gentil em me alertar, desvio e sento em uma das cadeiras. Samuel faz um copo de caipirinha e me entrega, dou o primeiro gole, a bebida desce rasgando a minha garganta. Está forte, mas eu não me importo. Ele mantém seus olhos em mim, analisando cada movimento. Desvio o olhar.

— Tá boa? — pergunta.

O cheiro da vodka com limão entorpece meus sentidos.

— Perfeita — respondo.

Samuel leva uma de suas mãos ao meu ombro e pergunta.

— Quer dar uma volta lá fora?

Eu concordo. Voltamos e saímos pela porta da sala. Faço um grande esforço para não olhar para o sofá.

Sentamos em um dos bancos no jardim da casa e ficamos em silêncio por vários minutos.

— Já disse que está muito linda?

*Ele realmente poderia ter ficado calado.*

— Obrigada — respondo, sem me virar

## PERIGOSAS NACIONAIS

para ele e tomando mais um gole da minha bebida que já está na metade.

Silêncio por breves minutos.

— Sabe, desde a primeira vez que eu te vi eu te achei muito gata.

*Ele só sabe falar disso?*

— Hum...

— E eu não consigo parar de pensar em você...

Olho com o canto do olho.

— Nossa, lembrei que a Bia esqueceu o celular dela comigo! Você sabe onde ela foi?

Levanto, sem esperar por uma resposta e entro de novo na casa. Antes só do que mal acompanhada. Passo pela sala e evito novamente olhar para o sofá, vou para a cozinha e encho um copo com vodca e tomo-o em grandes goles, sinto minha garganta rasgando de novo. Deixo o copo em algum lugar e volto pelo mesmo caminho.

Dessa vez olho para o sofá, Tiago está sozinho e eu sinto um alívio, acho que seria capaz de vomitar se tivesse visto os dois se agarrando, vou até ele, mas antes de chegar eu perco o equilíbrio e quase torço o pé. Ele vê. Eu corro de vergonha.

## PERIGOSAS ACHERON

Sento ao lado dele, um pouco desengonçada e Tiago ri.

— Eu não deveria ter vindo nessa festa.

— Por quê?

— Porque eu não gosto desses lugares, não é para mim, prefiro os meus livros. — Eu rio pensando em como essa frase soava nerd. — Essa bagunça me faz sentir deslocada, sempre acabo bebendo para conseguir me divertir... e o seu amigo é um idiota!

Ele ri e ajeita o cabelo que estava caindo em seus olhos. Percebo uma lata de cerveja em sua mão.

— Eu te avisei.

— Só constatando um fato — digo com um sorriso.

Tiago se ajeita no sofá e chega um pouco mais perto, sinto o cheiro do seu perfume novamente, já está virando meu cheiro favorito. Minha cabeça um tanto quanto zonza roda, me esforço para prestar atenção no que ele dirá a seguir.

— Eu imaginei que você não ia gostar daqui.

— Você nem me conhece, como poderia

imaginar?

Ele sorri daquele jeito encantador que só ele sabe fazer.

— Eu só achei que não fazia parte do seu perfil... Você está sempre na biblioteca, quieta no seu canto com seus livros, achei que você gostasse de lugares mais calmos, só isso.

— É, acertou... Eu devia ter ficado em casa.

— Não precisa dizer isso também, foi bom ver você hoje — diz enquanto coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

Eu o fito e sinto meu coração acelerar.

— Mas espera — digo, tentando reorganizar os meus pensamentos, o álcool me deixa atrevida — você andou me observando?

Ele ia me responder, mas a namorada dele aparece, senta no colo dele e o beija. Eu fico totalmente sem graça e olho para as pessoas que dançam.

— Sua amiga, amor? — indaga me olhando com desprezo.

— Ela estuda comigo — ele responde.

— Prazer, Amanda.

— Yasmin.

Ela sussurra algo no ouvido dele e dá uma

risada abafada, ele não ri, em seguida ajeita os cabelos loiros ondulados e levanta puxando Tiago pela mão, os dois saem.

Continuo sentada. A sala começa a girar. Sinto que alguém sentou ao meu lado, mas não olho para ver quem era, continuo fitando as pessoas dançando.

— Você está bem?

Eu viro o rosto, é um garoto, parece ser mais velho do que eu, tem cabelos castanhos até os ombros, olhos claros, é alto e magro.

— Bom, tirando que eu devo ter bebido mais do que devia, acho que estou bem.

Ele sorri. Tem um sorriso bonito.

— Isso acontece... Mas, você está passando mal ou sentindo alguma coisa? — Ele realmente parece preocupado.

— Não... pode ficar tranquilo, estou bem!

Fecho e os olhos e os abro novamente, tenho a impressão de que minha visão está embaçando. Ele levanta o braço e o coloca no encosto do sofá, atrás de mim.

— Então tá. — Seus lábios formam um sorriso, ele vira o rosto para a pista de dança. — Não gosta de dançar?

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Não.

Viro-me também para a pista de dança e reparo em uma garota com um black power magnífico dançando. Ela dança bem.

— Hum... Então acho que não vai ser uma boa ideia te chamar pra pista.

— É, eu também acho que não.

Volto meu olhar para ele, nossos olhares se encontram e eu desvio.

— Meu nome é Victor.

— Yas.

Continuamos conversando sobre coisas banais e quando percebo, estamos nos beijando e não é nada romântico.

A verdade é que a vodka tomou posse do meu corpo e perdi a consciência de como as coisas aconteceram. Eu não deveria ter bebido tanto, na verdade, nem deveria beber aos 16 anos, mas a bebida me deixa mais descontraída e principalmente me ajuda a curtir.

Em algum momento Victor levanta do sofá e me leva para onde as pessoas estão dançando, nós começamos a dançar e me solto.

Não muito tempo depois eu esbarro em Bia, ela está sozinha e provavelmente mais bêbada do

# PERIGOSAS ACHERON

que eu.

— Onde está o... — Não consigo lembrar o nome dele.

— Não sei! Preciso de ar... Vamos lá fora?

Eu concordo e saio com ela, deixo o Victor para trás, não faço de propósito. Nós saímos, os bancos do jardim estão ocupados, então nos sentamos em um canto na grama e ela começa a desabafar sobre como o garoto que ela estava ficando naquela noite, cinco minutos depois estava beijando outra garota e como ela não se importa com isso, porque era apenas uma ficada, apesar de seu tom de voz demonstrar quão abatida e magoada ela está.

No lugar dela sentiria a mesma coisa.

— Quero ir embora — ela desabafa por fim.

— Eu também — concordo.

Nesse momento Samuel se aproxima com uma lata de cerveja na mão e um sorriso nos lábios. Eu bufo e viro os olhos para Bia, que não entendeu o porquê do meu olhar.

— Achou a Bianca? — ele me pergunta irônico.

Eu limito acenar.

— Sua amiga é sempre brava assim? — ele

insiste perguntando para Bia.

Ela finge não ouvir e responde com outra pergunta:

— Você sabe onde o Tiago está? Estou louca para ir embora.

Ele acena.

— Vou chamar ele, essa festa já deu para mim também — responde me olhando secamente, e sai à procura de Tiago.

— O que ele tem? — pergunta Bia.

Eu explico o que aconteceu e ela ri.

— Só você mesmo! Eu teria ficado com ele... Ele é bonito.

— É exatamente esse o problema, ele é bonito e mais nada.

Bia ri.

— Você tem toda a razão!

Não muito tempo depois Samuel volta com Tiago, junto deles está o garoto com quem Bia ficou e Amanda, a namorada de Tiago. Ela vem segurando a mão dele e com um sorriso de superioridade no rosto que está começando a me irritar.

— Vamos? — pergunta Samuel assim que chegam.



Aceno, eu e Bia levantamos. Como há somente cinco lugares para seis pessoas e eu tenho que ir sentada no colo de Bia, mas não antes de o Samuel fazer uma pequena piada, muito sem graça sobre o assunto.

— Se alguma de vocês quiser sentar no meu colo, eu não me importo.

Como ele me enoja.

— Vai sonhando — Bia responde.

No caminho de volta a única voz que se ouve é de Amanda. Ela conversa alto e ri de um jeito exagerado. Frequentemente coloca sua mão em Tiago, fazendo algum tipo de carinho, um cafuné ou apenas deixando sua mão na perna dele, mas eu percebo que ele não retribui nem uma vez, nem ao menos se esforça para entrar na conversa dela.

Bianca acaba cochilando no caminho, eu estou muito cansada também, mas a posição desconfortável não me deixa dormir.

Chegamos a minha casa. As luzes estão completamente apagadas e isso indica que ninguém está me esperando. Não é de se estranhar já que são 3:00 da madrugada. Eu e a Bia subimos as escadas devagar para não fazer nenhum barulho. Arrumo o

## PERIGOSAS NACIONAIS

colchão para ela dormir e deito em minha cama, exausta e então me lembro que não me despedi de Victor.

Não faz mal, foi só uma ficada.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 4 - Fique

*“If I could stay  
Then the night would give you up  
Stay  
Then the day would keep its trust  
Stay  
and the night would be enough”  
U2 – Stay [\[4\]](#)*

Acordo péssima no dia seguinte, o corpo mole, um cansaço que foge do normal e uma vontade incontrollável de não fazer nada. Eu e Bia acordamos quase uma hora da tarde, com a minha mãe nos chamando para almoçar.

Antes de ir para a cozinha, pego meu celular e reparo que tem uma solicitação de amizade de Victor Valentin. Naquele exato momento o celular vibra avisando de uma mensagem, não a abro, porque não quero que ele saiba que vi, mas desço a barra de notificações e consigo ler o começo. Respiro fundo e deixo para responder depois.

Eu e a Bia descemos para a cozinha, meus

pais já almoçaram e assistem TV na sala, aproveito que estamos a sós para contar a Bia que eu fui embora da festa sem me despedir do garoto com quem fiquei.

— Não acredito que você fez isso! — ela exclama rindo. — Que falta de educação, Yas!

— Ah, nem começa, porque a culpa foi toda sua.

— Minha? Por quê? — ela pergunta enquanto eu a entrego um prato e talheres para ela se servir.

— Porque você me arrastou para fora, não tive tempo.

Abro a panela e sinto o cheiro maravilhoso do macarrão à bolonhesa.

— Que mentira! — Ela ri. — Se você esqueceu é porque não estava tão bom assim... — Bia continua. — Eu não me esqueci do Gustavo, mas aparentemente ele esqueceu facilmente de mim.

*Gustavo, então esse é o nome do garoto!*

— Ah, Bia... Por favor, né? Não vai começar a choramingar por um cara que você conheceu ontem na festa.

Ela ri.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá bom. Parei. A fila anda e eu já tenho que procurar o próximo!

Minha vez de rir. Ela pode não estar atrás do Gustavo, mas de algum outro ela iria com certeza.

— Mas voltando ao assunto... — diz Bia enquanto se senta à mesa. Ela tem a estranha mania de sempre se sentar sobre os pés. — Então, você recebeu uma solicitação de amizade dele, e aí? Falou com ele?

— Ainda não, nem aceitei.

— Por que não? Aceita logo e vai puxar algum assunto!

— Ele já veio falar comigo.

Levo o garfo com macarrão à boca, o sabor é tão delicioso quanto o cheiro.

— Já? E o que ele disse?

— Eu não li a mensagem inteira ainda, só li o começo...

— Por que não aceita e não conversa com ele logo? — ela pergunta enquanto limpa uma gota do molho que caiu em sua blusa.

— Porque eu não quero ter que ficar me desculpando por ter ido embora sem me despedir...

— Mas, Yas...

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, só estou adiando o sofrimento — explico rindo.

Bia ri também.

— E o que ele disse no começo da mensagem?

Eu pego o celular e leio o trecho da mensagem que aparece sem eu precisar abri-la.

— Oi, princesa... — começo a ler e olho para Bia com um sorriso de desdém estampado no rosto.

— Ai que brega!

— Né? Quer que eu leia ou não? — pergunto rindo.

Ela faz um sinal para que eu continue, enquanto segura a risada.

— Senti sua falta no final da festa, você saiu sem se despedir. Estava tudo... — Olho para ela novamente. — E é só isso que consigo ler.

— Para com isso, Yas, leia logo essa mensagem e responde para o seu príncipe.

Bia mantém um sorriso sarcástico enquanto eu me afundo na cadeira e reviro os olhos.

— Meu príncipe bem que podia virar um sapo e me esquecer!

Nós rimos. Eu não comento com ela, mas

ainda sonho acordada com Tiago e não estou com nenhuma vontade de me envolver com outra pessoa.

Terminamos de almoçar, lavamos nossos pratos e voltamos para o meu quarto. Lá eu coloco uma música e ficamos conversando o resto da tarde, entre risadas, fofocas e filosofias de domingo o tempo passa e escurece rápido até demais e a irmã mais velha de Bia, Marcela, aparece para buscá-la.

Nós nos despedimos no portão e subo para meu quarto.

Deito na cama e pego o celular, a música ainda toca e enquanto eu canto “Wake me up when september ends”, tento tomar coragem para abrir a mensagem de Victor e lê-la por inteira. Respiro fundo, ainda sem vontade, mas abro a mensagem mesmo assim:

“Oi princesa, senti a sua falta no final da festa, você saiu sem se despedir. Estava tudo bem? Fiquei preocupado com você. Só queria dizer que adorei te conhecer ontem e realmente espero que possamos nos ver mais vezes...”

No final, acho que ler a mensagem não foi tão ruim quanto eu esperava e até que ele foi fofo,

mas agora é a pior parte. Responder.

“Oi, Victor, eu estou bem e obrigada por ter se preocupado, a minha amiga passou mal e eu precisei ir embora...”

Não é verdade, mas ele não precisa ficar sabendo. Assim que envio a mensagem, percebo que ele está online e logo em seguidas os três pontinhos começam a subir na tela, indicando que ele está escrevendo.

“Nossa, já estava com medo de que você não me respondesse, haha! E a sua amiga está bem?”

Eu sorrio com a resposta. E a partir de então a conversa flui como mágica. Victor consegue arrancar diversos sorrisos aquela noite. Quando reparo no relógio, já passa da 1 hora da manhã e eu estou sem sono, mas me despeço. Tenho que acordar às 6 horas para ir à escola e chegar atrasada novamente não seria legal.

Deito com um sorriso no rosto e a mente completamente perdida.





Acordo com o toque do celular e coloco no modo soneca. Levanto sonolenta quanto ele desperta pela segunda vez e vou para o banheiro. Tomo um banho rápido e ao voltar para o quarto percebo que recebi uma mensagem. Logo penso em Victor, mas assim que desbloqueio o celular vejo que é de Tiago.

“Bom dia, Yas. Nada de chegar atrasada hoje! Quer uma carona?”

Meu coração acelera. Eu realmente tenho que parar com isso.

*O Tiago é somente seu amigo, Yasmin. Só amigos!*

Eu repito a frase mentalmente.

“Bom dia, Ti. Quero sim, passa aqui que horas?”

“Em 10 minutos saio daqui.”

Eu gelo. Ainda estou enrolada na toalha e dez minutos não são suficientes para eu me arrumar. Respondo um “ok”, jogo o celular na cama, visto uma calça jeans e camiseta do uniforme. Corro para o banheiro penteio o cabelo e passo uma base. Quando acabo e olho no relógio novamente meus dez minutos já acabaram, no exato momento que pego a mochila um carro

# PERIGOSAS NACIONAIS

buzina na porta de casa.

Tiago está com o carro do pai me esperando.

— Obrigada pela carona — digo assim que entro no carro.

— De nada. Como você mesma disse, eu passo aqui em frente todo dia, não custa nada te dar uma carona.

Eu corro, embarçada.

— Eu estava brincando...

Ele sorri e me olha.

— Não se preocupe, não tem problema algum.

Eu devolvo o sorriso e Tiago começa a dirigir. A música “*Radioactive*” do Imagine Dragons toca.

— Gosta de Imagine Dragons? — ele pergunta.

— Gosto sim. — Solto um sorriso e me viro para ele. — É uma das minhas bandas favoritas.

— Eu percebi... Você estava batendo os dedos no ritmo da música. Eles vão tocar em São Paulo no final do mês.

Eu arregalo os olhos e o fito encantada.

— Sério?

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tiago me olha de volta e seus lábios formam um sorriso eu sustento o olhar dele por um tempo e sorrio de volta.

— Seríssimo — ele responde.

— Eu preciso ir nesse show.

— Eu vou ir com um pessoal comprar os ingressos amanhã, você pode ir com a gente se quiser.

— Claro! – digo automaticamente e logo em seguida balanço a cabeça - Quer dizer, eu preciso falar com o meus pais primeiro, mas te falo depois.

— Combinado, então.

A música volta a encher o carro com o ritmo da guitarra, enquanto eu imagino que nada pode ser melhor do que ir ao show do Imagine Dragons.

— O que achou da festa? — Tiago me pergunta para quebrar o silêncio.

Eu dou os ombros.

— Foi legal. — Sorrio e tento parecer entusiasmada.

— Essa resposta não foi muito convincente.  
Eu rio.

— Mas eu fui sincera, foi bem legal.

## PERIGOSAS ACHERON

Nesse momento ele entra com o carro no estacionamento da escola e começa a manobrá-lo para caber em uma das estreitas vagas. Eu me mantenho em silêncio, não há mais nada para dizer sobre a festa e seria estranho conversar com Tiago sobre Victor.

Ele termina de estacionar e desliga o carro, nós descemos e caminhamos para a sala. Eu queria fingir que não via, mas eu percebo os olhares de várias pessoas me julgando por ter chegado junto com Tiago. Eu tenho certeza de que em suas mentes maliciosas eles não acreditam que aquilo foi só uma carona.

— Não esquece de falar com os seus pais sobre o show — ele me lembra.

— Tá.

Nós trocamos sorrisos e ele se distancia indo de encontro aos seus amigos.

— Vejo você mais tarde!

Eu aceno e vou para a minha sala.

Sento em minha cadeira, Bianca está ao meu lado, concentrada em suas anotações. Eu a cumprimento e ela me responde levantando o olhar com um sorriso nos lábios.

— O que é que você estava fazendo no

carro do Tiago?

Eu suspiro.

— Uma chance para você adivinhar.

— Tenho uma imaginação muito fértil, melhor me dizer...

Reviro os olhos.

— Ele me mandou uma mensagem hoje de manhã perguntando se eu queria uma carona.

Bia me olha com o canto do olho, desconfiada.

— Só uma carona? Sério?

Eu ergo os braços e respondo irritada:

— É, o que mais seria?

Ela volta o olhar para o seu caderno e começa a rabiscar algo.

— Por que ele iria te mandar uma mensagem do nada te oferecendo uma carona?

Eu me ajeito na cadeira, viro o olhar para frente da sala. Ela está começando a me aborrecer. Ser julgada por estranhos já não é bom, ser julgada pela sua melhor amiga é pior ainda.

— Porque ele mora perto a minha casa e estava sendo gentil.

Bianca abre um sorriso novamente, mas antes de dizer qualquer coisa eu mudo de assunto.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabia que o Imagine Dragons vai tocar em São Paulo no final do mês?

— Sério? — ela me questiona de volta, entusiasmada.

Eu aceno.

— A gente podia ir.

Eu sorrio.

— Sim, vou conversar com os meus pais hoje, você também conversa com os seus e se der tudo certo podemos ir com o Tiago comprar os ingressos amanhã.

Bianca fecha o caderno que estava rabiscando e olha para mim, o mesmo sorriso irritante estampado em seu rosto.

— Tiago? De novo? E o Victor?

— Nossa, Bianca, para de ser chata! — Ela faz uma careta. — Uma coisa não tem nada a ver com a outra, eu o Tiago somos amigos e só. Ele tem namorada, você sabe.

Bia recupera a postura e com ar superioridade me responde:

— Sim, eu sei... Mas algumas pessoas não se importam com isso.

— Eu me importo e acredito que ele também.

## PERIGOSAS ACHERON

Ela dá de ombros e para meu alívio nesse exato momento o professor de física, chega à sala com o seu típico bom humor.

Física está longe de ser a minha matéria preferida, principalmente em uma segunda-feira de manhã, mas o professor Adriano faz dela uma matéria divertida de se aprender, usando expressões engraçadas e até mesmo algumas músicas para decorarmos as fórmulas.

A aula passa rápido e logo em seguida a professora Bruna chega para nos ensinar Biologia. A aula dela não é tão animada, mas igualmente interessante.

Assim que as duas aulas de Biologia acabam começa o intervalo. Antes de sair da sala eu procuro meu celular dentro da bolsa para ter algo com o que me distrair e só então percebo que o esqueci em casa.

Bianca me espera ao lado de fora da sala já com os dois lanches em mãos, um deles é para mim. Sentamos em uma das mesas e começamos a conversar, acho que ela entendeu que o assunto sobre o Tiago não agradou, porque não toca mais no assunto.

— O Gustavo me mandou uma mensagem

## PERIGOSAS NACIONAIS

ontem.

— Sério? O que ele disse?

— Veio com um papo tosco me chamando para sair.

— E o que você disse?

— Nada. Não respondi — ela diz, dando os ombros.

Eu rio.

— Você podia passar lá em casa hoje — ela continua.

— Por quê?

— Abriram inscrição para as aulas de teatro e eu quero fazer o teste. — Ela baixa o olhar, parece um pouco envergonhada.

— Legal. — Viro-me para ela e abro um sorriso. — E qual é a peça dessa vez?

— Feiurinha.

— Adoro essa história — digo como incentivo. Ela abre um sorriso.

— Então, me ajuda ensaiar? — pergunta animada.

— Sim.

— Vou pegar o papel da Dona Branca Encantado, pode apostar. — Seus olhos tinham brilho e determinação, não ousou discordar.

## PERIGOSAS ACHERON



— Tenho certeza disso.

O intervalo acaba, nós duas seguimos para a sala, para assistir as próximas aulas.

Assim que o sinal do final do período toca, me deparo com Tiago me esperando do lado de fora, eu o cumprimento novamente e ele sorri daquele jeito magnífico que me deixa hipnotizada.

— Quer uma carona novamente ou prefere ir de ônibus? — ele pergunta.

— Você não precisa perguntar duas vezes. Quem é que gosta de andar de ônibus?

Ele dá de ombros enquanto começa a caminhar para o seu carro.

— Nunca se sabe.

Nós entramos no carro, ele dá partida e liga o som.

— "Seize the day" é a minha música favorita do Avenged Sevenfold — Tiago diz.

*É muita perfeição para um homem só.*

— Eles são demais!

— Sim, e as letras das músicas são ótimas.

Eu aceno.

— Essa música, por exemplo — ele continua — me faz pensar sobre o quanto eu gostaria de aproveitar mais meus dias, viver como

## PERIGOSAS NACIONAIS

se fosse o último. A gente perde muito tempo com coisas e situações que não valem a pena.

Tiago para no semáforo e me fita, eu sorrio e ajeito o cabelo atrás da orelha.

— E por que você não começa a colocar isso em prática, então?

— Por que a vida é muito burocrática.

— Muitas regras, muitos deveres, pouca diversão — termino a frase com uma piscada.

— Exatamente. — Ele sorri e volta a prestar atenção no trânsito. — A gente deveria fazer alguma loucura.

Eu rio.

— Tipo?

Ele dá de ombros, reparo no jeito que o cabelo dele cai sobre os olhos, ele ajeita.

— Não faço a mínima ideia, mas vou pensar sobre isso.

— Certo, só me avise antes, tudo bem?

Ele ri. O som da sua risada é gostoso.

— Com certeza, e você também poderia me ajudar pensando em alguma coisa.

*Loucuras com você eu já imagino todos os dias.*

— Eu não sei se isso seria uma boa ideia...

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê?

— Se eu for sugerir uma loucura recomendo encontrarmos mais uma pessoa e partirmos em busca das horcruxes.

Ele ri novamente. Eu me aproximo e completo em um sussurro.

— Ouvi dizer que o Lorde das Trevas está voltando...

Tiago para novamente em um semáforo e se vira para mim. Seu rosto tão perto do meu que consigo sentir sua respiração.

— Não podemos partir em uma saga para destruir o anel e salvar a Terra Média das mãos de Sauron?

— É uma boa opção. Droga, você me deixou indecisa.

Ele sorri, o semáforo abre, Tiago volta a prestar atenção no trânsito e me afasto.

— Melhor se decidir logo — ele exclama, me dando um sorriso devastador. — Preciso me preparar para a jornada.

— Levando em consideração que não somos bruxos e nem hobbits é muito provável que falharemos em nossa aventura.

— Quanto pessimismo...

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Realismo.

Ele ri.

— Adoro conversar com você.

— É recíproco.

O tempo passa tão rápido que eu demoro a perceber quando chegamos a minha casa. Eu agradeço a carona e abro a porta do carro enquanto o ouço dizendo:

— Te vejo amanhã.

Assinto e desço do carro com um sorriso bobo que me acompanharia pelo resto do dia toda a vez que eu pensasse em Tiago.

Entro em casa e não há ninguém, meus pais estão trabalhando e o almoço está pronto na geladeira, eu o esquento no micro-ondas, como e subo para o meu quarto. A luz do celular piscando ilumina o cômodo, provavelmente é Victor. Eu pego o celular e vejo que estou certa, respondo e não muito tempo depois ele me liga.

— Acabei de ver o trailer de um filme que parece ser legal, quer ir comigo?

— Quando?

— Quarta depois da sua escola, te pego lá.

— Combinado, me manda o nome do filme depois, vou procurar o trailer.

## PERIGOSAS ACHERON

— Fechado.

Desligamos e ele me manda o título. Tomo um banho e pego meu caderno de português para fazer a redação na casa da Bia. Vou para o ponto de ônibus e quase uma hora depois chego ao meu destino. Marcela me recebe a porta, me cumprimenta e avisa que Bianca está me esperando no quarto dela. Assim que entro Bianca levanta-se da cama.

— Chapeuzinho Vermelho! Querida! Há quanto tempo! Como vai a vovozinha? — Ela me abraça de forma exagerada e me dá três beijos nas bochechas. Em suas mãos um bloco de papel.

— Já decorou as falas?

— Algumas, você demorou tanto.

Ela pega outro bloco de papel e me entrega.

— Pode abrir na página sete.

Eu abro, começamos a ensaiar. No começo eu me embolo um pouco com as falas, mas logo pego o jeito. Bianca anda de um lado para o outro pelo quarto gesticulando para uma plateia inexistente, eu estou muito cansada para fazer isso. Digo cada fala com entusiasmo, mas sentada no conforto de sua cama. Quando me dou conta já é hora do jantar e tenho que ir embora.

— Quando é o teste? — pergunto antes de nos despedirmos.

— Amanhã.

— Meio em cima.

Ela acena.

— Eu não tinha visto o aviso antes.

— Que horas?

— Às seis horas, antes da primeira aula.

Eu suspiro e reviro os olhos.

— Tá bom, te encontro lá.

Bianca sorri e dá um pulinho de felicidade, eu sorrio de volta, nos despedimos e vou até o ponto de ônibus.

Quando chego em casa meus pais já chegaram. Nós jantamos e eu os abordo sobre o show do Imagine Dragons, demoro um tempo para convencê-los porque o preço dos ingressos é um pouco abusivo, mas depois de muito insistir e prometer lavar a louça todos os dias por um mês eu consigo o que queria.

Assim que volto ao quarto a primeira coisa que faço é mandar uma mensagem ao Tiago dizendo que vou ao show, a segunda é perguntar a Bia se ela também vai e a terceira marcamos de ir todos juntos almoçar no shopping e depois comprar

# PERIGOSAS NACIONAIS

os ingressos.

Eu deito em minha cama, satisfeita com os resultados do dia, mas antes de dormir entro no site da escola e tenho uma ideia.

# PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 5 - Aproveite o dia

*“I found you here, now, please, just stay for a  
while*

*I can move on with you around”[\[5\]](#)  
Avenged Sevenfold – Seize the Day*

Acordo vinte minutos antes do horário para sair de casa, me arrumo rapidamente, mando uma mensagem para Tiago cancelando a carona e corro para o ponto de ônibus.

O teste para a peça de teatro acontecerá na sala 10, de acordo com site da escola, atravesso o pátio e corro pelo corredor. Chego à sala cinco minutos antes do horário combinado.

Assim que entro e vejo Bianca percebo que há algo diferente, ela está na sala conversando com um grupo de garotas, eu aceno para elas cumprimentando-as e sento em uma das cadeiras. Reparo em uma lista pregada na lousa com o nome dos participantes para o teste. Bia, algum tempo depois, senta-se na cadeira ao meu lado, mas não diz uma palavra.



## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi? — pergunto depois de um tempo.

Bia me olha com o canto de olho e responde com desdém.

— Nada, estou normal.

— Normal? — respondo com um sorriso e me viro para ela. — Você não falou comigo desde a hora que eu cheguei.

— Você não pensou em me contar que também se inscreveria para o teste.

Rio e dou os ombros.

— Ah, eu já iria estar aqui hoje, achei que seria divertido.

Bianca revira os olhos.

— Divertido...

— Qual o problema?

— Nós passamos a tarde inteira ensaiando, você sabe o quanto eu quero esse papel! — Bianca franze a testa e gesticula enquanto fala. — Você deveria estar aqui me apoiando e não competindo comigo.

— Bia, para de ser boba eu não vou competir com você. — Eu coloco uma mão em seu ombro, ela desvia. — Vou fazer o papel da Chapeuzinho Vermelho, relaxa.

## PERIGOSAS ACHERON

Bianca sorri com desdém e levanta da cadeira.

— Você escolhe o papel para o teste, quem escolhe o papel para a peça é o professor, ou seja, você está competindo comigo.

Bianca pega a mochila e senta a algumas cadeiras de distância, logo em seguida o professor de teatro chega e senta-se à mesa.

— Bom dia, meu nome é Eduardo e vamos começar logo porque já estamos atrasados — ele diz enquanto abre uma pasta e puxa um papel. — Começamos pelos últimos: Yasmin Bettini.

Eu levanto da cadeira e me dirijo à frente. Sinto a garganta ficando seca e o rosto ardendo.

— Quem você irá interpretar?

— Chapeuzinho Vermelho.

— Preciso de uma Branca de Neve — diz o professor dirigindo-se à turma.

Eu olho para Bianca, ela desvia o olhar. Uma garota morena levanta-se e para ao meu lado.

— Muito bem, podem começar.

A garota começa e continuo com a minha fala, interpretamos por cinco ou dez minutos. Eduardo faz anotações a todo o momento, nos agradece e chama a próxima dupla. Bianca é uma

das últimas a se apresentar, ela estala os dedos enquanto espera para começar. Eu sei que está nervosa, mas não posso dizer nada para acalmá-la.

Bianca começa a apresentação e está indo muito bem. Até o momento em que esquece a fala e começa a gaguejar. Ela suspira, não consegue continuar, pede desculpas e senta-se novamente na cadeira.

O professor termina de fazer suas anotações e levanta-se da cadeira.

— Muito obrigado pela presença de vocês, vou deixar um papel com o nome dos aprovados e seus respectivos papéis colado na porta dessa sala, estará disponível na hora do intervalo.

Todos se levantam e eu vou até Bianca.

— Bia...

Ela vira de costas, me ignora e sai da sala. Eu suspiro, derrotada e sentindo um aperto no peito. Culpa. Pego minha mochila e vou para minha sala.

Bianca faz anotações e evita me olhar, não a forço. Abro o livro que estava lendo para me distrair até o professor chegar. Ricardo, o professor de matemática, chega alguns minutos depois,

De terça-feira a aula de matemática é dupla

Ricardo é um dos melhores professores de matemática que eu já tive, ele explica maravilhosamente bem, mas apesar de tudo, matemática continua em último lugar na minha lista de preferência pelas matérias.

Quando o sinal bate indicando o final da aula e o começo da aula de química eu tento conversar com Bianca novamente.

— Bia me desculpa.

— Eu nem sei o que te dizer, Yas.

— Não fiz para te magoar, só achei que seria divertido participarmos.

— Realmente, se tivéssemos conversado sobre isso antes, se você tivesse manifestado interesse. Agora, você não está nem aí para o teatro, sempre criticou as peças da escola e agora que eu decido participar você quer fazer o teste. Estranho isso, não?

Eu abaixo olhar, não sei o que responder.

— Bia, não foi de propósito.

— Yasmin, me deixa!

Seu rosto está vermelho em raiva e o tom de voz alterado. A sala inteira vira-se para nos olhar, inclusive o professor que está começando a escrever na lousa, é incrível como eu nunca o vejo

entrar na sala. Abaixo o olhar e finjo que estou escrevendo. Nesse momento ouço o som de uma mesa sendo arrastada e minha atenção se volta para frente da sala.

— Yasmin, você poderia, por favor, sentar aqui? — o professor Fabrício me pergunta com ar de quem está com pouca paciência.

Eu pego meu material com o rosto em chamas. Sento na carteira que o professor indicou com lágrimas nos olhos, a expressão fechada e espero a aula acabar.

Assim que o sinal do intervalo bate eu sou uma das primeiras a sair da sala, sento em um banco próximo e abro o meu livro para recomeçar a ler enquanto tento comer algumas bolachas que trouxe na bolsa. Bianca passa por mim acompanhada pelas mesmas garotas que ela conversava anteriormente e sem nem ao menos me olhar. Sinto-me péssima.

Algum tempo depois percebo alguém sentando ao meu lado, com o canto dos olhos e vejo que é Tiago, mas nem ao menos ele poderia trazer de volta meu bom humor.

— Oi — ele me diz.

Eu respondo, sem tirar os olhos do livro.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem?

— Estou, por quê? — Levanto o olhar e encontro com o dele.

— Nada, é só sua expressão.

Não respondo e volto a fitar meu livro.

— Bom, não quero atrapalhar, então depois a gente se fala.

Eu suspiro e fecho o livro.

— Desculpe. Você não tem culpa.

Tiago se aproxima um pouco mais, sinto o cheiro do seu perfume.

— Quer conversar?

Eu o olho um pouco confusa, não sei como explicar o que está acontecendo, demoro algum tempo até voltar a falar.

— Dei mancada com uma amiga.

Ele ergue a sobrancelha.

— Com aquela sua amiga que foi com a gente na festa?

Faço que sim.

— Tenso.

— É.

— Mas vocês vão se entender, tenho certeza.

Tiago sorri e finalmente consegue arrancar

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso meu.

— Espero que sim.

— Ainda vamos comprar o ingresso para o show do Imagine Dragons, certo?

— Vamos.

— Então, te vejo daqui a pouco. — Ele me dá um beijo no rosto antes de se afastar.

Eu fico um tempo o admirando enquanto ele caminha, Tiago coloca as mãos nos bolsos e isso só o deixa ainda mais charmoso. Levanto de onde estou e vou até a sala 10 verificar os nomes aprovados para a peça.

Bianca está ao lado da porta conversando e assim que me aproximo exclama:

— Parabéns, Dona Branca Encantado.

*Droga.*

Ela mantém os braços cruzados, um olhar acusador e um sorriso de desdém que começa a me incomodar. Passo o olhar sobre a lista, meu nome é o primeiro, acho o de Bianca ao final da lista, ela pegou o papel de uma das bruxas: Malvada. Sei que as bruxas não possuem muitas falas.

O sinal bate novamente. Desvio o olhar de Bianca, não a respondo e volto para a aula de química.

## PERIGOSAS ACHERON

No meio da aula eu recebo uma mensagem de Victor e discretamente respondo algumas vezes, a conversa não é muito profunda, apenas conversamos sobre o dia e se está tudo certo para nos encontrarmos amanhã, respondo que sim e não conversamos mais.

A aula de química acaba e logo começa a de artes, seguida por geografia, mas tudo o que eu quero é que essas aulas acabem logo pra eu ir embora.

Quando finalmente a professora de geografia se despede eu saio e espero por Tiago, Bianca passa por mim me ignorando novamente e aquilo está acabando comigo.

Tiago logo aparece com mais dois amigos, Gustavo, que havia ficado com Bia na festa e Samuel, ainda existe um clima um pouco tenso entre nós dois depois do sábado. Entramos no carro, Tiago vai buscar a namorada na casa dela e depois nos dirigimos à livraria onde os ingressos estão sendo vendidos.

Amanda continua com o mesmo jeito da festa, fala alto, parece estar o tempo todo animada e querendo chamar atenção. Sempre que tem a oportunidade se aproxima de Tiago procurando



carinho, mas raramente ele retribui. Apesar de seu bom-humor ela não parece natural, como se estivesse forçando aquela situação, aparentemente eu não sou a única a perceber isso já que nem mesmo os amigos de Tiago conversam muito com ela e Amanda fica praticamente o caminho inteiro falando sozinha.

A livraria fica dentro do shopping, então assim que chegamos vamos à praça de alimentação para almoçar. Já que ninguém tem muito dinheiro e queríamos comprar os ingressos logo, escolhemos almoçar em um restaurante fast-food. Todos concordam, menos Amanda que reclama sobre o quanto aquele lugar é nojento e as histórias que já havia ouvido sobre como os lanches são feitos.

— Você pode comer em outro lugar se quiser — sugere Tiago.

— Mas eu vou ir sozinha? — ela pergunta, erguendo uma sobrancelha.

— Qual o problema?

— É, nem o meu namorado me acompanha nas minhas escolhas, mas tudo bem... Pode ficar com os seus amigos, eu vou sozinha!

Tiago suspira, claramente cansado.

— Tudo bem, eu vou com você. Onde você

quer comer?

Amanda abre um sorriso, o abraça e segue para a direção que queria. Eu, Gustavo e Samuel seguimos para o fast-food.

— Nossa, não dá para sair com os dois — disse Samuel, enquanto caminhávamos.

— É sempre assim, ela reclama e ele faz tudo o que ela quer — completa Gustavo.

Eu prefiro não comentar, e enquanto aguardamos na fila Gustavo e Samuel conversam um pouco comigo para não me deixarem deslocada. Quando já estávamos quase terminando nossos lanches Amanda e Tiago voltam com os seus pratos.

Quando eles acabam o almoço nós finalmente vamos para a livraria comprar os ingressos. Enquanto caminhamos Amanda se afasta um pouco de Tiago e se aproxima de mim.

— Qual é o seu nome mesmo? — ela me pergunta.

— Yasmin — respondo.

— Ah, é verdade, desculpe Yasmin, mas não sou muito boa com nomes.

Ela diz com um sorriso, mas por mais que ela tente não consigo acreditar em sua simpatia.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem — assinto.

— Você estuda na mesma escola que o meu namorado, né?

Eu não sei se é impressão minha, mas tenho quase certeza de que ela deu ênfase maior na palavra “meu”.

— Sim.

Ela sorri novamente e pega no meu braço diminuindo o passo e deixando os garotos andando mais à frente.

— Então, me diz uma coisa, como o meu namorado é lá na escola?

— Como assim? — eu pergunto de volta, confusa.

Ela suspira.

— Como ele age lá? Se há muitas garotas dando em cima dele, porque você sabe, né? Ele chama atenção.

Minha vez de erguer a sobrancelha.

— Você deveria perguntar isso a ele, não?

— Eu pergunto, mas ele é meio reservado e se irrita quando eu o questiono sobre essas coisas.

*Eu também me irritaria, afinal, você não confia nele?* Eu tenho vontade de perguntar.

— Olha, eu não sei muito bem o que dizer

## PERIGOSAS ACHERON

— Ela me colocou em uma situação complicada —, mas o Tiago é um garoto super na dele, você não precisa se preocupar com isso.

Ela ri.

— Claro, eu sei! Não me preocupo com isso não, é mais curiosidade, sabe? Porque é sempre bom ficar de olho na concorrência.

Ela pisca e eu sorrio, um sorriso amarelo e sem graça.

— Bom, mas agora que somos amigas...

*Ah, nós somos?*

— Se você presenciar alguma situação estranha com o Tiago ou souber de alguma coisa me avisa. — Ela sorri e se aproxima me dando um abraço.

— Claro.

Eu concordo, mas de uma coisa eu tenha absoluta certeza: quero aquela garota longe de mim. Nós voltamos a acompanhar o resto do grupo, Amanda está muito sorridente e eu volto calada, aquele está sendo um dia muito estranho. Tiago percebe e chega a questionar o que estávamos conversando.

— Coisas de mulher — Amanda responde.

Não sei o que ela quer dizer com isso, mas

eu não classificaria assim a nossa conversa.

Quando finalmente chegamos à livraria compramos nossos ingressos. A alegria parece voltar ao meu rosto e por alguns segundos eu esqueço toda a confusão daquele dia. Eu iria para o show do Imagine Dragons e aquilo é algo para deixar o humor de qualquer um bem melhor!

Logo depois vamos embora, Tiago segue em frente com Amanda enquanto eu vou atrás com os meninos. Durante o caminho da volta os garotos conversam sobre o campeonato de futebol da escola que seria no próximo mês. Eu nunca fui fã de esportes, permaneci em silêncio até minha casa e Amanda também.

Atravesso a porta de casa me sentindo cansada e louca por um banho. Eu entro no chuveiro e enquanto a água cai relembro alguns momentos com Bianca e todas as coisas pelas quais passamos. Talvez fosse melhor conversar com ela na manhã seguinte e tentar esclarecer qualquer mal-entendido. Aquela briga não valia a pena.

Saio do banho decidida, envio um e-mail para o professor Eduardo me desculpando e informando que não posso participar da peça. Sei que isso não resolve a situação, Bianca ainda não

## PERIGOSAS NACIONAIS

teria o papel que queria, mas ela estava certa, eu não gosto do teatro e seria injusto tomar o lugar de outra pessoa.

Recebo mais tarde uma solicitação de amizade de Amanda no Facebook. Aceito a contragosto e passo o resto da tarde fazendo a lista de indicações de livros que prometi para Tiago, enquanto troco algumas mensagens com Victor, ele parece ser um cara legal, mas não temos muitos assuntos em comum, nas poucas vezes que conversamos eu descobri que ele faz faculdade de engenharia de produção e está participando de um processo de seleção para um estágio.

À noite, quando meus pais chegam em casa, nós jantamos. Eles perguntam como foi meu dia, eu respondo vagamente e eles fazem o mesmo quando devolvo a pergunta. Depois do jantar eu lavo a louça como prometi e vou para o meu quarto ler e depois dormir.

Tenho um pressentimento que o dia seguinte será turbulento.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 6 – Melhores Estranhas

*“Cause I'm a thousand miles from danger if I  
make a better stranger”[\[6\]](#)  
Royal Blood – Better Strangers*

A quarta-feira amanhece nublada, eu e Victor vamos ao cinema depois da escola, então capricho no visual e levo outra blusa para depois trocar pela do uniforme. Antes de sair de casa um frio na minha barriga começa a surgir imaginando a conversa que terei com Bianca. Tranco a porta e espero por Tiago do lado de fora. O sol começa a surgir no céu, abrindo espaço por entre as nuvens. Ele chega logo depois. Sorrio e entro no carro.

— Trocou o carro? — Aconcheço-me no banco e não sinto falta do couro gelado.

— Sim, esse é o meu.

Ele sorri e abre os vidros.

— Comecei uma série ontem e me lembrei de você

— Ah, é? — respondo, surpresa, e amarro

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

os cabelos por causa do vento.

— Sim, ficção científica no estilo dos livros que você costuma ler.

Eu sorrio. Fico feliz em saber que ele não só repara em meus gostos, mas lembra de mim quando não está comigo.

— Me passa o nome depois.

Ele assente.

— E falando nisso — continuo abrindo a minha mochila e tirando uma folha de papel — aqui está a lista dos livros que lhe prometi.

— Ah, que bom que lembrou, já estava prestes a te cobrar — diz, erguendo as sobrancelhas.

— Duvido muito, aposto que tinha se esquecido...

Ele ri.

— Tem razão, eu esqueci.

O carro para no semáforo, ele abre o papel e passa o olhar pela lista brevemente.

— Alguns aqui eu já li, mas pelo tamanho dessa lista tenho indicações pelos próximos dois anos. — Ele gesticula e mantém as sobrancelhas arqueadas.

Eu abaixo o olhar.

## PERIGOSAS ACHERON



— É, acho que exagerei um pouco.

Tiago vira-se para mim, nos fitamos por alguns momentos, ele sorri.

— Relaxa, estou brincando. Muito obrigado pelas indicações.

Sorrio de volta, ele volta a prestar atenção no trânsito.

— Então, o que vai fazer hoje à tarde? Podíamos ir a uma livraria comprar alguns desses livros, o que acha?

— Hãn, eu gostaria muito de ir, mas já tenho um compromisso para hoje.

Eu o olho com o canto dos olhos, vejo que ele ficou um pouco sem graça com a informação. Se eu pudesse ligava para Victor agora e cancelava nosso encontro. Passar a tarde em uma livraria com Tiago é um programa muito melhor.

— Ah, sem problemas a gente pode ir outro dia.

— Claro! Vamos sim.

Eu sorrio e Tiago retribui da mesma forma.

— Ah, sobre ontem — ele continua —, eu não sei sobre o que você e a Amanda conversaram, mas você pareceu um pouco chateada, então, desculpe qualquer coisa, ela é meio impulsiva às

vezes, fala sem pensar.

Eu balanço a cabeça.

— Não foi nada demais.

Chegamos à escola e ele estaciona o carro. Desço e percebo alguns olhares para nós. Andar com o cara mais popular no colégio é algo que chama uma atenção indesejada.

Dirijo-me a minha sala, Bianca ainda não está lá, ela quase sempre chega primeiro, justamente naquele dia eu tenho que esperar.

Não demora muito para ela aparecer, Bianca entra na sala, seus olhos se encontram com os meus, porém ela vira o rosto, finge que não me vê e, em vez de sentar-se ao meu lado como sempre faz, coloca sua mochila em outra cadeira e sai da sala.

Eu fico boquiaberta com a situação.

Ela volta à sala quando o professor de história, Leonardo, chega. Ela senta na carteira que tinha escolhido e percebo que está rodeada pelas mesmas garotas com que conversava no dia anterior.

Ao meu lado, no lugar que antes era de Bianca, está sentada Caroline Watanabe, ela é descendente de japoneses e estamos na mesma sala

## PERIGOSAS NACIONAIS

há bastante tempo, apesar disso, conversamos pouquíssimas vezes. Ela sorri para mim, sorrio de volta.

Quando o sinal do intervalo toca e todos saem eu vou até Bianca.

— Preciso conversar com você.

Tento tocar no braço dela e ela se afasta.

— Eu não — responde seca, sem me olhar.

— Sério, Bia.

As novas amigas de Bianca saem da sala e me deixam a sós com ela. Ela suspira.

— Fala.

Bianca tem os braços cruzados e o olhar de desdém.

— Não tem porque você me tratar assim

— Não? — Ela ergue a sobrancelha.

— Não — fecho e abro os olhos, tento me recompor —, o que eu quis dizer é que é algo simples, não precisamos brigar. — Bianca desvia o olhar. — Eu mandei um e-mail para o professor Eduardo ontem, não vou participar da peça.

— Ah, claro! E você acha que agora ele vai me dar o papel? — Ela sorri, sarcástica.

— Não, mas...

— Yas, eu não sei o que deu em você esses

## PERIGOSAS ACHERON

dias, mas você tá meio estranha. Não conversa comigo direito, não me conta seus planos, eu não sei o que tá rolando entre você o Tiago, se você ainda tá com o Victor ou não. Você não me conta as coisas.

— Bia...

Eu me aproximo, Bianca se afasta.

— E você saiu para comprar o ingresso para o show ontem e nem perguntou se eu queria ir.

— Você não tava conversando comigo — respondo irritada.

— Por que eu perdi o papel que queria por sua causa.

Bianca mantém um olhar acusador. Eu balanço a cabeça.

— Não foi por minha causa.

— Eu não vou ficar aqui discutindo com você.

Bianca passa por mim, esbarrando no meu ombro e sai da sala. Eu suspiro, sento em uma das cadeiras e fecho os olhos. Só quero abri-los e descobrir que tudo foi um pesadelo.

Quando termina a aula eu saio para me arrumar e depois corro para encontrar Victor que me espera no portão da escola. Eu entro no carro e

## PERIGOSAS NACIONAIS

o cumprimento, Victor me dá um beijo e nós saímos. Durante o caminho ele pergunta sobre o meu dia e como foi a minha aula.

*Vamos ver, as aulas foram um saco e eu destruí a relação com a minha melhor amiga. Foi um ótimo dia!*

— Normal — respondo.

As nossas conversas sempre parecem mecânicas.

— Sabe aquele estágio que te falei?

Eu faço que sim.

— Começo no próximo mês — ele me diz com um sorriso.

— Que legal! — Sorrio de volta. — Parabéns!

— Estou bem ansioso. — Ele continua com brilho nos olhos. — É uma ótima oportunidade para começar minha carreira.

Eu concordo. Victor sorri e coloca uma de suas mãos na minha perna. Eu delicadamente cruzo as pernas e tiro sua mão.

Ele continua falando sobre a sua faculdade e devo dizer que eu me perco algumas vezes durante a fala dele pensando sobre mim mesma. Eu não tenho muita certeza sobre o que fazer com o meu

## PERIGOSAS ACHERON

futuro, sempre que penso em algum curso de faculdade encontro tantas opções que não consigo decidir. Como se estivesse lendo os meus pensamentos, Victor me pergunta que curso eu gostaria de cursar na faculdade, eu sorrio pensando na coincidência e na minha incerteza.

— Não tenho certeza, jornalismo, ou quem sabe relações internacionais. — Eu rio. — Se nada der certo vou para o curso de administração.

Ele também ri.

— Normal para a sua idade não ter essas certezas.

Eu franzo o cenho, não gosto do comentário.

— Nossas idades não são tão distantes.

Ele dá de ombros e me ignora.

— Nunca faria nenhum dos cursos que mencionou. Área de humanas nunca foi algo de que gostasse.

— Cada um escolhe aperfeiçoar aquilo que tem de melhor — concluo.

Ele acena concordando.

— Você já pensou em não cursar uma faculdade?

Eu o olho, confusa, aquela ideia nunca tinha

passado pela minha cabeça e soou tão absurda quanto estranha.

— Não.

— Nunca ficou em dúvida?

— A faculdade me garantia um bom emprego, com um bom salário, então, não, nunca fiquei em dúvida.

— Hum... — Ele balança a cabeça e acena, mas não como se concordasse comigo e, sim, como se estivesse analisando a minha resposta. — Mas a troco de quê?

— Como assim? Você é o universitário, deveria ter essa resposta.

— É verdade, talvez você não entenda onde eu quero chegar.

Eu franzo o cenho. Ele está me irritando. Pela segunda vez insinua que eu não tenho maturidade suficiente para alguma coisa, Victor percebe a minha expressão e com ar de superioridade começa a se explicar.

— Nós trocamos o nosso tempo por dinheiro, mas tempo é uma coisa rara e extremamente escassa, deveria ser gasto com coisas importantes, experiências diferentes e novos ensinamentos. Nada contra você querer fazer uma

faculdade por dinheiro, para ter um bom emprego, mas você deveria fazer isso porque gosta independente de quanto você irá receber de salário depois. Trabalhar por dinheiro, não vale a pena.

Eu fico em silêncio, processando aquelas palavras.

— Mas e se eu fizer um curso e não conseguir emprego nenhum na área? Você fala isso, mas escolheu engenharia de produção, engenheiros ganham bem, todo mundo sabe disso.

— Um engenheiro ganha bem se ele souber trabalhar bem, para isso você precisa gostar. Posso até dizer que no meu caso foi uma questão de sorte, eu escolhi fazer uma faculdade que gosto e que me garante um bom emprego. Mas, sinceramente não importa o curso, se você gostar do que faz e fizer bem feito, você irá se destacar, se destacando você tem um bom salário.

Eu aceno.

— Parece fácil...

Ele ri.

— Nem sempre, mas em resumo: não trabalhe por dinheiro.

Eu concordo, de qualquer forma soa muito simples aquela frase: “não trabalhe por dinheiro”,



acho engraçado como as pessoas gostam de ditar regras sobre a vida alheia.

Nós chegamos ao shopping compramos o ingresso e fomos comer enquanto a sessão não começa. Victor escolhe almoçar pizza e eu o acompanho. Nós pedimos, esperamos, comemos, compramos pipoca e entramos na sala para assistir o tão comentado filme.

Eu já tinha lido algumas resenhas, cuidadosamente escolhidas para não correr o risco de ler algum spoiler e já sei o que esperar: explosões, perseguições, adrenalina e mulheres mostrando como se faz uma boa luta.

Logo que sentamos na cadeira Victor começa a me beijar e quando o trailer começa, ele não mostra intenção de parar. Começo a pensar em como fui ingênua em achar que realmente iria assistir ao filme. Suas mãos passam pelas minhas pernas com intenção de quererem subir um pouco mais e é exatamente nessa hora que o filme começa. Eu tiro a mão dele da minha perna e o empurro de leve.

— O filme vai começar — sussurro.

Ele ergue uma sobrancelha e se endireita na cadeira. Não muito depois tenta me beijar

novamente e colocar sua mão em mim, eu o empurro de novo e olho para tela, querendo que ele entenda.

— Sério que você gosta desse tipo de filme?  
— ele pergunta.

— Que tipo de filme?

— Com lutas e explosões, não parece muito a sua cara.

— Com base no que você diz isso?

Ele encolhe os ombros e se endireita novamente. Eu ainda fico alguns segundos fitando-o, incrédula, para depois voltar a olhar a tela do cinema, tento ignorar e esquecer que ouvi aquilo, mas não consigo.

— Você me convidou para ver um filme que achou que eu não gostasse?

— A ideia não era ver o filme.

Eu suspiro inconformada. A mão dele, que está sobre a minha, começa a pesar, com a desculpa que preciso arrumar o cabelo tiro a minha mão e não a retorno mais.

Depois que o filme acaba, nós vamos embora e Victor me leva para casa. Durante quase todo o caminho ele fala sobre seus feitos na faculdade, as notas maravilhosas que tira e algumas

## PERIGOSAS NACIONAIS

aventuras com amigos. Eu apenas sorrio e aceno. Confesso que não me lembro da metade da conversa. Até ele mudar o foco para mim:

— Você sempre vai com esses shortinhos para a escola?

Eu franzo o cenho.

— Se está calor, sim.

— Agora que a gente tá saindo isso vai ter que mudar, né?

Eu ri.

— Não.

— Vai ficar mostrando as pernas na escola para que? Se está saindo comigo não precisa chamar atenção de homem.

— Não faço isso para chamar atenção.

Ele ri. Não digo mais nada.

Sinto um alívio quando chego em casa. A situação estava me deixando um tanto quanto desconfortável. Nos despedimos e combinamos de conversar mais tarde por mensagens.

Eu passo pela sala cumprimento meus pais que estão vendo TV e vou para o meu quarto, deito na cama e pego o celular, percebo que tem uma mensagem, inicialmente acho que é de Victor, mas quando abro tenho uma surpresa boa, é de Tiago.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

“Não perca a hora amanhã.”

“De jeito nenhum.” — respondo.

# PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 7 – Preciso de alguém

*“You know that I could use somebody  
Someone like you, and all you know, and  
how you speak”*[\[7\]](#)

*Kings of Leon – Use Somebody*

Assim que Tiago me manda uma mensagem informando que chegou, pego minhas coisas e saio. Entro no carro, o perfume dele domina o ambiente e “Speed of Light” do Iron Maiden toca no rádio.

— Você viu o clipe dessa música? — pergunto enquanto dou um beijo em seu rosto, cumprimentando-o.

— Vi sim, é muito legal o jeito que eles mostram a evolução dos games.

— Uma das minhas bandas favoritas.

Tiago sorri, o carro para no semáforo, sinto a mão de Tiago encostando na minha, abaixo o olhar e vejo nossos se entrelaçarem. Ergo os olhos e ele me fita, sinto meu coração acelerar. Não tenho certeza do que está acontecendo aqui. O semáforo

## PERIGOSAS NACIONAIS

abre, seus dedos se afastam e ele volta a prestar atenção no trânsito.

— Ah, comprei um dos livros que você me indicou ontem, vai chegar em três ou quatro dias.

— Espero que goste.

— Se você indicou tenho certeza de que irei gostar.

Nossos olhares se encontram novamente, sinto um arrepio correndo minha espinha, enquanto ele sorri. Ele desvia o olhar. Imagino o que deve estar pensando, mas não pergunto.

Ajeito o cabelo e volto o olhar para janela. A música acaba, outra banda começa a tocar.

— Conseguiu se acertar com a sua amiga?

Franzo a testa e faço que não.

— Assunto ruim?

— Muito ruim — respondo com um sorriso amargo, e ele muda de assunto.

Conversamos sobre músicas até chegar à escola, minha mão continua no mesmo lugar em que ele deixou, mas nossos dedos não voltam a se encontrar. Nos despedimos e sigo para minha sala. Sento em minha carteira e, enquanto aguardo o professor chegar, tiro o livro da bolsa.

— Adoro esse livro!

## PERIGOSAS ACHERON

Quando eu ergo o olhar percebo que é Caroline quem fala comigo, por um instante me esqueci que ela havia trocado de lugar com Bianca. Ela coloca a mochila no chão e senta-se ao meu lado. Solto um sorriso.

— Leu faz tempo? — pergunto.

— Umas duas semanas — ela tira um livro da bolsa e continua —, agora estou lendo esse. — Ela vira a capa para mim.

— É bom?

— Estou gostando muito.

Eu sorrio e penso em dizer algo quando minha atenção é desviada para o outro lado da sala onde Bianca ri de uma maneira exagerada e comenta algo com suas novas amigas. Abaixo a cabeça e volto a ler o livro.

Durante a terceira aula que é de história com o professor Leonardo, nós fazemos um trabalho de pesquisa em dupla e eu e a Caroline nos damos muito bem, o tempo passa rápido e a conversa flui.

A última aula é de física e acaba um pouco mais cedo. Mando uma mensagem para Tiago e vou para o ponto de ônibus. Chegando em casa almoço, tomo um banho e decido ir até a casa de

Bianca.

Demoro em torno de quarenta minutos para chegar. Assim que toco a campainha Bianca abre a porta, com um sorriso que logo se desfaz quando percebe que sou eu.

— Não sabia que você tinha sido convidada.

Ouçó risadas do lado de dentro. Dou de ombros.

— Não fui. Vim conversar com você.

Bianca revira os olhos.

— Mas posso voltar outro dia.

Ouçó vozes, não consigo entender o que dizem. Ela abre um sorriso.

— De forma alguma, já que está aqui. Pode entrar.

Bianca abre passagem. Entro e vejo as novas amigas dela sentadas na sala, todas estudam na mesma sala que eu e me encaram com sorrisos, garrafas de bebidas estão em cima da mesinha no centro. Uma das meninas fuma um baseado, aquele cheiro não sairá da sala tão cedo.

— Seus pais não estão?

Elas riem.

Bia não me responde, passa por mim, senta-



## PERIGOSAS NACIONAIS

se no tapete e faz um gesto com as mãos indicando para que eu me aproxime.

Não deveria ter vindo. Sento ao lado de Bianca, ela me passa um copo e o enche.

— Nós estávamos prestes a começar um jogo antes de você chegar.

Vejo os sorrisos e as risadas abafadas, as meninas que estavam no sofá descem e se sentam no chão formando uma roda envolta da mesa.

*Isso vai dar merda.*

— As regras são simples, nós continuamos a conversar normalmente, porém cada vez que alguém falar a palavra proibida que é a palavra “não” deve beber uma dose.

Ouçó mais risadas.

— Bia, eu não vim aqui para isso...

Ela suspira.

— Veio aqui para o que então?

— Conversar com você.

Bianca ergue os braços.

— Mas não é exatamente o que vamos fazer?

Ela ri, as outras meninas também.

— Prontas? — Elas acenam. — Então, vamos começar!

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, Yas — olho para Aline que está sentada do meu outro lado —, fiquei sabendo que você se inscreveu no teatro somente para ferrar com a Bianca.

— Isso é estupidez.

— Estupidez? — é Débora quem responde, viro o rosto, ela continua. — É óbvio que você estava com ciúmes da atenção que Bianca poderia ter.

— Isso não faz... Merda.

Elas riem, gargalham.

— Vira o copo — disse Bianca me olhando de canto de olho.

Eu viro e me levanto logo em seguida.

— Já chega, vou embora. — Olho para Bianca. — A gente conversa outro dia.

Bia encosta no sofá e relaxa a cabeça, uma das meninas lhe passa o baseado, ela traga antes de me responder.

— Claro, mas o jogo somente acaba quando a garrafa chega ao final, se quiser ir terá que tomar o resto.

A garrafa de tequila está na metade.

— Tá louca? Essa regra não existe!

Elas riem novamente.

## PERIGOSAS ACHERON

*Meu deus, como odeio esses jogos.*

Bianca volta a encher meu copo e me entrega, eu viro de novo.

— Senta aí que tá divertido. Ninguém sai antes da garrafa acabar.

Volto a sentar e a “brincadeira” continua, a cada frase eu sou atacada, passo a ignorar algumas perguntas e repenso cada frase antes de dizer, mas depois da terceira dose fica complicado dosar as palavras. No fim acabo bebendo mais cinco shots.

A garrafa de tequila chega ao fim e saio da casa da Bianca por volta das sete horas da noite cheirando a álcool e a maconha. Mal me despeço, depois de tantas horas sendo emocionalmente massacrada tudo o que quero é estar bem longe daquele lugar e daquelas pessoas.

No caminho para o ponto de ônibus tento entender se a Bianca sempre foi aquela pessoa ou se são as novas amigas que a transformaram. O enjoo interrompe meus pensamentos. Caio de joelhos no meio fio da calçada e coloco tudo para fora.

Tento me recompor alguns minutos depois. Ainda estou sentada na calçada quando sinto os pingos da chuva caindo em minhas costas. Não

## PERIGOSAS NACIONAIS

reclamo, deixo aquelas gotas me lavarem e tirarem de mim aquela sensação suja. Quando finalmente chego em casa estou ensopada. Minha mãe se preocupa comigo e diz que posso pegar um resfriado.

— Já vou tomar um banho quente —  
respondo, subindo as escadas.

— Onde você estava?

— Casa da Bia — respondo antes de fechar a porta.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 8 – No ar

*“I’ve been up in the air  
Out of my head  
Stuck in a moment of emotion I’ve destroyed  
Is this the end I feel?”* [\[8\]](#)  
*30 Seconds to Mars – Up in the air*

Amanheço com uma mensagem de Victor me convidando para uma festa nesse final de semana. Não respondo. Não estou muito animada para festas ou para encontrá-lo. Além disso, Tiago estará em minha casa daqui a pouco e preciso me arrumar.

Não muito tempo depois, desço as escadas e encontro Tiago, o cumprimento e entro no carro. Como sempre uma boa música tocava, mas não presto atenção. Meus olhos seguem o movimento dos carros e da paisagem pela janela e só percebo que chegamos à escola quando ele desliga o carro.

— Yas, você está bem?

— Sim, por quê?

Tiago franze o cenho.

— Certeza?

Solto um sorriso amarelado.

— Tenho sim.

Ele sorri, encantadoramente.

— Não acredito em você.

Encolho os ombros.

— É um direito seu.

Eu abro a porta do carro, mas sinto a mão de Tiago me puxando e em seguida me envolvendo em seus braços. Tiago me abraça e sinto cada músculo do meu corpo relaxar em seus braços. Sou envolvida naquela energia que só quer me acalmar e me fazer bem.

Gostaria que o tempo parasse.

O sinal bate, eu me afasto. Nossos olhares se encontram e ele desvia.

— Te vejo na saída?

— Sim — respondo, mordendo os lábios e saindo do carro.

O pátio da escola está praticamente vazio com todos os alunos em suas respectivas salas, eu vou para a porta da minha sala enquanto Tiago continua pelo corredor em direção a dele.

Eu sei que é errado, mas não consigo deixar de imaginar nós dois juntos. Aquele abraço se tornando algo mais. Balanço a cabeça afastando os

pensamentos. Não adianta fantasiar com algo que não irá acontecer.

Sento em minha carteira e Caroline sorri me desejando bom dia. Eu sorrio de volta.

— Fez o exercício de matemática? — pergunto.

Carol responde que sim.

— Pode me emprestar para comparar as respostas?

— Só comparar? — Ela ri.

— Juro que sim — respondo sorrindo e cruzando os dedos.

Ela tira uma folha do fichário e me entrega. Não muito depois o professor de matemática entra na sala. A aula passa devagar, em seguida química começa, e dessa vez é diferente já que meu nome não é dito nenhuma vez pelo professor. Até ele percebe o fato, seus olhos vem em minha direção a todo o momento buscando um motivo para me chamar atenção.

— Quer ir comigo à biblioteca? — Ouço Caroline dizer assim que o sinal bate. — Preciso devolver esse livro — ela continua apontando para o livro que me mostrou outro dia.

— Tudo bem.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho o caderno e me levanto, Carol sorri e saímos da sala. Do lado de fora uma garota morena, de cabelos cacheados, nos espera. Eu a vi algumas vezes, ela estuda na sala ao lado, mas eu não consigo lembrar seu nome de jeito nenhum.

— Oi, Cá — diz animada.

— Oi, Jú — responde Carol, dando-lhe um abraço

*Júlia! Esse é o nome dela.*

— Conhece a Yas? — continua Caroline, apontando para mim.

— Só de vista — ela responde sorrindo, e me cumprimenta.

Eu retribuo o sorriso e seguimos para a biblioteca. Assim que chegamos Samanta, a bibliotecária, nos recebe com um sorriso.

— Nossa, quanto tempo! Por onde estava? — ela pergunta, referindo-se a mim.

— Estou com uma pilha de livros não lidos em casa — respondo.

Samanta cruza os braços e ergue uma sobancelha.

— E daí? Eu tenho cara de livro por acaso? Não custa nada passar para dar um oi.

Eu rio.

## PERIGOSAS ACHERON



— Desculpe.

Ela descruza os braços e com um gesto de mão responde:

— Tudo bem, está perdoada, mas somente desta vez.

Caroline se aproxima do balcão, entrega o livro dela a Samanta que logo em seguida comanda a baixa do empréstimo no computador.

— Chegaram livros novos semana passada. Estão logo ali — diz a bibliotecária, apontando para uma das prateleiras.

Nós agradecemos, eu e Júlia ajudamos a Carol a escolher um livro novo e, antes de irmos embora, prometo a Samanta que volto em breve.

Voltamos para sala e, assim que sento em minha carteira e tiro o celular do bolso, percebo que tenho novas notificações. Desbloqueio a tela e me deparo com várias mensagens de Victor:

“Porque não me respondeu ainda?”

“O que você está fazendo?”

“Deu para me ignorar agora? Não sabia que você era dessas...”

As mensagens me assustam um pouco.

“Cara, calma” — respondo. — “Foi mal não ter respondido antes, estou na escola.”

## PERIGOSAS NACIONAIS

“Porra, faz horas que estou te esperando” — ele digita.

“Não dava para responder antes, já disse.”

“Vai na festa ou não?”

Eu não estou a fim de ir, mas sei que não tenho nada melhor para fazer e talvez fosse legal me distrair um pouco dos meus problemas.

“Vou”

“Que bom! Estou louco para te ver.”

A aula dupla de português acaba e o Augusto, professor de filosofia, quase me faz dormir na aula. Ao final, enquanto espero Tiago do lado de fora da sala, Bianca passa por mim sem me olhar. Eu penso em chamá-la para conversar, mas desisto.

Não vale a pena.

Tiago aparece, não muito tempo depois, com um sorriso terno nos lábios.

— Está melhor? — ele pergunta assim que entramos no carro.

*Sempre estou bem quando estou com você.*

— Sim.

Ele dá a partida no carro e saímos.

— Que bom — Tiago completa com um sorriso.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Nós ficamos em silêncio por um tempo, não sei o que dizer e, aparentemente, ele também não.

— E quando quiser — ele volta a falar — podemos ir até a livraria terminar de comprar os livros que me indicou.

— Combinado!

O tempo passa rápido até minha casa. Eu quero dizer algo, mas não sei o quê. Permanecemos ouvindo o som que sai do rádio.

— Se precisar pode me ligar a hora que quiser — ele disse, assim que chegamos.

Eu sorrio, surpresa, agradeço e desço do carro.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 9 – S.O.S (Qualquer coisa, menos amor)

*“So go on infect me  
Go on and scare me to death  
Tell me I ask for it  
Tell me I'll never forget  
You could give me anything but love”  
Apocalyptica feat. Cristina Scabia – S.O.S  
(Anything but Love)[\[9\]](#)*

Não ligo para Tiago. Não preciso, mas quero, chego a digitar o número dele na tela, porém não continuo. Não parece ser certo. O sábado amanhece e acordo cedo, passo a manhã assistindo alguns episódios de uma série e vou almoçar por volta das duas horas da tarde. Aviso a meus pais que vou a uma festa com a Bianca, oculto a verdade para tornar as coisas mais fáceis. Volto para meu quarto e o celular está tocando, é o Victor, atendo.

— E, aí? Tudo certo para hoje à noite?

— Sim.

— Tô bem ansioso para te ver hoje.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, eu também — minto.

— Acredita que ontem sonhei com você?

— Sério? — respondo, sentando em frente ao computador e abrindo o Facebook. — Um sonho bom, espero.

— Com você, como não seria?

Eu rio enquanto passo os olhos pela *timeline* dos meus amigos.

— Tá bom — respondo.

— Bom, te vejo mais tarde, então.

— Combinado.

Desligo e me jogo na cama. Tenho que admitir, não estou a fim de ir. Nem um pouco.

Abro um livro e leio até a hora de me arrumar. Coloco uma calça jeans, blusa de renda e um sapato de salto. Às 22:00 estou pronta e espero Victor do lado de fora da casa. Não quero que meus pais vejam com quem vou sair. Assim que o carro dele para, entro rapidamente. Victor me dá um beijo e nós saímos.

O local da festa é um pouco longe da minha casa, uma república perto da faculdade em que ele estuda e onde um de seus amigos mora. A festa já está lotada quando chegamos, Victor pega dois copos de bebida e andamos pelos cômodos.

## PERIGOSAS ACHERON

— Victor! Como você tá cara?

Nos viramos e encontramos um grupo de amigos de Victor.

— E aí, Iuri! — ele cumprimenta o amigo e as pessoas ao redor, me apresentando logo em seguida.

— Galera, essa daqui é a Yasmin.

Ele coloca sua mão em minhas costas, eu sorrio e os cumprimento. Muitos nomes para recordar.

Eles começam a conversar e o assunto que domina a roda é faculdade, trabalhos, provas e pessoas que conhecem em comum. Não estava por dentro de nenhum desses assuntos, me mantive quieta e bebendo para me distrair.

Assim que meu copo esvazia Victor, prontamente, o enche novamente, ato que se repete diversas vezes no decorrer da noite. Eu já estou com a visão turva e peço para ele parar, mas meu copo sempre volta a se encher. Dou alguns passos para trás e encosto na parede, sinto o chão tremer aos meus pés.

Victor se aproxima e diz algo em meu ouvido que não consigo entender. Ergo os olhos e tudo que consigo enxergar são sorrisos. Dele e de

seus amigos. Ele puxa meu braço e sobe comigo os degraus da escada.

Entramos em um dos quartos. Ouço o *click* quando a porta é trancada. O cheiro forte de incenso. As mãos de Victor puxam meu corpo próximo do dele. Nos beijamos e sinto seus dedos contra a minha pele, passando pela minha barriga e erguendo minha blusa.

— Para! — Viro o rosto e tento empurrá-lo.

Victor me abraça ainda mais forte, com a outra mão puxa meu rosto e volta a me beijar.

— Victor... — não consigo completar a frase, sinto sua língua em minha boca, ele termina de tirar minha blusa, não sei como conseguiu, não me lembro. — Me deixa sair.

Ele me ignora.

Victor me joga na cama e sobe em cima de mim, enquanto continua a me beijar, uma de suas mãos tenta abrir meu sutiã, tento afastá-lo, mas não tenho força para isso. Peço mais uma vez para ele parar.

— Relaxe — ele responde.

Ele tira meu sutiã e eu me cubro com os braços, tentando me esconder. Vergonha. Sinto lágrimas descendo do meu rosto e peço novamente

para ele me deixar sair.

— Por quê? A gente só está começando — ele diz enquanto morde minha orelha.

Suas mãos descem para o botão da minha calça, eu seguro o jeans. Victor tira minhas mãos e as levanta enquanto puxa minha calça com outra mão.

Eu paraliso e continuo chorando. Ele desabotoa sua calça. Sinto o gosto das minhas lágrimas, me viro e tento sair da cama, Victor me puxa pelo quadril. Sinto sua mão em mim e percebo que estou sem calcinha. Grito “não”... Acho que grito “não”.

NÃO.

Sim, grito, mas Victor me cala com mais um beijo.

Ele está em cima de mim novamente. Sinto sua língua pelo meu corpo e a repulsa seguida pela dor de quando ele consegue o que queria. O teto roda. O peso dele está sobre mim. Quero me afastar, mas não consigo. Ouço a respiração ofegante dele em meu ouvido.

— Você é tão gostosa.

Agarro na cabeceira da cama e tento me puxar para cima. Mal me movo. Victor ri enquanto



## PERIGOSAS NACIONAIS

me puxa novamente e segura meus braços.

— Quanto mais você se mexe, melhor fica.

Eu estou em choque. Choro alto. Ninguém parece ouvir. Fecho os olhos, pois não consigo ver o seu rosto. Os minutos parecem uma eternidade. O cheiro de incenso começa a me dar náuseas.

Quando acaba ele se joga na cama ao meu lado, pega em minha mão e a beija. Eu continuo estática, enojada. Não consigo me mover. Esqueço-me da minha vergonha e paro de tentar me cobrir.

Depois de um tempo Victor se levanta, se veste e antes de sair do quarto me diz:

— Quando estiver pronta me avisa que eu te levo para casa.

E sai do quarto.

Eu sento na cama, pego as minhas roupas que estão pelo chão e começo a vesti-las, ainda estou sem blusa quando recomeço a chorar. As lágrimas não param de cair e eu soluço tanto que quase perco o ar.

Não quero sair do quarto.

Não quero ver as pessoas.

Quero voltar no tempo.

Sumir.

Perco a noção do tempo, não sei quantos

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

minutos, ou até horas se passaram. Sinto os segundos do relógio na parede batendo dentro de mim. Depois de mais algum tempo seco as lágrimas, termino de vestir a minha blusa e abro a porta do quarto, algumas pessoas passam pelo corredor e eu tenho certeza de que me olham. Ignoro. Desço as escadas, quase caio em um dos degraus e me esgueiro por entre as pessoas, ouço xingamentos quando esbarro em algumas delas sem querer. Não chego a procurar pelo Victor, mas ele me acha mesmo assim, me puxa pelo braço me tira da festa.

Victor me abraça e percebo certa preocupação nele de que as pessoas não me vejam, meus olhos estão inchados e devo estar uma verdadeira bagunça.

Ouçó algumas pessoas rindo enquanto saímos. Tenho a impressão de que riem de mim, o mundo inteiro parece me olhar, apontar e rir.

A piada do dia.

Por que eu?

Caminho de cabeça baixa até o carro dele, Victor abre a porta para eu entrar e eu sento no banco. Quanta ironia naquele simples gesto de “cavalheirismo”. Ele entra do lado do motorista e

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

começa a dirigir.

Ergo o olhar para o céu estrelado, de alguma forma estranha quero acreditar que está tudo bem, o mundo parece se movimentar de jeito diferente, como se eu estivesse em outra realidade ou coisa assim.

Não reparo que estamos em minha casa até o carro parar.

— A gente se fala depois. — Eu o ouço dizer.

Eu balanço a cabeça, em um gesto automático.

Ele me beija e eu saio do carro.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 10 – Nada mais importa

*“So close no matter how far  
It couldn't be much more from the heart  
Forever trusting who we are  
And nothing else matters”[\[10\]](#)  
Metallica – Nothing Else Matters*

Acordo, mas não abro os olhos. Ouço o ventilador rodando, não consigo me lembrar de tê-lo ligado antes de dormir. Também não me lembro de ter subido as escadas ou colocado meu pijama. Abro os olhos e reparo que ainda estou de jeans. O rosto de Victor enquanto estava em cima de mim invade minha mente. Sinto um arrepio. Fecho os olhos novamente para mandar a lembrança embora.

Levanto, vou ao banheiro, me assusto com a minha imagem no espelho, olhos vermelhos, maquiagem borrada. Ligo o chuveiro para deixar a água esquentar. Percebo que o zíper da minha calça está aberto, tiro a blusa e estou sem sutiã. Deve ter

PERIGOSAS ACHERON

ficado na festa.

Deixo a água quente cair em meus ombros e quando me dou conta estou no quarto novamente. Sinto as mãos dele sobre o meu corpo. Ele disse que eu não deveria tê-lo provocado? Sim, acho que disse. Tinha um apanhador de sonhos pendurado atrás da porta. Balanço a cabeça.

*Quem se importa com isso?*

No final, ele tem razão. Eu não deveria ter bebido tanto. Não deveria ter usado aquela blusa de renda. Para ter respeito uma mulher deve se dar ao respeito, não é?

Passo o sabão pelo corpo e sinto dores que gostaria de esquecer.

Saio do banheiro enrolada na toalha, a luz do meu celular piscando ilumina o cômodo. Desbloqueio e vejo uma mensagem de Victor.

“Dormiu bem? ☺”

Jogo o celular de novo na cama e não respondo. Coloco a primeira roupa que vejo no guarda-roupa e desço as escadas. Meus pais estão à mesa terminando de almoçar, os cumprimento com um bom dia e me sento.

— Boa tarde, você quer dizer, não? —  
questiona meu pai com um sorriso.

Forço um sorriso de volta

— Está tudo bem? — ele pergunta.

Sinto seus olhos em mim, tenho a estranha sensação de que ele sabe o que aconteceu. Em minha mente ele me diz repetidas vezes “é claro que isso iria acontecer com você se comportando desse jeito!”.

— Filha?

Pisco algumas vezes.

— Sim, está tudo bem — respondo.

Ele franze o cenho.

— Só estou cansada — completo.

— Cansada do que menina? — a minha mãe pergunta. — Está com o olho inchado de tanto dormir! — ela exclama enquanto seus olhos desconfiados dizem “não minta para mim”.

Abaixo a cabeça. Ser delicada não é a melhor qualidade de minha mãe. Passo o almoço com o olhar baixo e sinto os olhos dos meus pais me fitando a cada garfada, tentando me decifrar. Não fazem mais perguntas e saem da mesa enquanto eu ainda termino meu almoço.

Assim que acabo, volto para o meu quarto. Meu celular está tocando, vejo o nome de Victor na tela. A ligação cai e eu não atendo. Ele liga

novamente.

— Oi — atendo.

— Oi, por que não respondeu minha mensagem?

*Porque você é a última pessoa com quem quero conversar.*

— Esqueci.

Respondo enquanto deito na cama. Sinto uma pressão no peito, tento ignorar.

— Tá tudo bem?

*TUDO BEM? Você me estuprou como poderia estar tudo bem?*

— Sim.

— Tô indo com um pessoal em um bar aqui perto, quer ir?

*Para você me embebedar e me estuprar de novo? Não, obrigada.*

— Não, tô de ressaca — respondo.

— Tudo bem, você que sabe.

Desligamos, deixo o celular escorregar de minha mão, me ajeito no travesseiro e durmo, acordo somente para beber uma água à noite, beliscar alguma coisa e volto para cama.

O celular desperta e eu o desligo, está na hora de ir para escola e eu definitivamente não

## PERIGOSAS NACIONAIS

quero ir. Ele vibra novamente alguns minutos depois e eu vejo que é uma mensagem do Tiago:

“Daqui a pouco passo aí.”

Rolo na cama. Eu não quero que ele passe, não quero ver ninguém. Nem mesmo Tiago.

“Vou de ônibus hoje.”

Ele lê a mensagem, mas não responde de imediato. Não espero mais e levanto para me arrumar. Quando volto há uma mensagem me esperando.

“Tem certeza?”

Não respondo. Termino de me arrumar e desço as escadas para tomar café, no mesmo momento que ouço uma buzina na porta de casa. Abro a janela e vejo o carro de Tiago, levanto os braços e franzo o cenho como que perguntando o que ele está fazendo ali. Ele me ignora e volta a buzinar. Eu saio.

— Tá louco? Meus pais estão dormindo — digo assim que abro o portão.

Ele dá de ombros.

— Era só você ter saído mais cedo.

Eu cruzo os braços.

— Te disse que vou de ônibus.

— Você vai se atrasar de novo...

## PERIGOSAS ACHERON



Ele pisca, eu arqueio a sobrancelha.

— Não ligo.

— Termina de se arrumar se não você vai fazer eu me atrasar também.

Eu suspiro, vencida e volto para casa, sinto meus olhos se encherem de lágrimas e respiro fundo. *Ele poderia ter ido embora.* Pego a minha mochila e um lanche para comer no carro. Aconchego-me no banco e, apontando para o lanche, pergunto:

— Se importa?

— De jeito nenhum — ele responde enquanto acelera o carro.

Como meu lanche e não falo muito durante o caminho, nem Tiago. O silêncio só é quebrado pela música. Fecho os olhos, sinto o aperto no meu peito voltar, as imagens de sábado atormentam a minha mente, abro os olhos e tento afastá-las, mas não consigo. A dor que sinto se torna ainda mais forte quando tento segurar as lágrimas que começam a brotar de meus olhos. Levanto a cabeça e respiro fundo.

— Você está bem?

Tenho ouvido bastante essa frase ultimamente. Dessa vez sou sincera, balanço a

cabeça negativamente e não consigo segurar o choro.

Sinto as mãos dele passando em volta do meu ombro, meu corpo inteiro estremesse e o afasto. Choro ainda mais. Tiago parese confuso, mas respeita meu espaço. Percebo que ele está assustado, sem saber como reagir. Quero contar o que aconteceu, mas não consigo. A vergonha e a dor são grandes demais.

Tiago não diz nada e as minhas lágrimas não param de cair. Reparo que ele encostou o carro e aos poucos os soluços cessam.

— Desculpe... — sussurro.

— Não sei do que você está se desculpando. Eu o olho com o canto de olho.

— Não há nada para se desculpar.

Ele diz enquanto seca as lágrimas de meu rosto, eu me conforto em sua mão.

— Obrigada.

Nossos olhares se encontram e sustentamos mais do que deveríamos. O mundo ao redor desapareceu para mim. Sinto como se todos os meus pedaços tivessem se juntado novamente.

Tiago desvia o olhar e meu momento se defaz. Estou quebrada novamente. Ele desliga o

## PERIGOSAS NACIONAIS

pisca alerta, engata a primeira marcha e sai com o carro.

— Você quer que eu te deixe em casa?

Eu faço que não com a cabeça.

— Tem certeza?

Aceno que sim.

Ele continua dirigindo, eu abaixo a cabeça e olho para os dedos das mãos. Sinto-me envergonhada pela situação.

— Pensei em você esse final de semana — Tiago começou a dizer, eu não me movo —, mas não foi por um bom motivo...

Ele ganha minha atenção e o fito.

— Eu estava lendo o livro que me indicou — ele me olha para verificar se estou prestando atenção e continua — enquanto tomava um café. Nisso, a minha mãe me chamou e eu levantei da cadeira, quando estava saindo bati, sem querer, no pé na mesa e derrubei a xícara com café em cima do livro — ele termina a frase com uma das mãos na cabeça e o olhar de culpado.

— Não acredito.

— Pois é...

— Isso é um sacrilégio.

— Eu sei, estou pronto para as

## PERIGOSAS ACHERON

consequências.

Meus olhos ainda estão cheios de lágrimas, mas consigo esboçar um sorriso.

— Mas dá para ler o livro?

— Dá sim, o café caiu na capa e acabou machando a borda de algumas páginas, mas nada demais.

— Se precisar posso emprestar o meu.

— Não, nada disso, meu livro agora tem um cheiro muito peculiar, não irei me desfazer dele.

Eu sorrio novamente. Percebo que ele está fazendo isso para eu me sentir melhor, mas ainda assim consigo ver em seus olhos certa preocupação. Tiago sorri de volta e me diz:

— Você fica bem melhor assim.

Não dá para negar que ele me faz bem e é estranho como isso me doa ainda mais. Nós chegamos à escola no mesmo instante que o sinal bate, Tiago tenta se aproximar novamente, eu recuo, não estou pronta para isso. Ele sorri, como se quisesse me dizer que estava tudo bem, apesar de não entender nada. Descemos do carro e em seguida vou para a minha sala e Tiago vai para dele.

Entro na sala e coloco meu material na

## PERIGOSAS NACIONAIS

mesa, vejo Bia se aproximando e pelo olhar dela sei que a conversa não será fácil.

— Oi, Yas.

— Oi, Bia.

— Saindo com o Tiago e o Victor ao mesmo tempo?

— Qual é o seu problema?

— A escola inteira está comentando a rodada que você é.

— Só se você estiver espalhado o boato.

— Não preciso espalhar nada.

Eu balancei a cabeça incrédula. Como eu consegui ser amiga dessa garota por tanto tempo? Ela é cruel. As lágrimas voltam, eu olho para cima tentando evitar que aquelas caiam, mas não adianta, Bianca percebe e começa a rir.

— Que patético.

— Não liga pra ela. — Ouço a voz de Carol ao meu lado. Bianca a olha de cima a baixo e volta para seu lugar.

Eu suspiro, seco as lágrimas e sento em meu lugar com a cabeça entre as mãos. Adriano, professor de física entra na sala com seu típico sorriso e começa a aula de bom humor. Abro meu caderno e começo a fazer minhas anotações.

## PERIGOSAS ACHERON

No final da primeira aula um papel cai em minha mesa. Olho para os lados, mas não sei quem jogou. Desdobro o papel e as palavras que leio fazem meu estômago embrulhar.

Ouçó risadas ao fundo da sala e viro a cabeça para um grupo de garotos. Começo a sentir falta de ar. Meu celular vibra e quando desbloqueio a tela tenho tantas notificações que meu sinal de internet não consegue carregar todas as mensagens. Tenho o pressentimento de que alguma coisa está muito errada. Viro o rosto e sinto todos os olhares da sala sobre mim.

A aula de física acaba. Pego o papel e meu celular, coloco no bolso e saio da sala. Antes de sair ouço a voz de Bianca.

— Só tem cara de santa.

*Sei que aquilo foi para mim.* Tranco-me no banheiro e espero o celular carregar todas as notificações. Sinto um aperto no peito e meu estômago embrulhando novamente.

A publicação já tem mais de trinta comentários. Todos sobre mim. Clico no link com a mão trêmula e quando a página carrega meus olhos já estão em lágrimas. Não consigo acreditar no que estou lendo. Não devia ter confiado.

Sinto falta de ar e um desejo incontrollável de desaparecer. Tiro o bilhete do bolso, jogo na privada enquanto vejo aquelas palavras nojentas desaparecerem.

*Quanto custa?*

As lágrimas ainda escorrem e meu celular não para de vibrar. Desligo. Quando me dou conta estou soluçando tanto que perco o ar. Não percebo o quanto tempo passa até o sinal bater novamente. Meus olhos ainda estão inchados e vermelhos. Respiro fundo e tomo coragem para sair. Abro a porta, dou de cara com a Carol e sou envolvida em seu abraço. Ela não diz nada, nem eu, a abraço de volta e recomeço a chorar. Ficamos assim por alguns minutos, até os soluços pararem. Percebo que molhei a blusa dela sem querer.

— Não se preocupe com isso — ela responde.

Jogo a água fria no rosto antes de voltar para a sala, olho para cima e pisco várias vezes. Miro meu reflexo no espelho e tudo o que consigo sentir é vergonha.

Voltamos para a sala e quando entro sou o

centro das atenções, ouço sussurros por toda a parte. Carol segura em meu braço e me acompanha até a mesa. Aquele lugar se tornou claustrofóbico. Percebo que meus olhos cheios de lágrimas novamente, a vergonha e o nervosismo deixam meu corpo quente e suando.

Fecho meu caderno, guardo minhas canetas no estojo, minhas mãos tremem, deixo cair uma delas no chão, Carol a pega para mim. Eu agradeço. Continuo guardando as minhas coisas. Caroline me chame e eu não reespondo. Ela me puxa pelo braço e me obriga a olhar para ela.

— Yas, o que está fazendo?

Uma lágrima escorre do meu rosto.

— Eu vou embora.

Passo as costas da mão no rosto.

— Não deixe te abalar... você é melhor do que isso.

*Ela também já sabe.*

Coloco a mochila nas costas e saio, não antes de ouvir:

— Ei, Yas. Quer passar lá em casa depois da escola?

Ouçó risadas. Abaixo a cabeça e continuo andando. No caminho para o ponto de ônibus envio



uma mensagem para Tiago.

“Estou indo embora mais cedo.”

Desligo o celular. Não quero conversar. O ônibus demora a chegar e a minha impaciência somente aumenta. Não há ninguém em casa agora, então meus pais não saberiam que eu matei as últimas três aulas. Como de costume sento em um dos bancos do fundo, coloco meu fone de ouvido. Olho para janela e fico observando a paisagem passar. Daria qualquer coisa por uma máquina do tempo.

Desço no ponto e caminho cabisbaixa até minha casa. Subo as escadas e deito em minha cama. Acabo dormindo. Acordo algumas horas depois para comer a alguma coisa.

Sei que não devo, mas ligo o celular novamente, as notificações não param de subir, entro novamente no link. Em uma página anônima alguém descrevia todos os meus segredos, todos os caras com quem fiquei com uma quantidade exagerada e falsa de detalhes. Acredito que para dar veracidade na história. A festa de sábado também estava lá e a pior parte é que eu tinha bebido tanto que não conseguia distinguir o que era verdade ou mentira naquele relato. Desligo o celular e estou em

lágrimas novamente. Alguns minutos depois joga uma água no rosto e volta para cama. Passo o resto da tarde mergulhada em um livro. Viver outra vida é exatamente o que eu preciso nesse momento.

## Capítulo 11 – Dia Carmesim

*I've been wrong times over  
And I've been shamed, with no words to find  
But if the sun will rise, bring us tomorrow  
Walk with me, crimson day  
Avenged Sevenfold – Crimson Day*[\[11\]](#)

Na manhã seguinte decido que não vou à escola.

— Estou com dor de cabeça, mãe —  
respondo quando a minha mãe pergunta porque não saí da cama.

— Dor de cabeça?

Eu miro seus olhos por um tempo, ela sabe que não é verdade. Será que ela já sabe o real motivo por trás disso? Desvio os olhos.

— Sim.

— Eu tenho um remédio aqui se...

— Não precisa.

— Yas...

É tão difícil conseguir dizer, seria muito mais fácil se ela simplesmente adivinhasse.

— Mãe, só estou precisando descansar —  
PERIGOSAS ACHERON

respondo enquanto me aconchego na cama e me cubro com as cobertas. — Logo a dor passa.

Ela não responde. Ouço o barulho da porta se fechando. Com certeza sabe que tem algo errado. Sinto em seu silêncio que logo ela irá querer quebrar o meu. O que eu diria a ela? Como eu explicaria? Eu quebraria a imagem da garota exemplar que ela tem de mim. Não direi nada.

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu choro até adormecer novamente. O dia passa sem que eu perceba.

Por volta das sete horas meus pais chegam em casa. Eu ainda estou na cama, ouvindo “Crimson Day” do Avenged Sevenfold.

Minha mãe abre a porta do quarto e eu fecho os olhos. Não quero conversar, talvez ela pense que eu estou dormindo e vá embora. Não adianta. Ouço o salto de seu sapato batendo contra o piso enquanto ela entra no quarto e o colchão que afunda quando ela senta ao meu lado.

— Yas...

Continuo de olhos fechados.

— Você não está dormindo...

Abro os olhos, ela me fita. Sinto um frio na espinha imaginando o que irá me perguntar.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sente-se melhor?

Eu tiro o fone de ouvido, faço que sim, mas não consigo sustentar seu olhar por muito tempo.

— Não parece que a sua dor de cabeça está muito forte já que está ouvindo música nessa altura.

— Ela passou faz algum tempo...

— Então, vai à escola amanhã, certo?

Eu gelo, não sei o que responder. Ir à escola e encontrar aquelas pessoas é a última coisa que eu quero. Minha mãe franze o cenho. Não estou sabendo disfarçar.

— Sim, vou amanhã — respondo rapidamente para evitar mais perguntas.

— Não há nada para me contar?

Há muitas coisas para contar. Não tenho coragem em dizer nenhuma delas. *Então, pare de perguntar, por favor.*

— Não, é só que tem aula de matemática amanhã e você sabe que eu não gosto da matéria.

Ela suspira. Acho que não fui muito convincente.

— Tem um garoto na sala — ela para por um momento para ver a minha reação, sinto um arrepio, o corpo gela. Solto um sorriso para disfarçar.

## PERIGOSAS ACHERON

— Quem?

*Não diga que é o Victor.*

— São tantos assim em sua lista?

Ela sorri, a tensão de dissipa, volto a respirar normalmente

— Esqueci de perguntar o nome — ela continua. — Ele disse que vem tentando falar com você desde ontem e está preocupado.

Será que o Victor teve a cara de pau de vir até a minha casa? E o que ele iria querer aqui? Apreciar o estrago que fez? Não, talvez não fosse ele. Talvez fosse Tiago.

— Yas?

Volto dos meus devaneios com a voz da minha mãe.

— Não tenho certeza se quero ver alguém, mãe. Olha meu estado.

Afasto as cobertas, ainda estou de pijama, não tomei banho e meu cabelo está uma bagunça. Ela solta um sorriso, seus olhos me fitam com desconfiança. Percebo o quanto a minha mãe está confusa naquele momento. Talvez, até mais do que eu.

— Se arruma rápido e desce — ela insiste.  
— Talvez te faça melhor.

*Não tenho tanta certeza disso, nem se for Tiago.*

— Eu peço para ele te esperar, digo que já vai — ela continua.

Eu levanto da cama a contragosto e vou para o banheiro.

Passo algum tempo olhando meu reflexo no espelho, não há maquiagem no mundo que faria me sentir bem ou bonita naquele momento. Abro o chuveiro e jogo uma água no corpo, ajeito o cabelo e escolho uma roupa.

Demoro por volta de vinte minutos para ir até a sala. Sinto meu coração acelerado e a respiração forte. Tenho medo de quem irei encontrar. Suspiro aliviada quando vejo que é Tiago quem me espera sentado no sofá.

Minha mãe está na cozinha, imagino que meu pai esteja em seu quarto. Tiago levanta quando me vê. Eu não me aproximo.

— Oi.

— Oi — respondo.

Continuo onde estou, um lado de mim está feliz em vê-lo, o outro gostaria de mandá-lo embora. Já não basta a minha exposição na internet, minha privacidade também tem que ser invadida

## PERIGOSAS NACIONAIS

dentro da minha casa?

— Você tá bem? — ele se aproxima, eu recuo.

— Sim.

Tiago coloca as mãos no bolso e olha ao redor, vejo que ele não sabe o que fazer.

— Desculpe ter vindo até aqui... Você não foi à escola e não responde as minhas mensagens, eu fiquei preocupado.

Eu dou de ombros.

— Só precisava de um tempo sozinha.

*Você realmente está preocupado comigo, ou está só fingindo como todo mundo?*

Minha mãe volta da cozinha com alguns lanches em uma bandeja. Ela oferece um a Tiago

— Obrigado — ele agradece com um sorriso.

Ela me entrega um e eu também agradeço, estou morrendo de fome.

— Vocês não vão se sentar? — ela pergunta, sentando-se no outro sofá, indicando que participaria da conversa, o que só torna o clima ainda mais estranho para mim.

Eu suspiro e me sento ao lado de Tiago.

— A sua mãe comentou que estava com dor

## PERIGOSAS ACHERON



de cabeça... — Tiago puxou o assunto.

Seus olhos me fitam dizendo outra coisa. Ele sabe que é mentira. Sabe o real motivo, é claro. Quantos compartilhamentos será que aquela página já teve? Quantas pessoas já leram, comentaram e me julgaram?

Meus olhos enchem de lágrimas e eu desvio o olhar disfarçando.

— Sim, mas já estou melhor — respondo.

— Inclusive ela irá para a escola amanhã, não é? — comenta minha mãe com seu olhar acusador.

Eu abro a boca para protestar, mas nenhuma palavra sai. Não quero ir à escola, mas já tinha prometido que iria.

— Eu passo aqui de manhã para garantir.

Eu olho para Tiago, incrédula.

*Você não tem uma namorada para cuidar, não?*

— Muito obrigada, querido! — minha mãe agradece. — Qual seu nome mesmo?

*O que ele quer? Ganhar pontos com a minha mãe?*

Eu fecho a cara. Tiago finge não perceber e pega mais um dos lanches que a minha mãe havia

preparado.

— A senhora teria algo para beber? — ele pergunta.

— Claro! Já vou pegar.

Ela sai para a cozinha e eu volto a fitar Tiago com a expressão de quem não está nada feliz.

— O que você acha que está fazendo?

Tiago sorri.

*Ele só pode estar tirando com a minha cara.*

— Não se preocupe com a escola amanhã...

— O que você quer dizer com isso?

— Você vai ver.

Eu ergo a sobrancelha. Aquilo é sério? Definitivamente não é um bom momento para mistérios, estou prestes a voltar a questioná-lo quando minha mãe volta à sala com dois copos de suco e se mantém entre nós até o momento em que Tiago acaba de comer e diz que vai embora, prometendo a minha mãe mais uma vez que seria responsável pela minha ida à escola no dia seguinte.

Eu acompanho Tiago até a porta e minha mãe nos segue, mais uma vez tenho que segurar a curiosidade para saber do que ele estava se

referindo. Entro em casa logo depois da minha mãe, ela mantém um sorriso estonteante no rosto.

— Adorei esse menino.

Eu reviro olhos e subo as escadas.

Entro no meu quarto e vejo meu celular em cima da mesa de estudos. Está desligado, não deveria ligá-lo, mas mesmo assim o pego, sento na cama, respiro fundo e ligo. Assim que ele carrega, começa a vibrar com as mensagens e notificações.

Treze ligações perdidas de Tiago, mais de vinte de Victor e seis de Carol, incontáveis mensagens não lidas, a maioria de perfis estranhos no Facebook.

Aproveito para desativar minha conta.

Entre todas as mensagens somente respondo as de Carol, nós passamos algum tempo conversando e desligo o celular quando nos despedimos para dormir. Eu estou sem sono e tento me concentrar em uma leitura, mas é impossível. No meio da página eu me encontro no quarto com o apanhador de sonhos na porta e cheiro de incenso, ouço a respiração rápida em meu ouvido e fecho o livro sentindo calafrios. Segundos depois estou chorando.

O calafrio demora a passar, os soluços

também. Levanto da minha cama, desço as escadas e vou até o escritório. Meus pais estão dormindo. Abro a terceira gaveta da escrivaninha e tiro de lá uma cartela de calmantes. Pego um comprimido e volto para o quarto.

## Capítulo 12 – Temporal

*“E quando olhei no espelho  
Eu vi meu rosto e já não reconheci  
E então vi minha história  
Tão clara em cada marca que tava ali”  
Pitty - Temporal*

Acordo na quarta-feira me sentindo diferente e demoro um pouco para voltar a realidade. Tive um sonho estranho e por alguns segundos realmente acredito que nada de anormal aconteceu nos últimos dias e sou apenas aquela garota comum acordando para ir à escola. Mas era apenas um sonho estranho.

Continuo sendo uma garota comum, mas não a mesma. Tenho certeza ainda maior disso quando me olho no espelho e sinto pena de mim mesma, quando entro no banho, esfrego a minha pele até que fique vermelha e a sensação não vai embora.

*Será que um dia eu seria aquela mesma garota?*

Ainda estou no chuveiro quando ouço a  
PERIGOSAS ACHERON

porta do meu quarto se abrindo, provavelmente minha mãe verificando se eu acordei para ir à escola. Suspiro e enxaguo o cabelo. Não gosto dessa situação e estou receosa sobre o que vai acontecer. Eu definitivamente não vou a escola e gostaria muito de saber o que o Tiago vai aprontar.

Acabo o banho e me arrumo, coloco a blusa do uniforme por cima de outra blusa somente para disfarçar para meus pais e desço para tomar café.

— Bom dia — minha mãe me recepciona.

— Bom dia, vai entrar mais tarde?

— Sim, o dia vai ser tranquilo hoje.

Eu assinto, mas sei que não é verdade.

— O Tiago é da sua sala?

Eu tomo um gole de leite antes de responder.

— Não, ele é do terceiro ano.

— São amigos faz tempo?

Encolho os ombros.

— Não muito...

Minha mãe acena com a cabeça e corta uma fatia de pão.

— E...

— Mãe, sério?

— O quê?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai começar o interrogatório?

— Tá bom! Já entendi, não posso perguntar mais nada também!

Ela levanta da mesa e leva sua louça até a pia, no mesmo momento em que escuto uma buzina do lado de fora.

— Tô indo.

Levanto da mesa, pego minha mochila.

— Boa aula.

Ouço minha mãe dizer enquanto me dirijo até a porta. Eu agradeço, mas realmente espero que não haja aula alguma.

Tiago me espera, eu entro e o cumprimento, ele dá partida no carro e nós saímos.

— Não sei o que você está planejando, mas não gostei nada do que aconteceu ontem.

— Como assim?

— Você não tinha que ir na minha casa e ainda por cima combinar coisas com a minha mãe.

Tiago ri.

— É sério, não tem graça.

— Tá bom, desculpe, mas eu fiquei preocupado com você.

— Obrigada pela sua preocupação, mas eu sei me cuidar sozinha.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Vejo Tiago engolindo em seco, seus olhos se encontram com os meus.

— Yas, abaixa a guarda. Eu tô tentando ajudar.

— Eu não preciso de ajuda.

— Tá bom, não precisa. E é exatamente por isso que você vai me dizer para onde quer ir.

— Como assim?

— Eu te disse que a gente não ia para a escola, não disse?

Sinto meus ombros relaxando e a tensão se dissipando.

— Tanto faz.

— Tem certeza?

Dou de ombros. Tiago suspira.

— Tudo bem, então.

Ele continua dirigindo, não faço a mínima ideia de para onde estamos indo e também não pergunto. Evitando encontrar meus pais e não tendo que encarar as pessoas da escola qualquer lugar era uma boa opção. Ele coloca Imagine Dragons para tocar e está em uma das minha músicas preferidas quando pego no sono.

Acordo com o movimento do carro, abro os olhos e as imagens se formam lentamente. Vejo um

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

rio e árvores, olho mais a frente, aquilo é uma feirinha? Sim, é.

— Já esteve aqui?

Ouçõ a voz de Tiago. Viro meu rosto para ele, esfrego os olhos.

— Não.

— Acho que vai gostar, é um lugar muito bonito.

— Onde estamos?

— Piracicaba.

— Piracicaba? — eu arregalo os olhos e sono vai embora. — O que a gente tá fazendo aqui?

Ele dá de ombros.

— Eu gosto desse lugar, me faz sentir bem. Achei que poderia compartilhar isso com você.

— Não sei se isso foi uma boa ideia, melhor a gente voltar.

— Tem certeza? Olha essa paisagem.

Tiago abre o vidro e o vento faz meu cabelo balançar, o som do rio e da risada das crianças passeando faz com que eu solte um sorriso também.

— A gente pode ir embora a hora que você quiser — ele continua.

Eu assinto.

— Tá, tudo bem.

## PERIGOSAS ACHERON

Ele estaciona o carro próximo a um parque. Antes de descer eu tiro a camiseta do uniforme e fico com a que eu já estava por baixo. Reparo que Tiago me olha.

— A ideia nunca foi ir para a escola.

Ele sorri.

— Devia ter pensado a mesma coisa.

Nós descemos e andamos um pouco até a beira do rio, a água corria forte refletida pelo sol e as árvores balançavam com o vento.

— Rio Piracicaba, Yasmin. Yasmin, Rio Piracicaba — Tiago diz, estendendo um braço.

— Muito prazer — eu respondo.

— Essa daqui é a Rua do Porto, tem uns restaurantes muito bons para almoçar.

Viro me para o lado esquerdo, pequenas casas com letreiros indicam os nomes dos restaurantes. Imagino que realmente deve ser uma delícia almoçar por ali.

— Mas nós podemos voltar aqui depois, se você quiser — ele completa.

Tiago me puxa pela mão na direção oposta dos restaurantes, eu sinto seus dedos entrelaçados nos meus e sinto um arrepio, me afasto. Passamos a caminhar a beira do rio, eu o observado enquanto

caminha. Gosto do tempo que passamos juntos, mas sei que o interesse dele em mim é muito mais do que amizade.

*Eles são todos iguais não são?*

— A Amanda sabe que você está aqui? —  
pergunto depois de algum tempo.

— Não.

— Ela deveria, não acha?

Ele dá de ombros.

— Talvez.

— Talvez?

— Por que estamos conversando sobre isso?

Eu suspiro. *São, realmente, todos iguais.*

— Porque ela faz parte da sua vida. Uma parte importante, e todas as vezes que está comigo você age como se ela não existisse.

Tiago sorri com o canto dos lábios e nossos olhares se encontram.

— Não, se agisse como se ela não existisse, já teria te beijado há muito tempo.

Sinto um arrepio, engulo seco. Não sei o que responder. Viro a cabeça para o rio e ouço nossos passos contra as folhas enquanto me recomponho.

— Por que você está com ela então?

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Caso complicado...

Eu o olho com o canto dos olhos esperando que ele continue.

— Nós começamos a namorar há quatro anos, ela aguentou uma superbarra comigo quando a minha mãe faleceu...

Eu arregalo os olhos, surpresa.

— Sinto muito.

— Obrigado. — Ele respira fundo. — Eu passei por uma fase muito difícil, perdi um ano na escola, foi complicado. Amanda passou por tudo isso junto comigo, nos apegamos bastante e... — ele faz uma pausa. — Você não quer comer algo enquanto a gente conversa?

Viro o rosto e vejo uma lanchonete mais a frente com mesas do lado de fora.

— Poder ser, mas não estou com muita fome.

— Eu acordei atrasado hoje e acabei não tomando café da manhã para não chegar fora do horário na sua casa.

— Ah, obrigada por isso.

Ele me olha e sorri enquanto caminha para a lanchonete. Nós entramos, ele pede uma tigela de açaí e eu um suco de laranja, nós sentamos em uma

# PERIGOSAS ACHERON

das mesas na calçada.

— Então, continuando — retoma Tiago —, algum tempo depois meu pai conseguiu um emprego em Campinas e nós decidimos nos mudar. Eu conversei com a Amanda e disse que achava melhor terminarmos, ela não gostou nada da ideia.

— Não sabia que você não era de Campinas — comento.

— Sim, eu sou daqui.

— Sempre suspeitei do seu sotaque.

Ele ri.

— Eu quase não tenho sotaque.

— Tem sim, com certeza. — Eu sorrio. — Mas por que você ia terminar com ela? Aconteceu alguma coisa?

— Não, não teve nenhum evento que causou isso, ela me ajudou pra caramba, mas mesmo antes de descobrirmos o câncer da minha mãe, o nosso relacionamento já estava desgastado. Eu queria começar de novo, vida nova e a mudança de cidade seria o momento perfeito. Mas, como disse, a Amanda não aceitou nada bem.

— Licença! — Olhamos para o lado onde o garçom está com nossos pedidos. — Um açaí e um suco de laranja, certo?

Assentimos, ele deixa os pedidos e sai.

— Não consegui terminar com ela naquele dia, ela decidiu prestar vestibular em Campinas, eu disse que isso não era uma solução para o nosso relacionamento e que mesmo assim eu queria terminar. Então, ela ameaçou se matar.

Arregalo os olhos.

— Isso é muito sério.

— Eu sei. — Ele pega um pouco de açaí e depois volta a falar. — Eu não sabia o que fazer, então ficamos juntos. Ela se mudou para a casa de uma tia lá em Campinas e a nossa relação se deteriora cada vez mais.

— E você já tentou conversar de novo com ela?

— Tentei, mas ela não me ouve. Vive em um conto de fadas que não existe. A cada dia que passa estamos mais distantes, vivemos momentos diferentes, eu ainda não me formei, ela já está na faculdade, mal temos os mesmos assuntos...

Olho para o meu suco e mexo o gelo com o canudo. Eu quero acreditar em Tiago, mas uma voz dentro de mim diz que tudo isso parece a típica conversa do cara que quer ficar com outra garota sem terminar com a namorada. Jogar a culpa na

## PERIGOSAS NACIONAIS

atual, fazer ela parecer desequilibrada para que eu me solidarize com a situação e não me importe em virar a “outra”. Conversa barata.

— Não sei o que dizer.

— É, tudo bem... Não se preocupe com isso. Tiago pega mais uma colher do seu açaí.

— Quer um pouco?

— Não, obrigada — respondo automaticamente.

— Tem certeza?

Eu sorrio, ele percebe minha indecisão e sorri de volta, levanta da mesa e volta da lanchonete com mais uma colher.

— Pronto.

Eu agradeço, devo estar um pouco corada. Pego uma colher e fecho os olhos.

— Está muito bom.

Ele acena e assim que Tiago termina de comer, nos levantamos e voltamos a caminhar na beira do rio.

— Mas, então, com o que seu pai trabalha?

— Ele é economista, assim como a minha irmã.

— Não sabia que tinha uma irmã.

— Tenho. Ela estuda na Unicamp.

## PERIGOSAS ACHERON

Eu esboço um sorriso.

— Está pensando em cursar economia também?

— Não, chega de economistas naquela casa.

— Ele sorri. — Vamos entrar ali.

Ele aponta a direção com a cabeça e eu sigo com o olhar. Uma placa indica que aquela é a Casa do Povoador. Fico curiosa para saber o que tem dentro. Nós entramos na casa e logo avisto alguns bonecos em tamanho real e feitos a partir de sucata.

— Esses bonecos foram feitos por Elias Rocha, que era mais conhecido por Elias dos bonecos. Ele os fazia e os fixavam próximos à margem do rio Piracicaba, era como se fosse um protesto, simbolizando a luta pela preservação do rio.

Chego mais perto, admiro os detalhes, é um trabalho simples, mas muito bonito.

— Muito legal.

Nós subimos as escadas e no andar de cima encontramos alguns quadros expostos, reparo que a maioria deles representam algum lugar da cidade de Piracicaba e é um mais lindo do que o outro.

— Sempre quis saber pintar — revelo. — Uma tia tentou me ensinar uma vez, mas não deu



## PERIGOSAS NACIONAIS

muito certo. — Eu rio recobrando minhas memórias.

— A minha irmã, Laura, gosta muito de pintar, tem um talento e tanto.

— Sêrio?

Ele faz que sim.

— Quem sabe você não possa voltar a ter algumas aulas de pintura com ela.

Eu rio e balanço a cabeça, enquanto admiro mais um quadro.

— Não acho que seria uma boa ideia.

Ele sorri.

— Yas, eu tenho notado você um pouco triste por esses dias, quero saber como você está...

Eu balanço a cabeça.

— Triste? — Levanto os braços enfatizando a pergunta. — Eu estou bem.

— Não parece...

— Mas é a verdade. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Eu não quero falar sobre isso.

— Mas...

— Sêrio, Tiago?

Eu levanto cabeça e olho para cima, evitando o olhar dele e as lágrimas que tentam cair.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa, não devia ter abordado o assunto dessa forma.

Ele se aproxima, seus dedos tocam meu rosto e limpam uma lágrima. Eu tiro sua mão e dou alguns passos para trás.

— Acho melhor a gente ir embora.

Tiago assente, desce as escadas e eu o sigo. Voltamos pelo mesmo caminho, foco no barulho do rio para calar meus pensamentos.

— Eu sei que tem algo de errado com você  
— Tiago insiste.

Eu viro os olhos, cruzo os braços.

— Vejo você chorar o tempo todo, sei que algo aconteceu...

Tiago tenta se aproximar novamente, eu me afasto.

— Não aconteceu nada, tá bom? Eu fui em uma festa, enchi a cara e alguém achou que tem o direito que ficar espalhando fofoca sobre mim na internet. Foi isso que aconteceu, a única coisa que eu preciso é que as pessoas parem de falar.

Ele me puxa pelo braço para que eu pare de andar e me obriga a olhá-lo.

— Parar de falar não irá resolver o problema.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— É aí que está! Não tem problema nenhum.

— Tem certeza?

Eu bufo.

— Mesmo se tivesse um problema o que é que você tem a ver com isso?

Tiago me fita e eu sei que aquilo o magoou.

— Toda essa confusão só começou porque alguém decidiu tomar conta da minha vida. Estou cansada de pessoas querendo me dizer o que fazer. Chega, tá bom?!

Olho ao redor e vejo um casal de senhores nos observando. Acho que estava falando alto demais. Desvio o olhar, fito Tiago. Ele abre os lábios, mas não chega a me responder. Passa o caminho todo com o olhar baixo e não diz mais nada.

Entramos no carro e o silêncio continua por boa parte do caminho.

— Não vai mais falar comigo? — ele pergunta.

— Depende sobre o que você quer falar.

— Qualquer coisa, livros, filmes, música...

Dou de ombros.

— Nada novo...

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele insiste no assunto. Fala de algumas bandas novas que está ouvindo e que talvez eu poderia gostar. Eu aceno, mas não presto muita atenção. Estou cansada e começo a ficar com sono novamente. Sei que toda essa conversa que estamos tendo agora é somente uma distração para que ele mais tarde volte no mesmo assunto.

Eu não preciso de ajuda.

Não tem nada errado.

Eu só quero esquecer.

Meus olhos começam a pesar e quando vejo já estamos em minha casa.

— Acho que peguei no sono, desculpe.

— Sem problemas, acho que death metal não faz mesmo o seu estilo.

Eu sorrio um pouco sem graça.

— É, acho que não.

Tiago faz menção de me dar um beijo no rosto, mas recua.

— Bom, passo aqui amanhã para te pegar, então.

— Ah, não precisa.

Ele encurva a sobrancelha.

— Eu não sei se vou, mas se decidir eu vou de ônibus.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, mas você pode me ligar se decidir ir.

— Não precisa, obrigada de qualquer forma.

Eu aceno e saio do carro antes que ele responda. Não olho para trás para vê-lo ir embora.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 13 – Jogo Implacável

*“Break me, take me  
Relentless game  
Off the chains I go, release my soul and drown  
myself  
in tides of what is truly new”  
Far from Alaska feat. Scalene – Relentless  
Game[\[12\]](#)*

Passo o resto da tarde trancada no quarto. Mais uma vez eu sei que não devo, mas ligo meu celular. Como desativei a minha conta no Facebook não tenho mais acesso as mensagens e notificações sobre mim. Espero que as pessoas tenham cansado do assunto Yasmin.

Tenho várias mensagens não lidas e ligações perdidas. Para minha surpresa a maioria é do Victor. Ainda estou lendo as mensagens quando meu celular começa a tocar. O nome de Victor sobe na tela, meu coração começa a pulsar como nunca e minhas mãos tremem. A ligação cai antes que eu

PERIGOSAS ACHERON

consiga atender. Ele liga de novo. Respiro fundo. Atendo.

— Alô.

— Não acredito que você atendeu.

Não sei o que responder.

— Eu venho tentando falar com você há dias, tá tudo bem?

*Não, não está.*

— Sim?

— Como assim ‘sim’? Você sumiu, não responde minhas mensagens, desativou a conta no Facebook. O que te deu, Yas?

Eu congelo. As palavras não saem. *Você não sabe o que deu em mim?*

— Eu sei que as coisas aconteceram um pouco rápido entre a gente, mas nossa... Eu gosto tanto de você, que às vezes fica difícil me controlar, sabe? Você é muito intensa.

*Isso foi um elogio?*

— E eu fiquei pensando aqui — ele continua — aquela foi a sua primeira vez não foi?

Engulo seco, sinto meu rosto queimando.

— Yas?

— Foi.

— Sabia! Não foi bem do jeito que vocês,

garotas, imaginam a primeira vez, não é?

*De modo algum.*

— Faltou romantismo, eu sei. Mas sempre fui péssimo nessas coisas, desculpe.

*Eu deveria responder algo?*

— Enfim, quero me redimir com você. Tenho uma reserva em um restaurante para amanhã e nós podemos conversar, começar de novo o que acha?

*Como eu posso começar de novo se aquelas imagens não saem da minha cabeça?*

— Eu não sei se...

— Yas, vamos... Estou aqui pedindo desculpas e tentando fazer algo legal pra gente, você não vai estragar tudo, não é?

— Victor, eu...

— Só diz que sim e me dá essa chance.

— Eu preciso pensar...

— Pensar no quê? É só uma reserva em um restaurante você já foi em lugares piores comigo. E foi tão gostoso, vai falar que não foi gostoso?

*Não. Não. Não.*

— Eu não...

— Ótimo, perfeito. Passo para te pegar às 19 horas, seus pais já estão em casa nesse horário,



né?

— Eu...

— Legal, assim eu aproveito para conhecê-los.

*O QUÊ?*

— Victor, eu não acho que...

— Yas, relaxa, deixa que eu cuido de tudo. Te vejo amanhã, princesa.

Sinto um arrepio. Ele precisa parar de me chamar assim e agir assim. Desligo o telefone e fico alguns segundos sentada em minha cama. Tudo o que consigo pensar é: *O que é que acabou de acontecer aqui?*

A porta do meu quarto se abre e eu levo um susto.

— Não ouvi você chegar — digo assim que vejo a minha mãe entrar pela porta.

— Como foi a escola? — ela pergunta.

— Mesma coisa de sempre.

— A dor de cabeça voltou?

— Um pouco...

*Tenho que fazer a história parecer real.*

— Está tudo bem?

— Está, por quê? — Olho com o canto de olho, ela faz uma expressão de desaprovação. Eu

quero contar a ela o que aconteceu, mas não sei como fazê-lo. Dizer que fui em uma festa, enchi a cara e acabei na cama com um garoto.

— Nada — ela responde, e fica por um tempo em silêncio. Sinto meu coração batendo mais rápido.

— O Tiago vem te buscar amanhã?

Faço que não. Ela parece desapontada.

— Você deveria chamá-lo para almoçar aqui no sábado, o que acha?

Reviro os olhos.

— Eu não sei se é uma boa ideia...

— Por que não?

— Ele tem namorada.

Ela parece surpresa.

— Jura? Eu achei... Ah, então tá.

Silêncio novamente.

— Pensei em pedir uma pizza, você quer?

— É uma boa.

Ela sorri.

— Metade muçarela e metade frango?

— Exatamente.

— Te chamo quando chegar.

Eu agradeço. Minha mãe sai do quarto e eu continuo deitada, fitando o teto. Quando foi que eu

perdi o controle sobre a minha vida? Não consigo evitar meus olhos lacrimejarem e sentir pena de mim mesma. Daquela garota frágil e depravada que eu me tornei.

Um tempo depois a pizza chega, eu lavo o rosto, desço, pego um pedaço e volto para o quarto. Não quero mais interrogatórios.

À noite eu demoro um pouco para conseguir dormir, reviro o tempo todo na cama. Desço no escritório e pego mais um comprimido, prometo a mim mesma que será a última vez que tomo algo para dormir, mesmo porque alguém acabaria sentindo falta dos comprimidos.

Quando o celular desperta na manhã seguinte meu desejo é que o mundo tivesse acabado, mas não tinha. Sinto meu corpo um pouco mole e ainda devo estar sob o efeito do remédio.

Arrumo-me e desço para tomar café. Dessa vez minha mãe não me espera, tento comer algo, mas não consigo. Sinto meu estômago embrulhar. Quando me dou conta estou chorando novamente.

*Isso tem que parar em algum momento.*

Saio de casa para o ponto de ônibus. Fico observando os carros na rua esperando ver o de Tiago. Que estupidez. Eu mesma tinha dito a ele

que não queria que ele viesse me buscar e agora estou o procurando. Não fazia o menor sentido.

O ônibus chega eu entro e alguns minutos depois estou na escola. Sinto os olhares e os cochichos. Cada risada que ouço acho que é sobre mim. Deve ser, a final a piada do dia continua sendo eu.

Mantenho a cabeça baixa até chegar em minha sala. Assim que entro as conversas cessam e as atenções são voltadas para mim.

— Olha só quem voltou. Como estão os dias de fama?

Olho para Bianca sentindo o sangue ferver em meu corpo, caminho para mesa dela e ela levanta para me encarar.

— Você acha que eu não sei que foi você quem criou aquele perfil fake?

— Não sei do que você está falando.

— Como você pôde fingir ser minha amiga por tanto tempo?

Bianca ri.

— Eu fingi? Você só estava perto de mim porque queria ser eu.

Eu sorrio, sarcástica, não consigo acreditar nessas palavras. Olho ao redor e vejo a sala inteira

nos observado, alguns celulares apontados para nós. Duas atrações de circo.

— Eu queria ser você?

— Você sempre teve inveja da atenção que eu tenho. Você é essa garota sem graça e sem personalidade, que sempre quis roubar o meu lugar... Não duvido nada que tenha sido você mesma que criou esse perfil porque seria o único jeito das pessoas se interessarem por você.

— Você enlouqueceu...

Viro de costas e volto a caminhar para a minha mesa. Chega de show por hoje.

— Pelo menos agora as pessoas estão vendo a vadia que você é.

Eu paro de andar. Acho que me enganei, o show não tinha acabado. Ouço as risadas pela sala. Viro para encarar Bianca, ela mantém um olhar de superioridade que somente alimenta a minha raiva, volto alguns passos e meus dedos marcam o rosto dela com a força de todas as minhas mágoas.

Bianca desvira o rosto, incrédula. No segundo seguinte estamos as duas no chão da sala, Bianca com um tufo de cabelo meu entre as mãos, as minhas unhas no rosto dela. Ouço a voz do professor entrando na sala e no momento seguinte

dois garotos entram na briga para nos separar.

Encaro Bianca sorrindo. Eu sei que estou em uma enrascada, mas ter dado aquele tapa nela me fez muito bem.

— As duas para a diretoria! — Ouço a voz do professor de matemática.

Os garotos nos soltam, caminhamos até a diretoria e a ouço dizer entredentes:

— Você tá ferrada.

Reviro os olhos. Como ela poderia ferrar mais com a minha vida?

Entramos na diretoria, sentamos em duas cadeiras distantes e esperamos ser chamadas. O diretor nos chama e pede para explicar o que aconteceu. Bianca fala sem parar, que eu sou uma invejosa e que tinha a atacado. Eu mal tento me defender, não há muito o que dizer, eu dei o primeiro tapa e não interessa o porquê. Sou culpada.

Devido ao meu bom comportamento e por nunca ter nada parecido com isso em meu currículo, eu somente levo uma advertência e sou suspensa da escola naquele dia.

Bianca sai da sala sorrindo e enquanto ela desce as escadas eu a imagino caindo e quebrando

o pé. Infelizmente, isso não acontece.

Espero pela minha mãe na sala do diretor e já me preparo psicologicamente para o sermão que vou ouvir. Minha mãe chega quase uma hora depois, conversa com o diretor e depois vamos embora.

— Eu realmente não sei o que aconteceu com você. Você a Bianca não eram amigas? — ela pergunta enquanto dirige para casa.

— Éramos.

— E é isso? Não tem mais nada para me falar?

Eu dou de ombros, não sei o que ela quer que eu responda.

— Eu não sei o que aconteceu entre vocês duas, mas isso não é jeito de resolver, não foi essa a educação que eu te dei.

Eu assinto, continuo em silêncio.

— Você está de castigo. Hoje e amanhã, nada de sair de casa.

— Mas mãe...

— Mas nada. Está decidido.

Afundo-me no banco do carro e não digo mais nada. Miro a janela, penso em Victor e no que eu diria para explicar porque não poderíamos sair

naquela noite.

Uma parte de mim estava aliviada. Eu não queria sair com ele. A outra parte está aterrorizada.

*Como ele reagiria a isso?*



## Capítulo 14 – Fugitiva

*“And I was dancing in the rain  
I felt alive and I can't complain  
But now take me home  
Take me home where I belong  
I can't take it anymore”  
Aurora - Runaway[\[13\]](#)*

Pego o telefone pela décima vez e devolvo à mesa do computador. Não consigo digitar os números, sinto borboletas no meu estômago. Não sei como vou dizer ao Victor que não posso ir. Pego o celular novamente. Não consigo ligar, então mando uma mensagem, conto a verdade sobre o que aconteceu e que estou de castigo.

Envio e espero. Não demora muito para que ele leia a mensagem. Espero a resposta. Sinto minha respiração mudar. Ele não responde. Continuo olhando para a tela e nada acontece. Vejo as minhas mãos tremendo. Deito na cama, deixo o celular ao meu lado. Continuo esperando. Nada acontece. Não tenho coragem de enviar outra mensagem ou ligar. Deixo como está.

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Victor não responde. As horas passam eu continuo deitada em minha cama. Olho no relógio são 18h30. Começo a suar frio, meu olhar vai de encontro ao relógio de cinco em cinco minutos e quando marca 18h58 ouço a campainha tocar.

Levanto a assustada, abro a porta do quarto e desço as escadas correndo. Vejo a minha mãe se dirigindo até a porta e grito:

— Pode deixar que eu atendo.

Ela me olha com o canto dos olhos.

— Não esquece que está de castigo.

Eu aceno, abro a porta e corro até o portão. Victor desencosta do carro assim que me vê, ele está com uma camisa azul, calça preta, não presto muita atenção nos detalhes, abro a portão. Tento falar, as palavras não saem.

Ele olha o relógio no pulso e me encara novamente.

— Não está pronta ainda?

— Eu te disse que não podia ir.

— Disse?

— Sim, eu te mandei uma mensagem.

Ele se aproxima e me dá um beijo, quase não consigo me mover.

— Ah, sim, a mensagem, não achei que

## PERIGOSAS ACHERON

estava falando sério.

Victor coloca a sua mão em minha cintura e me puxa para dentro, reparo em uma caixa em sua mão, ele percebe.

— São para sua mãe, espero que ela não esteja de dieta.

— Mas eu estou de castigo... — respondo enquanto tiro sua mão do meu corpo.

Ele dá os ombros.

— E isso me impede de entregar uma caixa de chocolates para a sua mãe?

Olho incrédula para ele, sentindo meu estômago embrulhar.

— Eu não...

— Qual o nome dela mesmo?

— Rosana.

*Ele não está me ouvindo?*

— Seu pai está em casa?

Faço que não. Ele sorri.

— Vai abrir para eu entrar?

Eu olho para porta de casa, meus dedos trêmulos vão até a maçaneta e eu a abro. Victor coloca o seu melhor sorriso e entra em casa. Entro logo em seguida. Minha mãe sentada na sala, ergue os olhos do notebook para a porta e não fica nada

feliz com o que vê, seus olhos me encaram dizendo “o que eu acabei de falar?”.

Victor não se intimida com o olhar e se aproxima.

— A Yasmin não me contou que a irmã mais velha estava em casa.

Minha mãe imediatamente abre um sorriso.

— Eu sou a mãe dela.

Eu reviro os olhos, não acredito que ela caiu nessa. Victor faz uma cara de surpresa.

— Realmente, não parece.

Minha mãe levanta do sofá para cumprimentá-lo, eles se apresentam e Victor entrega a caixa de chocolates. Vejo minha mãe sorrindo, seus olhos brilhando e eu não consigo acreditar que aquilo está acontecendo.

Victor senta-se ao sofá ao lado de minha mãe, eu me aproximo, mas continuo em pé.

— A Yasmin me contou que está de castigo hoje.

— Sim, ela está — reafirma minha mãe.

— Eu entendo, e acredito que toda ação deve ter uma consequência e você está certíssima em colocá-la de castigo, mas eu fiz uma reserva em um restaurante — Victor faz uma pausa e espera a

## PERIGOSAS NACIONAIS

reação de minha mãe e ela sorri novamente — esperei semanas por essa reserva, gostaria de levar a Yas lá e fazer algo especial, sabe como é?

— Sim, eu sei, mas a Yasmin tinha que ter pensado melhor nisso antes de aprontar na escola. Ela te contou o que fez?

Victor continua defendendo seu ponto de vista e fingindo empatia com a situação. Eu olho a cena com lágrimas nos olhos, me sinto invisível. Nenhum dos dois olha para mim, minha mãe argumenta, mas está escrito em seus olhos que ela já cedeu. Eu só quero que ela olhe para mim, para meus olhos lacrimejando e veja que estou implorando para ela dizer não.

— Está bem, eu abro uma exceção. Ela pode ir hoje, mas amanhã não sairá de casa de jeito nenhum.

— Ah, muito obrigada, Rosana! Fico te devendo mais uma caixa de chocolates.

— De forma alguma, assim você irá acabar com minha dieta.

Eles riem. Eu os olho como se não fizesse parte da conversa, como se estivesse distante, como se não existisse. Victor me fita, vejo sua expressão mudar e o sorriso se fechar.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não quer ir se arrumar para podermos ir?

Ele força um sorriso, seus olhos dizem outra coisa. Eu abaixo a cabeça e saio da sala. Enquanto subo as escadas ouço a conversa e as risadas recomeçarem. Fecho a porta, meus joelhos perdem a força, eu escorrego e ajoelhada no chão deixo as lágrimas escorrerem.

Não fico assim por muito tempo para não atrasar Victor ainda mais, me arrumo do melhor jeito que posso e desço as escadas alguns minutos depois. Ele se despede de minha mãe, ela me dá um beijo antes de sair e me diz para ter juízo. Nós entramos no carro, Victor acelera e sai.

— Todo esse tempo para se arrumar e colocar esse pedaço de pano?

Eu puxo a saia tentando cobrir as pernas.

— Não achei que estava curta.

Ele me olha de canto de olho, não acredita no que eu disse. Eu viro o rosto para a rua. O semáforo à frente fica amarelo, Victor acelera o carro, o semáforo fecha e ele continua. Ouço as buzinas quando passamos. Meu coração bate acelerado.

— O que você tá fazendo?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Por culpa sua estamos meia hora atrasados, estou tentando ganhar tempo.

Eu me afundo no banco. Não digo mais nada. Alguns minutos depois chegamos a um restaurante italiano. Victor me abraça pela cintura antes de entrarmos, o lugar é bonito e aconchegante, nos sentamos em uma mesa ao fundo. O garçom entrega o cardápio e eu ainda estou escolhendo quando ele o chama novamente para fazer o pedido.

— Nós vamos querer o ravióli ao molho sugo para duas pessoas e você pode trazer a carta de vinho, por favor.

Eu fecho meu cardápio e entrego ao garçom, ele sai e logo depois volta com a carta de vinhos, Victor escolhe, faz o pedido, o garçom vai embora novamente. Ele me olha e sorri.

— O ravióli deles é delicioso.

— Eu imagino.

*Já que você nem me deixou escolher.*

Victor leva a sua mão até a minha, meu primeiro impulso é puxá-la, mas a deixo onde está. Victor percebe, entrelaça seus dedos nos meus e segura forte.

— Eu sei porque você está assim.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Assim?

Ele aperta minha mão mais forte.

— Arisca comigo.

— Sabe?

— É por causa do garoto que te dá carona para escola, não é?

Eu tento puxar minha mão. Victor a segura mais forte.

— Como assim?

— Não tenta mentir para mim, Yasmin...

— Como você sabe disso?

— Não é esse o ponto da conversa.

Eu fico em silêncio, não sei o que dizer. Sinto seus dedos apertando minha mão com mais força.

— Você tá saindo com esse cara, não tá?

— Não!

— Então, por que ele te dá carona?

— Nós somos amigos, ele mora perto de casa e me dá carona, só isso...

Victor suspira, solta a minha mão e encosta na cadeira. Puxo meu braço para perto, meus dedos estão vermelhos.

— Você acha que eu sou idiota?

Eu não respondo.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Se você ainda não tá saindo com esse cara, pode ter certeza de que ele quer te comer.

As palavras machucam, balanço a cabeça.

— Não estou saindo com ele — digo novamente.

— Então, você vai parar de vê-lo?

Eu engulo seco.

— Vai ou não vai?

Balanço a cabeça afirmativamente.

— Eu quero ouvir da sua boca, Yasmin. Não tem porque você querer ser amiga dele. Eu conheço os homens tá, então, ele não quer nada sério com você.

*Não são diferentes de você.*

Eu abaixo a cabeça.

— Então, vai parar de ver esse cara?

— Vou.

Ele sorri, debruça sobre a mesa e coloca uma de suas mãos em meu rosto.

— Você é muito nova para conseguir distinguir essas coisas ainda e é por isso que eu estou aqui, para te proteger.

*Vai me proteger de você?*

Ele pega a minha mão, que ainda está vermelha e dá um beijo. O garçom chega com o

## PERIGOSAS ACHERON

pedido. Nós não conversamos muito enquanto comemos, o ravióli realmente é muito bom e o vinho também. Acabo a minha taça e Victor logo a enche novamente, uma cena tão familiar que me dá arrepio. Quando a segunda taça está no final ele pega a garrafa para enchê-la novamente, eu tiro a taça da mesa.

— Chega por hoje.

Ele sorri, tira a taça da minha mão e volta enchê-la.

— Não seja chata.

Victor me devolve a taça, eu a coloco na mesa e deixo lá, não tomo mais nenhum gole.

— Não vai tomar mesmo?

Faço que não. Ele dá de ombros e pega a taça novamente.

— Azar o seu — diz enquanto dá um gole.

Olho ao redor, para as mesas com casais e famílias, sorrindo, confortáveis com a presença um do outro. Volto a atenção para a minha mesa, meu corpo rígido sobre a cadeira, movimentos mínimos sobre a mesa. O sorriso enojante de Victor, seus olhos em mim como se me violassem repetidas vezes. Quero ir embora. Desaparecer.

Victor termina a taça, pede a conta, paga e

nós finalmente saímos do restaurante.. No caminho de volta Victor coloca sua mão em minha perna e sobe por baixo da minha saia.

*Mais uma vez usando a roupa errada.*

Eu cruzo as pernas, tiro sua mão. Ele me olha de canto de olho, mas não diz nada. Não muito depois chegamos em minha casa, ele para o carro, eu agradeço o jantar e estou quase saindo quando ele diz:

— Eu te levo para jantar e é assim que você agradece?

Eu paro, minha mão está na maçaneta, mas não tenho forças para abri-la.

— Yas... — Sinto sua mão em meu ombro.  
— Não vai nem me dar um beijo?

Eu viro e o encaro. Sua mão sobe para minha nuca e ele me beija, a outra mão volta para minha perna, eu tento tirar e ele segura com mais força. Viro o rosto e Victor continua me beijando, seus lábios descem pelo meu pescoço, ele abaixa a alça da minha blusa.

— Victor, eu preciso ir.

Ele não para, eu tento me afastar e empurrá-lo, não surte efeito. A mão dele que está na minha perna chega até a minha calcinha, eu o empurro

com mais força.

— Que merda, Yasmin, o que deu em você?

Eu não respondo. Abro a porta do carro e entro correndo em casa. Ouço o som dos pneus contra o asfalto quando ele vai embora. Meus pais já estão dormindo, subo as escadas e me tranco no quarto. Assim que fecho a porta as lágrimas recomeçam a cair, eu sento no chão e choro de soluçar.

## Capítulo 15 – Tiro no escuro

*“Now I'm fighting this war  
Since the day of the fall  
And I'm desperately holding on to it all  
But I'm lost, I'm so damn lost”  
Within Temptation - Shot in the dark[\[14\]](#)*

No dia seguinte acordo com o despertador e estou para levantar quando me lembro que é feriado. Volto a dormir. Acordo novamente na hora do almoço, como alguma coisa e volto para a cama. Estava escolhendo um filme para me distrair quando meu celular toca.

É o Victor, não atendo.

Ele liga de novo, sinto minha respiração ficando mais forte, começo a suar frio, não atendo novamente. Fico alguns minutos olhando o celular que não volta a tocar, respiro fundo e coloco o filme que escolhi. Faz uns vinte minutos que estou assistindo quando o celular volta a tocar. Decido atender para não piorar a situação.

— Abre a porta — Victor diz assim que eu atendo.

# PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê?

— Abre a porta, eu tô aqui fora.

— O que você está fazendo aqui?

— Você não me atendeu, então eu vim te ver.

Eu respiro fundo, sinto o quarto girar.

— Eu não posso abrir a porta, estou de castigo, lembra?

— Mas seus pais não estão em casa.

— É, mas alguém pode ver e contar para minha mãe, ela já deixou a gente sair ontem, não quero desobedecê-la.

— Yas, para de historinha e abre logo essa porta.

Seu tom de voz irritado faz meu corpo estremecer.

— Você acha que eu não sei que você só tá inventando essa merda porque na verdade não está em casa e quer me enganar?

— O quê?

— Por qual outro motivo você não atenderia minhas ligações ou pelo menos não viria até o portão? Aposto que saiu com aquele seu amigo.

— Claro, que não!

— Então abre logo a porra da porta! — ele

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

grita. Eu encolho.

Desligo o telefone e desço as escadas. Sinto meu sangue ferver, abro a porta e quero gritar para que ele vá embora, mas não consigo apenas fico parada, vejo Victor através do portão e o seu sorriso quando me vê. Eu apenas permaneço lá.

— Não vai abrir para mim?

Ele se aproxima do portão. Eu dou um passo para trás.

— Yas?

— Eu te disse, eu não posso.

Victor ri, tira uma das mãos do bolso e passa pelo cabelo.

— Para de besteira, seus pais não vão ficar sabendo.

Eu abaixo o olhar.

— Melhor não...

— Yas...

— Melhor você ir.

Eu levanto o olhar novamente, vejo Victor se afastando do portão.

— Tudo bem, então, você que sabe.

Ele entra no carro, bate a porta e sai cantando os pneus, acompanho seu carro com os olhos e só volto a respirar normalmente quando ele

## PERIGOSAS ACHERON

dobra a esquina. Fecho a porta com o coração palpitando. Com as pernas bambas volto para o quarto e para meu filme, tento não chorar.

Quando estou quase terminando de assistir meu celular volta a vibrar, abro e vejo uma mensagem de um número desconhecido, pergunto quem é e recebo a resposta de que é Amanda.

*Como ela conseguiu meu celular?*

Respondo e logo em seguida me arrependo, a conversa toma um rumo muito estranho:

“O Tiago anda meio estranho comigo.”

*E eu com isso?*

“E vocês são meio próximos, né? Estava imaginando se você não sabe o porquê...”

*Ela está insinuando algo?*

“Não faço a mínima ideia”

“Tem certeza?”

*Com certeza ela está insinuando algo.*

“Por que você não pergunta para ele?”

“Eu perguntei, mas ele disse que está tudo bem.”

“Então, deve estar tudo bem.”

“Estava esperando que você pudesse me ajudar dizendo a verdade.”

“Que verdade, Amanda?”



Ela me responde com um emoji,

“Olha, eu não sei do que você está falando e para começar como você conseguiu meu número?”

“Com o Tiago.”

Duvido muito que ela pediu meu número, provavelmente o anotou enquanto vasculhava o celular dele. Deito na cama e reviro os olhos, tudo que o preciso para hoje. Amanda continua fazendo insinuações eu continuo negando até que paro de responder e desligo o celular.

Chega de gente maluca por hoje.



Acordo no sábado com um barulho vindo da cozinha, vozes, risadas e panelas. Acho estranho porque meus pais não disseram que teríamos visitas. Troco de roupa e desço as escadas, quando chego à cozinha sinto falta de ar.

— Por que você não nos falou que o Victor cozinha tão bem, filha?

Minha mãe ao lado do fogão tem uma colher em uma de suas mãos e prova mais uma vez o molho que ferve na panela. Meu pai sentado à

PERIGOSAS ACHERON

mesa lê um jornal com um sorriso nos lábios. Victor leva uma das panelas até a pia, enxuga a mão em um guardanapo e se aproxima para me cumprimentar.

— Dormiu bem? — ele pergunta me dando um beijo na testa.

— O que você...

— Eu sei que tínhamos combinado de almoçar fora, mas como você está de castigo e ainda não tinha acordado aproveitei para ajudar sua mãe com o almoço, você não se importa em comermos aqui, não é?

— Eu não...

Ouçõ meu pai pigarreando e não consigo completar minha frase.

— E nossa, por que você não me falou que seu pai também é engenheiro? Áreas diferentes é claro, mas ainda assim bastante coisa em comum.

Ele volta para a mesa e senta ao lado do meu pai. Eu continuo parada onde estou, não consigo me mover, meu pai volta a conversar com Victor e minha mãe também parece não me notar. Depois de algum tempo que estou ali, Victor aproveita uma brecha na conversa com meu pai e com os olhos faz um sinal indicando que eu sente

em uma das cadeiras. Sento e continuo em silêncio.

A conversa continua, mas não consigo prestar atenção no que dizem, olho para o rosto de minha mãe e meu pai, contentes pela presença de Victor, maravilhados como o quanto ele é inteligente e como fala bem. Será que ninguém me enxerga?

Minha mãe tira a lasanha do forno e coloca sobre a mesa, o cheiro está uma delícia, mas eu não sinto fome. Sou a última a fazer o meu prato, miro o pedaço de lasanha, o molho a bolonhesa escorrendo, não tenho forças para pegar o garfo.

— Yas? — ergo os olhos para a minha mãe que me chama. — O que há com você?

Dou de ombros.

— Como assim?

— Você não tocou a lasanha até agora...

Olho ao redor, vejo os olhos confusos de meu pai e olhos zangados de Victor que silenciosamente me perguntam “o que você está fazendo?”.

— Não estou com fome — respondo.

— Mas você sempre gostou de lasanha — minha mãe insiste. — Não vai provar nenhum pedaço?

## PERIGOSAS NACIONAIS

Forço um sorriso, e pego um pedaço. Meu estômago embrulha enquanto mastigo. Não consigo sentir o gosto de nada.

— O que achou? — Victor me pergunta.

— Está boa.

Ele sorri e minha mãe completa:

— Victor mal me deixou ajudar. — Ela pega um pedaço e se delicia antes de continuar. — A Yas tem sorte em ter um namorado que sabe cozinhar porque ela mal sabe fritar um ovo.

Meus pais riem, Victor também. Eu continuo olhando para a lasanha, estática.

*Desde quando ele é meu namorado?*

Continuo ouvindo vozes, mas não consigo me concentrar, a mesa de jantar parece girar, começo a sentir falta de ar e me sinto sufocada dentro de minha própria casa.

— Claro, não haverá problema algum. — Ouço meu pai dizer depois de um tempo. — Vocês podem ir amanhã.

Ergo os olhos arregalados.

*Ir aonde?*

— A Yas me contou que está de castigo — diz Victor —, então eu não quero causar problemas.

## PERIGOSAS ACHERON

— Imagina, — meu pai continua — tenho certeza de que ela já aprendeu a lição.

*O que está acontecendo?*

Victor passa seu braço atrás da minha cadeira e me dá um beijo na testa.

— Passo aqui para te pegar amanhã ao meio dia, tá?

Eu não respondo. Abaixo olhar, fito a minha lasanha mais uma vez, penso que ela já deve ter esfriado. Alguns minutos depois Victor diz que vai embora, minha mãe insiste para que ele fique mais um pouco. Eu só consigo pensar que isso é um pesadelo e eu estou presa nele.

— Eu gostaria, mas realmente não posso, Rosana, fiquei de ajudar minha mãe com um projeto e é melhor chegar no horário.

— Ah, claro, nesse caso tudo bem, eu abro uma exceção.

Eles riem novamente. Victor vira-se para mim:

— Me acompanha até a porta.

*Não foi uma pergunta.*

Eu balanço a cabeça afirmativamente, caminho ao lado dele, abro o portão e antes de entrar no carro ele olha ao redor para ver se meus

## PERIGOSAS NACIONAIS

pais não estão por perto. Coloca uma de suas mãos em minha cintura e a outra em minha nuca e me beija.

— Nossa, eu estava morrendo de vontade de fazer isso lá dentro.

Eu não respondo.

— Vê se dorme mais cedo essa noite, para não aparecer com essa cara amanhã no churrasco — ele continua.

— Eu dormi doze horas na noite passada. — digo mais como um sussurro.

Ele arregala os olhos.

— Então, deve ter dormido muito mal.

*Porque você não entra no seu carro e vai embora logo?*

Ele me dá mais um beijo, se despede e finalmente entra no carro.

— Te vejo amanhã, princesa — ele diz quando abre o vidro dá partida.

Fico olhando seu carro virar a esquina e volto para casa. Enquanto subo as escadas ouço a voz de minha mãe:

— Não vai terminar de comer?

— Eu já terminei.

Entro no quarto, deito em minha cama e me

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

cubro com as cobertas. Passo o resto do dia trancada.

# PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 16 – Gravidade

*“Lost again  
Broken and weary  
Unable to find my way  
Tail in hand  
Dizzy and clearly unable to just let this go”  
Perfect Circle - Gravity[\[15\]](#)*

Acordo no domingo, assustada, suando e com um dor de cabeça horrível, não sei de onde veio, talvez dos meus pesadelos. Minha mãe está na beira da cama me chamando.

— São onze e meia, você vai se atrasar.

Viro de lado e puxo as cobertas.

— Não quero ir.

— Como assim, Yasmin? Você prometeu para o Victor que ia e agora vai fazer desfeita?

— Não prometi nada.

— Para de graça, você não faz mais nada da vida a não ser ficar deitada nessa cama.

Não me movo, ela puxa as minhas cobertas.

— Vamos, vai fazer bem para você ver um pouco de gente, novos ares. Você precisa se animar

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

mais.

— Não quero — respondo, e puxo as cobertas novamente.

— Não sei porque você está agindo assim ultimamente, primeiro briga com a Bianca e agora não quer sair com seu próprio namorado...

— Ele não é meu namorado.

— Não foi o que pareceu ontem.

Eu bufo e me escondo ainda mais em baixo das cobertas.

— Tá bom, não me interessa como vocês chamam isso hoje em dia, mas continue afastando as pessoas que se importam com você e daqui a pouco você vai acabar sozinha.

Ela diz e sai do quarto. Eu sinto as lágrimas voltando e antes que me dê conta estou chorando. Paro quando ouço a voz de Victor no andar de baixo, levanto da cama em um pulo e vou tomar um banho. A última coisa que eu preciso é deixar ele zangado mais uma vez, me arrumo e desço as escadas.

— Desculpe o atraso... — digo assim que chego à sala.

Victor levanta do sofá para me cumprimentar.

## PERIGOSAS ACHERON

— Sem problemas, é sempre bom conversar com seus pais.

— Sempre bom conversar com você — completa meu pai, levantando um copo de cerveja.

Sinto um enjoo quando ouço a frase. Eu nunca havia visto meu pai beber em casa e percebo que Victor também tem um copo em suas mãos e que ele termina de beber em um gole.

— Bom, precisamos ir agora para não nos atrasarmos mais. Muito obrigada pela conversa e pela cerveja, Carlos — ele diz enquanto cumprimenta meu pai e logo em seguida se despede de minha mãe.

— Não cheguem tarde — minha mãe diz.

— Pode deixar — Victor responde com uma piscada enquanto nos dirigimos até a porta.

Victor abre a porta do carro para eu entrar, eu sento e coloco o cinto, já sei o que vem depois. Victor liga o carro, acelera e sai, vejo o ponteiro do velocímetro subir acima da velocidade permitida da via, o semáforo à frente fica amarelo e ele acelera para dar tempo de passar. Não pergunto por que ele está correndo tanto, sei que a resposta será que eu o fiz atrasar.

— Se eu soubesse que você ia demorar

tanto não tinha deixado a carne dentro do carro.

*Pelo visto não adiantou ficar quieta.*

— Todo esse tempo esperando e você nem passou uma maquiagem — ele continua.

Desço o vidro do carro e me olho do retrovisor. *Como que eu consegui essas olheiras se estou dormindo tanto?* Ele tem razão em dizer aquilo, abaixo o olhar, não digo nada.

Alguns minutos depois nós chegamos em um condomínio, tiramos as coisas do carro, Victor se identificou na portaria e entramos, seguimos para o salão de festa onde um funk toca e fumaça sai da churrasqueira. Eu lembro de alguns rostos da primeira festa que fui com Victor e isso só faz com que me sinta ainda pior.

Victor cumprimenta alguns amigos enquanto eu sento em um pufe perto da mesa de bilhar. Uma garota olha para mim, sorri e se aproxima.

— Amiga, você não parece nada bem.

Eu forço um sorriso.

— É, acho que não estou.

Ela estende um copo em minha frente.

— Não há problemas no mundo que não possam ser resolvidos com isso.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu olho para o copo e em seguida para garota em minha frente, ela usa tanta maquiagem que seu rosto não parece real. Ela curva a sobancelha e aproxima o copo esperando que eu o pegue. Pego e bebo o shot sem quase respirar.

Ela ri.

— É disso que eu tô falando!

Ela estende o braço, me levanta do sofá e me leva para um grupo de outras três garotas, um copo de caipirinha acaba parando em minhas mãos. Olho para lado e vejo Victor em uma roda com seus amigos, ele me olha de canto de olho entre um gole e outro de cerveja. Uma das garotas conta sobre um cara com quem ela transou depois de uma festa, o assunto começa a embrulhar meu estômago. As outras garotas riem a cada frase que ela fala, eu bebo mais um gole de caipirinha.

Algum tempo depois dois garotos se aproximam e entram na roda, o assunto muda, um deles para ao meu lado, faz um brinde comigo e sorri. No instante seguinte sinto meu braço sendo puxado, quando me viro me deparo com os olhos zangados de Victor. Ele me puxa para fora do salão:

— Como que você pôde fazer isso?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso o quê?

Ele aperta meu braço mais forte.

— Você acha que eu sou trouxa, Yasmin?

Balanço a cabeça negativamente, seus olhos continuam me acusando. Olho de volta para onde estava e pergunto:

— Você tá falando do cara que chegou perto de mim?

Ele sorri com o canto dos lábios, como se fosse óbvio.

— É, o cara com quem você ficou trocando sorrisos.

— Eu não troquei sorrisos com ninguém.

Ele aperta meu braço ainda mais, começa a machucar.

— Quer dizer que eu tô inventando isso agora?

— Não... — respondo com os olhos lacrimejando.

— Então, você estava dando em cima do cara.

— Não! O que eu quero dizer é que você pode ter interpretado dessa forma, mas não foi isso o que aconteceu.

Victor ri, passa a mão pelo cabelo.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu vou na sua casa, converso com seus pais, te apresento para meus amigos e é assim que você me trata.

— Assim como? Eu não tô fazendo nada.

— Para de se fazer de inocente, que isso eu tenho certeza de que você não é.

Eu engulo seco, Victor termina de tomar a cerveja e volta para a festa. Meus olhos se enchem de lágrimas. Eu tento secar e impedir que elas escorram, mas não consigo. Saio da porta do salão, entro no banheiro, me tranco e deixo as lágrimas escorrerem.

Fico lá por alguns minutos, lavo o rosto e volto para a festa. Aproximo-me de Victor, ele me abraça pela cintura como se nada tivesse acontecido e me dá um beijo.

— Quer beber alguma coisa? — ele pergunta.

Eu digo que não, não é seguro ficar bêbada ao lado de Victor e sei muito bem disso. Eu me afasto depois de um tempo para que ele não volte a encher meu copo e para evitar que alguém venha falar comigo tiro o celular do bolso e começo a jogar.

O sol já está se pondo quando ele decide ir

## PERIGOSAS NACIONAIS

embora. Fico feliz porque me livraria da situação e porque também já estou cansada. Acompanho-o até o carro. Victor se mantém em silêncio até chegarmos.

— Tava conversando com quem no celular?

— Ninguém, tava jogando.

Ele me olha desconfiado, mas não pergunta mais. Não conversamos muito durante o caminho, em torno de dez minutos que estamos no carro percebo que tem algo errado.

— Esse não é o caminho para minha casa.

— Eu sei, é o caminho para a minha casa.

Sinto meu coração disparar.

— Meus pais disseram para não chegar tarde.

Ele me olha de canto de olho e sorri.

— Fica tranquila, só vou pegar um negócio e depois já vamos para sua casa.

Não consigo ficar tranquila, meu coração não se acalma e sinto meus dedos começarem a tremer. Olho para minhas pernas cobertas pela calça jeans, a blusa de gola, nada está convidativo, hoje estou usando pano de sobra. Poucos minutos depois ele estaciona o carro em frente de sua casa, tira o cinto e abre a porta.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai descer? — ele pergunta.

Não encaro seus olhos enquanto respondo.

— Acho melhor eu esperar aqui.

— É perigoso você ficar aqui sozinha.

*Mais perigoso aqui ou com você lá dentro?*

— Não achei que você fosse demorar.

— Não vou, mas também não vou deixar meu carro aberto aqui na rua por sua causa, vamos entrar.

Não me movo, olho para os lados tentando encontrar uma saída que parece não existir. Victor continua me olhando, eu não sei o que dizer. Ele sorri, sai do carro, dá a volta, abre a porta do passageiro e pega em minha mão.

— Vem, para ser boba! — Eu ainda hesito.  
— Não vai demorar, eu prometo.

Ele continua sorrindo, seus olhos em mim fazem meu coração saltar em nervosismo.

— Tá, tudo bem.

Eu desfivel o cinto e ainda segurando a mão de Victor saio do carro. O porteiro nos cumprimenta enquanto passamos. Entramos no prédio e pegamos o elevador para o sexto andar. Victor segura minha mão e eu sinto meu coração pulsar ainda mais.

## PERIGOSAS ACHERON



É muita idiotice minha confiar nele duas vezes.

Entramos no apartamento, não há muito móveis na sala, somente o sofá, estante e a TV. Ouço Victor fechando a porta atrás de mim e sinto um arrepio.

— Pode sentar, eu já volto.

Sento enquanto Victor entra no corredor, e logo em seguida em um dos cômodos. Sinto um alívio por estar sozinha, encosto a cabeça no sofá e percebo o quanto estou cansada, fecho os olhos por um momento e quase pego no sono quando ouço a voz de Victor:

— Quer uma cerveja?

— Achei que a gente não ia demorar.

— Não vamos, eu só preciso mandar um arquivo que combinei com um amigo meu e já vamos.

Ele diz enquanto sai da cozinha com uma lata de cerveja e me entrega. Logo em seguida volta para o corredor. Eu coloco a cerveja ao meu lado e encosto a cabeça novamente, sinto a sala rodar, mas não posso dormir. Penso em abrir a lata de cerveja, mas isso pioraria a situação.

Meus pés batem contra o chão da sala. Dou pequenos tapas no rosto para me manter acordada.

Sinto meu corpo me traindo. Não posso abaixar a guarda agora.

*Fique acordada!*

Mas de qualquer forma, do que adiantaria?  
Se ele quiser algo, como eu irei me defender?

Se eu disser não, ele ainda assim não irá parar.

Ouçó a voz de Victor no quarto conversando com alguém. Provavelmente no telefone. Ele irá demorar. Talvez eu devesse ligar para meus pais e dizer que...

*O que eu iria dizer?*

Meus olhos ficam cada vez mais pesados, a sala roda com mais velocidade, tento me manter acordada, mas cada segundo se torna mais difícil. Ligo a TV para encontrar algo interessante para assistir. Não acho nada. Encosto a cabeça novamente, minha visão começa a ficar embaçada, as frases se tornam um emaranhado de palavras até a escuridão.

Sinto uma mão subindo pelas minhas pernas e a outra pela minha barriga por baixo da minha blusa, tento tirar as aquelas mãos de mim, mas não tenho força, quero gritar, mas não consigo, tento me mexer, mas nenhum músculo do meu corpo se

move.

Acordo com a respiração ofegante e para meu desespero, meu pesadelo é real. Minha calça está nos meus joelhos, sinto a língua de Victor pelo corpo e tudo o que eu consigo sentir é ódio de mim mesma. Minha cabeça ainda roda e não tenho forças para dizer para ele parar. Victor continua, tira minha calcinha, coloca seu dedo em mim. Sinto dor.

— Que delícia. — Ouço ele sussurrar.

*Minha dor lhe causa prazer?*

As lágrimas escorrem, eu aperto o sofá e fecho os olhos desejando que aquilo acabe logo. Victor continua, mais forte, mais rápido e eu choro na mesma velocidade.

Dentro de mim uma voz diz: *Você sabia que isso iria acontecer.*

Victor acaba e se joga no sofá. Ouvir sua respiração ofegante me dá ânsia de vômito. Eu me encolho no sofá, enquanto ele levanta e vai ao banheiro. Eu ainda estou no mesmo lugar. Victor volta, pega as minhas roupas do chão e joga em cima de mim.

— Se veste logo que eu preciso te levar embora.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não me movo.

— Vamos, Yasmin. Tá ficando tarde.

Eu sento no sofá, visto minhas roupas. Encaro Victor com meus olhos embaçados de lágrimas.

— Por que você fez isso?

Ele dá os ombros.

— Isso o quê?

Não respondo, continuo o fitando esperando uma resposta. Victor sorri.

— Se você não queria por que subiu?

Sinto meu corpo estremecer, a voz em minha cabeça continua: *eu te disse, você sabia que isso ia acontecer.*

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 17 – Ilusões

*All I believe, is it a dream?  
That comes crashing down on me  
All that I own, is it just smoke and mirrors?  
Imagine Dragons - Smoke and Mirrors [\[16\]](#)*

Segunda-feira é dia de enfrentar outros demônios.

É a primeira coisa que passa em minha cabeça depois que Victor me deixa em casa. Assim que abro a porta, minha mãe, entusiasmada, lança várias perguntas sobre como foi meu dia e o churrasco. Eu ignoro e subo as escadas.

Fecho a porta do meu quarto e estranho o fato de que nenhuma lágrima cai. Entro no chuveiro e tomo um banho demorado, esfrego meu corpo até a pele ficar vermelha. A dor não me incomoda. Saio do banheiro e deito em minha cama.

Vejo que recebi uma mensagem de Tiago.

“Passo para te pegar amanhã?”

“Não” — respondo.

Ele não diz mais nada. Deixo o celular de lado e apago a luz, mas estou sem sono. Minha

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

mente me prega peças e repassa situações que não quero lembrar. Penso que sou muito estúpida para ter acreditado no Victor, ingênua ao ponto de deixar com que ele me usasse por duas vezes, por não ter forças o suficiente para pará-lo. Por não conseguir me impor. Estou cansada da vida e principalmente cansada de mim. Essa garota que eu não reconheço mais.

Acordo no dia seguinte depois de poucas horas mal dormidas, me arrumo para a escola, percebo que minha calça jeans está folgada e coloco um cinto, tomo café e quando abro a porta me deparo com o carro de Victor.

*Eu nunca disse a ele o horário que saio para a escola.*

Abro a porta do carro e entro, Victor acelera e sai sem se virar para mim. Eu o olho e tudo o que sinto é nojo.

— Por que você se dá ao trabalho?

Ele me olha de canto de olho.

— Do que você tá falando?

— Por que você se dá ao trabalho de vir aqui me buscar, conhecer meus pais, me levar para sair?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Victor ri

— Não é óbvio?

— Claro que não, você nem gosta de mim, é visível o quanto eu te irrita e tempo todo.

— Para de ser boba. — Ele pega uma de minhas mãos. — Você não me irrita, eu só tenho ciúmes de você, e é normal ter ciúmes da namorada.

— Mas eu não sou sua namorada.

Victor freia o carro com tanta força que sinto o cinto machucar meu pescoço. Olho para o retrovisor assustada e agradeço por não ter ninguém atrás de nós. Victor ao meu lado tem o rosto vermelho e aperta o volante com força.

— O que você disse?

Eu engulo seco, encosto na porta do carro, inutilmente, tentando me afastar dele. Victor me olha esperando por uma resposta.

— A gente ficou algumas vezes, mas não estamos namorando... — Eu mal conseguia ouvir minha própria voz.

— Quer dizer que depois de tudo o que eu fiz por você, eu fui só mais um?

Tento me afastar um pouco mais, não tenho para onde ir.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi isso que eu quis dizer...

Coloco minha mão na maçaneta da porta, Victor percebe e eu recuo.

— Mas foi o que você disse.

Respiro fundo. Quero abrir a porta do carro e sair correndo, mas não consigo. Seus olhos vasculham cada movimento que faço, já não tenho mais como me afastar. Ele se aproxima.

— Eu não sei por que a gente está discutindo, eu nem sou tão interessante assim.

— Quanto drama.

Eu abaixo a cabeça, as palavras me faltam.

— Você se acha muito esperta, né?

Levanto o olhar, ergo uma sobrancelha, confusa.

— Acha que eu não sei onde você quer chegar — ele continua.

Eu balanço a cabeça, não quero o deixar mais nervoso.

— Você quer terminar comigo, Yasmin.

Sinto minha respiração parar, me encolho ainda mais no banco. Fico em silêncio, não tenho coragem de dizer nada. Vejo Victor tirando o celular do bolso, ele coloca a senha, abre um arquivo e me entrega.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

É um vídeo. Minhas mãos tremem tanto que mal consigo segurar o celular. Aperto o play. Vejo meu rosto e o dele, as cenas dos meus pesadelos sendo repassadas em minha frente. Não consigo assistir mais do que cinco segundos, meu sangue começa a ferver, eu quero quebrar o aparelho. Victor o tira de minha mão as lágrimas escorrem uma atrás da outra.

Victor liga o carro e volta a dirigir.

— Você não pode terminar comigo.

E ele está sorrindo.

Passo o caminho inteiro com lágrimas nos olhos, braços cruzados e me espremendo contra a porta. Quero acordar e descobrir que nada disso existiu. Victor me deixa na escola e diz para eu me comportar. Assinto, impossibilitada de dizer qualquer coisa.

Olho no relógio e estou alguns minutos atrasada, vou até a secretaria, enfrento o mau humor de Vanessa e volto para a minha sala com a autorização. Adriano, o professor de física já está dando aula quando entro. Sigo com a cabeça baixa para evitar olhares indesejados e sento em minha mesa ao lado de Carol, ela sorri para mim, mas não tenho forças para sorrir de volta.

## PERIGOSAS ACHERON

As aulas passam lentamente enquanto eu copio a matéria da lousa, sem conseguir entender uma linha do que escrevo. Quando o sinal do intervalo bate ouço Carol me chamar:

— Preciso pegar outro livro na biblioteca hoje — ela comenta.

Eu continuo olhando para ela.

— Quer ir comigo? — continua.

Eu balanço a cabeça.

— Ah, claro.

Estávamos saindo da sala quando Bianca esbarra em meu ombro quando passa por mim. Eu a encaro, Bianca começa a rir.

— Meu deus, você está péssima.

Abaixo o olhar.

— Uma prima minha foi atropelada por um carro semana passada e ela estava melhor do que você quando fui visitá-la no hospital — Bianca continua.

Eu volto a andar, sinto as mãos de Carol sobre o meu ombro, tentando me confortar.

— Vá à merda, Bianca! — ouço Carol dizer.

— Você é uma garota tão legal, Carol, devia escolher melhor suas amigadas.

Não olho para ver a reação delas, Caroline

continua com seus braços em mim.

— Não sei como você conseguiu ser amiga dessa garota.

— Eu também não — respondo.

Entramos na biblioteca e Samanta nos recebe com um sorriso caloroso.

— Olá, meninas!

Eu não consigo retribuir. Carol entrega o livro da semana passada e Samanta continua:

— Não sei se vocês viram, mas chegou uma edição comemorativa do Diário de Anne Frank que faz valer a pena ler o livro mais umas três vezes — comenta, enquanto dá a baixa do livro emprestado no sistema.

— Eu nunca li o Diário de Anne Frank — declara Carol.

Samanta bate com uma das mãos na mesa,

— E como conseguiu viver até hoje? Você tem a obrigação de pegar esse livro agora mesmo.

Samanta sai de sua mesa, volta com o livro em mãos, e faz o registro no nome de Caroline.

— Eu suponho que você já tenha lido — ela pergunta, dirigindo-se a mim.

Faço que sim com a cabeça.

— Ótimo! Mais uma alma salva — diz

enquanto faz um gesto aos céus.

Eu esboço um sorriso.

Samanta entrega o livro para Carol, nos despedimos e saímos da biblioteca. Voltamos para sala um pouco antes do sinal bater, sentamos em nossas mesas, estamos somente nós na sala.

— Yas — eu desvio minha atenção para Carol —, você está bem?

— Como assim?

Carol abaixa o olhar, olha para os lados, percebo que ela está escolhendo as palavras.

— Bom, eu vi as coisas que disseram sobre você naquela página, a sua briga com a Bianca, a gente praticamente não conversou depois disso e sei que não tem sido fácil, então, se quiser desabafar, pode contar comigo.

Estou aos prantos quando ela termina de falar. Carol me abraça e os soluços continuam. Se ela soubesse que a página me difamando em redes sociais e Bianca são apenas a ponta do iceberg, que coisas piores já aconteceram comigo. Carol desfaz o abraço e com um sorriso limpa as lágrimas que caem.

— Carol, eu preciso contar uma coisa...

— YAS!

Eu ergo o olhar para a voz que me chamou e vejo Henrique na porta da sala. Henrique e eu estudamos na mesma sala há dois anos e dava para contar nos dedos quantas palavras trocamos desde então.

— Yas, eu estava te procurando.

— Estava?

Eu pergunto erguendo a sobrancelha. Passo a mão no rosto tentando disfarçar o choro. Ele faz que sim, se aproxima e senta em cima da minha mesa.

— Então — Henrique continua — vai ter um churrasco na minha casa esse final de semana e galera queria saber se você pode ir.

— A galera?

— É, basicamente o pessoal da sala.

Ele coloca a mão entre o meu cabelo, eu tiro.

— E porque vocês me querem lá? Nunca me convidam para nada.

— Ah, não faz assim também — ele insiste em voltar a mão em meu cabelo, eu tiro novamente.

— É que eu não sabia que a gente tinha tanto em comum.

— Do que você tá falando?

— Você sabe, né? — ele disse, com um

# PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso.

— Não...

— A página e tal, todo mundo leu.

— Henrique, é melhor você ir embora — diz Carol, já se levantando da cadeira.

— Qual é? Não tô fazendo nada — ele argumenta erguendo os braços.

— Você um idiota, sai daqui!

Carol empurra Henrique para que saia de minha mesa, ele se desequilibra, mas logo se recompõe e sai da sala dizendo que somos duas loucas. Com a cabeça entre as mãos, eu não tenho mais lágrimas para chorar. Caroline se ajoelha em minha frente e pergunta como estou.

— Por que isso está acontecendo comigo?

— Porque as pessoas, no geral, são escrotas.

Essa frase nunca fez tanto sentido em minha vida.

Eu e Carol não voltamos mais no assunto. As aulas passam rápidas depois do episódio. Henrique não vem mais falar comigo, na saída eu me despeço de Carol e estou indo ao ponto de ônibus quando ouço alguém me chamando. Pela voz sei que é Tiago, mas continuo andando.

— Yas! — ele chama novamente e me puxa

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

pelo braço.

Eu me viro, fico esperando que ele diga algo, ficamos alguns momentos em silêncio.

— Você tá bem? — ele pergunta finalmente.

*Eu devo estar uma merda completa para as pessoas não pararem de me perguntar isso.*

— Estou.

— Eu tenho tentado te mandar mensagens e te ligar, quase nunca consigo ou tenho uma resposta sua...

Tiago passa a mão pelos cabelos. Olho para os lados, apreensiva com quem poderia nos ver conversando.

— Não ando ligando o celular.

— Entendo.

Tiago me fita, desvio o olhar, dou um passo para trás para que ele também entenda que quero ir embora.

— Eu estava pensando se não podemos sair mais tarde.

Balanço a cabeça.

— Não é uma boa ideia.

— Somente para conversarmos.

*Sei muito bem sobre o que vocês gostam de*

# PERIGOSAS ACHERON

*conversar.*

— Não posso.

— Yas, eu realmente não sei por que você está me evitando. Se eu fiz algo que te magoou, me desculpa.

Olho para os meus pés. Imagino se Victor não está me esperando do lado de fora da escola e me vendo conversar com Tiago.

— Você não fez nada...

— Podemos continuar sendo amigos, então?

— Nós somos amigos, mas é que...

Tiago continua me fitando esperando por uma resposta, ele tenta se aproximar, eu me afasto novamente.

— Eu só preciso de um tempo sozinha.

Eu me viro o saio da escola o mais rápido que consigo. Sinto um alívio em não ver Victor me esperando.



## Capítulo 18 – Nunca apague a luz

*“Com um mundo ainda a descobrir  
Mas sem forças pra seguir  
Em busca do que a faz feliz  
Estava tudo bem ali e você diz  
Mesmo em silêncio o que você quer”  
Scalene - Nunca apague a luz*

Logo que chego em casa o celular toca, o nome de Carol aparece na tela. Atendo.

— O que vai fazer hoje à noite? — Ela pergunta.

— Por quê?

— Estava pensando em sair para algum lugar, conversamos um pouco fora da escola.

— Ah, não estou muito a fim...

— Por quê? Aposto que você não vai fazer nada hoje a noite.

Eu rio.

— Não vou mesmo.

— Então, vamos!

— Ah...

— Olha — ela me interrompe — meus pais vão ao cinema ver um filme muito chato e querem que eu vá junto, se você for comigo nós podemos ficar em algum lugar conversando enquanto eles assistem o filme, assim você me poupa de duas horas de puro tédio. O que acha?

Eu ainda não estou a fim de ir, mas Carol tinha se tornado uma boa amiga, aliás a única amiga que eu tenho no momento. Mesmo como todo o caos que está acontecendo em minha vida ela ainda insiste em me manter por perto, então acho que eu devo isso a ela.

— Tá bom, me convenceu.

— Ótimo! Passamos para te pegar às 18h, tá?

Desligo o telefone e imediatamente sinto um aperto no peito. Não sei como contar ao Victor que sairia para qualquer lugar sem ele. Não parece algo que ele aceitaria. Uma voz dentro de mim diz que ele não precisaria ficar sabendo e a outra responde que ele poderia descobrir. Ele sempre descobre.

*Talvez eu só esteja enlouquecendo.*

Decido mandar uma mensagem para Victor.

“Vai fazer algo hoje?”

“Nenhum plano, por quê?”

“Só queria saber se a gente vai se ver.”

“Não, tô bem cansado por ter que acordar cedo para te levar na escola.”

“Você não precisa me levar se não quiser.”

“Você sabe muito bem porque eu tenho que te levar.”

Não respondo mais, me afundo na cama e aperto o celular contra o peito. Passo o resto da tarde olhando o celular de cinco em cinco minutos e respondendo cada mensagem de Victor no mesmo momento em que ele me envia pra não correr o risco de ficar bravo comigo ou decidir vir até em casa.

Arrumo-me um pouco antes do horário combinado, digo a meus pais que vou sair com uma amiga e espero os pais de Carol do lado de fora. Assim que eles chegam eu entro, os cumprimento e saímos. Não conversamos muito até chegar ao shopping, estou um pouco envergonhada pela situação. Apenas respondo perguntas sobre há quanto tempo eu e Carol estudamos juntas e o que acho de algumas matérias da escola. Carol por outro lado fala bastante e com uma liberdade que

não tenho perto dos meus pais.

Não muito tempo depois chegamos ao shopping, Carol e eu escolhemos uma lanchonete com decoração retrô enquanto seus pais vão ao cinema. Pedimos o nosso lanche e enquanto esperamos Carol me conta que, apesar de seus pais terem um restaurante de comida japonesa, ela decidiu cursar biologia.

— E, além disso, sou vegetariana, cuidar do restaurante nunca daria certo — ela completa.

— Mas, e o lanche?

— Hambúrguer de soja.

Eu sorrio.

— Certo.

Carol meche o suco com um canudinho e fico pensando que eu deveria dizer algo, mas não sei o quê. Tenho medo de dizer algo errado e mais uma vez acabar estragando uma amizade. Para o meu alívio ela puxa um assunto.

— Então, o que você anda lendo ou assistindo por esses dias?

— Nada demais...

— Tipo? — insiste Carol.

— Na verdade, não estou fazendo nada.

Nossos pedidos chegam, o garçom pede

## PERIGOSAS NACIONAIS

licença enquanto coloca nossos lanches sobre a mesa. O cheiro está tão bom que me dá água na boca. Carol dá uma mordida no lanche antes de voltar a perguntar.

— E por quê?

Dou de ombros.

— Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, não consigo nem pensar em me distrair.

Carol continua me olhando, provavelmente esperando que eu elaborasse melhor a minha resposta, mas não quero fazer isso.

— Algo além da página? Problemas com o namorado?

Dou um gole no suco.. O assunto está fazendo o meu estômago embrulhar e não quero mais falar sobre isso.

— Acho que sim.

— Seu namorado é o cara com quem eu te vi chegando hoje?

— Acho que sim. — respondo automaticamente mais uma vez.

Carol sorri. Não consigo fazer o mesmo, não sei o que eu disse que foi engraçado.

— Acha? Você não sabe com quem está namorando?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, só não tenho certeza se isso é mesmo um namoro.

— Por que diz isso?

Olho para os lados, suspiro.

*Será que podemos mudar de assunto?*

— Porque sim.

Carol balança a cabeça, como se concordasse comigo ou estivesse processando o que acabei de dizer. Toma mais um gole do suco.

— Cara complicado?

— Um pouco... — limito a dizer enquanto mordo meu lanche.

Carol olha para lado e eu acompanho seu olhar para as mesas da lanchonete, as pessoas conversando. Uma música bonita está tocando, mas não sei o nome.

— Você não quer falar sobre isso, né?

*Demorou um pouco para perceber.*

Faço que não.

— Tem certeza? Porque eu acho que faria bem se você falasse, fiquei pensando sobre isso depois de hoje, na escola...

Eu a fito por um tempo, seus olhos determinados me analisando.

— Eu consigo ver que você está gritando

## PERIGOSAS ACHERON

por dentro.

Sinto um arrepio percorrendo minha espinha, minha mente diz: *como você pode dizer isso? Mal me conhece.* Mas meus olhos contradizem meus pensamentos e se enchem de lágrimas.

Carol levanta da mesa e abre os braços.

— Vem cá, me dá um abraço.

Eu levanto, sou envolvida pelo abraço dela e começo a chorar ainda mais. Logo depois Carol desfaz o abraço, limpa minhas lágrimas com um sorriso terno nos lábios.

— Eu sei que a gente não se conhece muito bem, mas também sei que você não está bem.

Carol volta a sentar em seu lugar e eu sento no meu. Respiro fundo para parar as lágrimas.

— Tem algo que eu preciso te contar...

Carol faz uma pausa, eu espero ela continuar.

— Ontem não foi a primeira vez que eu te vi com aquele cara e eu tô tentando abordar esse assunto com você há dias, mas não sei como.

— Que assunto?

— Primeiro, eu tenho que te pedir desculpas...

# PERIGOSAS NACIONAIS

Carol abaixa o olhar, eu a fito confusa.

— Desculpas?

— Eu vi que tinha algo muito errado acontecendo ali e não fiz nada.

Ela fica em silêncio por um tempo, como se tentasse se lembrar das cenas. Eu não faço a mínima ideia do que ela está falando.

*O que foi que ela viu? Quando?*

— Eu o vi te embebedando, subindo com você para o quarto, você saindo chorando... Eu vi toda a merda acontecendo e não fiz nada, — ela abaixa o olhar e respira fundo — Yas, me desculpa?

Balanço a cabeça ainda mais confusa.

*O que é que ela está falando? Ela estava na festa é isso? Como?*

— Não tenho nada para te desculpar.

— Claro que tem, eu poderia ter te ajudado.

Eu volto a olhar o copo, não sei o que dizer, ou o que está acontecendo naquele momento.

— Você estava lá? Na festa?

Ela faz que sim. Eu tento juntar as peças, mas não faz sentido.

— Como?

— Uma das meninas da sala está

# PERIGOSAS ACHERON



namorando um cara que estuda na Puc. Ela falou para gente da festa em na república e nós fomos.

— Qual garota?

— Aline. — ela se limita a dizer.

Eu sei quem Aline é, uma das novas amigas de Bianca. Ela também estava na casa de Bianca quando jogamos aquele jogo estúpido.

— Você, Aline e Bianca estavam na festa. — eu deduzo.

Ela assente. As coisas parecem fazer mais sentido agora e a aproximação de Carol também.

*Eu não sei porque eu ainda insisto em confiar nas pessoas.*

— O que você quer?

Caroline balança a cabeça.

— Quero te ajudar.

— Não há nada que você possa fazer para me ajudar.

— Eu não sou como aquelas garotas, Yas. Eu não quero mais ter a companhia delas. Elas são cruéis e não merecem ter você ou qualquer outra pessoa com o mínimo de empatia por perto.

Eu forço um sorriso, irônico.

— Você diz que quer me ajudar, mas na verdade somente quer tirar o peso da sua

consciência por achar que deveria ter feito algo naquele dia. Não tem nada a ver comigo e sim com você.

Carol encolhe os ombros.

— Eu entendo que você veja dessa forma e eu acho que eu mereço isso. — Carol se aproxima da mesa e estende uma das mãos em direção a minha — Mas tudo isso é tão pequeno comparado ao que aconteceu naquela festa...

Meus olhos vão em direção as mãos de Caroline, mas não me movo.

— Você não sabe o que aconteceu.

— Por que você não me diz? — ela insiste.

— Eu não sei o que dizer...

Eu tomo mais um gole, sinto a minha mão gelada e os dedos tremendo, olho para os lados e não sei o que dizer, não quero voltar para aquele quarto.

— Tá — Carol começa — vou te ajudar aqui. Ele te levou para o quarto e o que aconteceu?

As imagens em minha cabeça me levam para aquela noite, sinto o cheiro de incenso mesmo sabendo que não seria possível ter algum incenso aceso na lanchonete, o apanhador de sonhos na porta, o teto branco, o click de quando ele trancou a

# PERIGOSAS NACIONAIS

porta.

— Vocês transaram? — Carol continua.

Faço que sim.

— Você quis?

Não respondo, meus olhos estão cheios de lágrimas, ouço a respiração de Victor no meu ouvido, suas mãos na minha pele.

— Você disse para ele parar? Que você não queria? — ela insiste.

Faço que sim.

As lágrimas começam a escorrer vejo a mão de Carol se fechar sobre a mesa.

— Esse filho da puta te estuprou.

— Não foi bem isso... — ouvir aquelas palavras me causa uma sensação estranha. Carol não parece me ouvir.

— A gente tem que denunciar esse cara...

Começo a sentir falta de ar, meu coração palpita e visão embaça, vejo os lábios de Carol se movimentando, mas não consigo entender uma palavra do que ela diz. No segundo seguinte eu estou dentro do quarto, naquela noite, o teto branco rodando, a cama balançando, a voz de Victor em meu ouvido. Sinto a mão dela na minha e ela me chacoalhando. Não consigo respirar.

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Yas?

— Me leva embora.

— Mas...

— Me leva embora, eu só quero ir para casa.

Percebo que estou chorando, olho para os lados e vejo vultos nos observando. Levanto da cadeira e quase caio.

— Espera, calma, eu te levo.

Ouçõ a voz de Carol.

— Só senta aqui que eu preciso pagar a conta, tá?

Volto a sentar na cadeira, as imagens ainda rodam. Carol volta alguns minutos depois, saímos da lanchonete e ela chama um táxi. Sinto minha respiração voltar ao normal assim que ela me ajuda a sentar no banco. Eu não consigo entender o que aconteceu.

— Desculpa... — digo depois de um tempo.

— Porque está se desculpando? Eu que peço desculpas, de novo, não devia ter abordado o assunto dessa forma...

Eu não sei o que responder, apenas assinto. Ficamos em silêncio o caminho de volta. A palavra *estupro* fica gravada em minha mente e sinto

# PERIGOSAS ACHERON

vontade de vomitar. Pouco tempo depois chegamos em casa. Carol me dá um abraço forte antes de eu descer do carro.

— Obrigada pela sua companhia e por te aceitar o convite.

— Tá — respondo.

— Quero muito conversar com você mais vezes, não precisamos entrar nesse assunto se você não quiser. Podemos falar sobre qualquer outra coisa.

Desfazemos o abraço, sinto as lágrimas voltando a escorrer. Carol sorri para mim.

— Te vejo amanhã.

Eu forço um sorriso de volta, assinto e saio do carro.

Abro o portão de casa, entro tiro o celular da bolsa. Minhas mãos voltam a tremer assim que olho para a tela. 14 ligações perdidas, 56 mensagens não lidas, todas de Victor. Devia ter deixado o celular na mesa, com o barulho da lanchonete eu nunca o ouviria tocar.

Volto o olhar para a rua através no portão, o táxi já foi embora, mas o carro de Victor está parado do outro lado da rua. Sinto meu coração disparar, não quero entrar em casa. Fico parada em

## PERIGOSAS NACIONAIS

frente a porta por um tempo, sem encontrar coragem para abri-la.

Levo um susto quando a porta se abre o rosto do meu pai aparece.

— Ah, então era você mesmo? Nós ouvimos o portão abrir, mas ninguém entrou, ficamos preocupados.

Dou um sorriso sem-graça.

— Estava procurando a chave.

Meu pai franze a sobrancelha.

— E como abriu o portão sem a chave?

Engulo seco.

— É... É que eu a deixei cair e estava escuro... não achava.

Ele sorri e abre passagem para eu entrar.

Victor está sentado no sofá da sala e seu olhar quando me vê não é dos melhores.

— Você não avisou o Victor que iria sair, minha filha? — pergunta minha mãe.

— Acho que eu esqueci...

— Coitado está te esperando aqui faz tempo.

*Coitado? Paranoico você quer dizer?*

— Podemos conversar lá em cima? — ele pergunta para minha mãe.

## PERIGOSAS ACHERON

— Claro, mas deixe a porta aberta — ela diz para mim.

*Como se eu fosse querer fechá-la.*

Não espero por ele e subo as escadas, sento em minha cama e o espero.

Meu coração bate tão forte que o barulho parece retumbar pelo quarto. Minha mente repete a frase que Carol me disse momentos antes. Ela disse que ele me estuprou, mas eu não tinha facilitado? Aquela situação também não era culpa minha de alguma forma? Eu me coloquei ali.

*Mas ainda assim ele não tinha o direito. Não é?*

Victor chega alguns segundos depois, entra no quarto e olha ao redor. Vai até a mesa do computador e levanta o porta-retrato que está abaixado. Uma foto minha e de Bianca. Ele devolve a foto para a mesa com ela virada para mim.

— Primeira vez que estou no quarto, mas sou o primeiro homem a entrar aqui?

Eu reviro os olhos, não respondo. Não aguento mais esse jogo. Meu estômago embrulha e eu acho que quero vomitar.

— Vou entender isso como um sim. — ele

continua.

*Entenda como quiser.*

Victor encosta a porta do quarto. Minhas mãos tremem.

— Não gostei do que fez hoje...

Eu continuo em silêncio.

— Você mentiu para mim.

— Não menti.

— Certo, omitiu, então... Se você acha que isso é mais bonito.

Ele se aproxima e senta ao meu lado na cama, me encolho perto da cabeceira.

— Com quem você estava?

— Com uma amiga.

Ele sorri.

— Amiga? Aonde?

— Em uma lanchonete no shopping.

— E o que vocês fizeram lá?

— Só conversamos.

— Sério? Só isso? Nenhum cara deu em cima de vocês?

Faço que não.

— Vocês também não deram em cima de ninguém?

— Claro que não!



## PERIGOSAS NACIONAIS

Victor coloca a mão em minha perna. Eu enrijeço.

— Para isso dar certo eu preciso confiar em você, Yasmin... E você omitindo as coisas não está ajudando.

Eu engulo seco, ele aperta minha perna mais forte.

— Eu estou tentando construir um relacionamento aqui, você não entende isso?

Fico em silêncio.

— Entende ou não? — ele insiste.

Faço que sim. Ele coloca sua mão em meu rosto e o vira para olhá-lo.

— Eu não quero ter que divulgar aquele vídeo.

Meus olhos se enchem de lágrimas, eu respiro fundo para evitar chorar.

— Amanhã eu passo aqui para você compensar o tempo que eu perdi hoje.

Ele me dá um beijo, levanta da cama e sai do quarto, o ouço se despedindo dos meus pais. Levanto da cama, abro a janela, sinto o vento em meu rosto e penso que é uma pena não morarmos em um lugar mais alto.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 19 – Consertar-te

*“Lights will guide to home  
And ignite your bones  
And I will try, to fix you”  
Coldplay – Fix You[\[17\]](#)*

Terça-feira de manhã eu saio de casa para ir à escola e Victor está me esperando no carro com o motor ligado. Sinto um embrulho no estômago, seguido de uma taquicardia, respiro fundo para tentar me acalmar antes de entrar no carro.

Victor sorri quando me vê e me dá um beijo que eu não retribuo. Uma música do Coldplay está tocando, uma das minhas favoritas e isso faz com que minha raiva aumente, pois ela nunca mais será a mesma para mim.

Estou encolhida no banco, tão próxima a porta que se não estivesse trancada eu cairia. O carro para em um semáforo, Victor pega em uma das minhas mãos e a beija.

— Você tem que me prometer uma coisa — ele diz.

*Mais uma?*

— Nunca mais irá sair daquele jeito sem falar comigo.

*Nós não acabamos com esse assunto?* Eu engulo seco. O semáforo abre e ele solta a minha mão.

— Só saí com uma amiga para conversar...

Vejo a expressão dele se alterar em raiva.

— Eu tô aqui te dando mais uma chance e você ainda quer justificar seu erro? Você tem noção da humilhação que me fez passar com os seus pais quando eu cheguei na sua casa e você não estava?

Eu abaixo a cabeça, aperto as mãos.

— E outra, desde quando mulher compromissada sai sozinha?

Continuo em silêncio, não consigo olhar para ele. Sinto sua mão em meu cabelo.

— Mas está tudo bem, sei que foi somente essa vez e que você não irá fazer de novo, não é?

Faço que sim com a cabeça.

— Eu preciso ouvir da sua boca, Yasmin.

— Não vou fazer de novo.

Ele vira meu rosto e me dá um beijo. A repulsa é tão grande que tenho que lutar para não tentar me afastar.

— À noite passo na sua casa para te pegar.

Eu não respondo. Pouco tempo depois ele me deixa na escola e me sinto aliviada por ter chegado e não estar mais na presença dele. Até mesmo a aula de matemática não parece um fardo tão grande assim. Carol chega um pouco depois e senta-se ao meu lado.

— Fez o trabalho de química? — ela pergunta depois de nos cumprimentarmos.

— Que trabalho? — Ergo a sobrancelha.

— O que ele passou na semana passada.

— Acho que não vim nesse dia...

Carol arregala os olhos.

— Ah, é verdade, eu ia te falar do trabalho, mas você também não veio na quarta, acabei esquecendo... Que cabeça.

Faço um gesto com a mão.

— Tudo bem, não precisa se preocupar...

Carol abre a mochila tira umas folhas de dentro de uma pasta e me entrega.

— Só não faça igual.

Sorrio.

— Obrigada.

Ela sorri de volta.

Durante a aula de matemática eu copio o

trabalho para entregar na aula de química, por pouco tempo consigo terminar antes da aula começar. Entrego meu trabalho e aula passa rápida. Durante o intervalo eu sento em um banco enquanto espero Carol comprar um lanche, não estou com fome. Quando olho para o lado vejo Tiago se aproximando.

Eu tento disfarçar e fingir que não o vi, desse jeito, quem sabe, ele passaria por mim sem parar, mas isso não acontece.

— Oi, Yas.

— Oi.

Ele senta-se ao meu lado, eu me afasto um pouco. Tiago sorri, sem graça.

— Eu acabei não te mandando mensagem hoje perguntando se você queria uma carona, mas saiba...

— Tudo bem — eu o interrompo —, não se preocupe com isso.

Ele acena, mexe no cabelo e olha para os lados por alguns momentos, percebo que está nervoso.

— Sinto falta das nossas conversas.

Eu gelo, aquelas palavras me acertam em cheio. Eu viro o rosto e nossos olhares se encontram. Sinto minha respiração parar, borboletas no

## PERIGOSAS NACIONAIS

estômago e não sei dizer exatamente o que aquilo significava. Eu costumava a associar essa sensação com coisas boas, agora tudo o que consigo sentir é medo.

*Talvez fosse melhor você ir embora.* É o que eu queria dizer, mas não é isso que sai dos meus lábios:

— Eu também.

Tiago faz um movimento para me responder. Não é a voz dele que ouço em seguida:

— Oi, gente!

Olho para frente e encontro Carol, em suas mãos um sanduíche.

— Hã... Eu tô atrapalhando alguma coisa?

Eu balanço a cabeça.

— Não, eu já tava de saída — Tiago completa.

— A gente se vê Yas.

Ele se despede de mim e de Carol, ela senta ao meu lado.

— Foi mal...

— Relaxa.

— Eu acho ele bonito — diz Carol, entre uma mordida e outra no seu lanche.

Eu viro-me para ela que faz um sinal para eu esperá-la engolir.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O jeito que ele te olha — ela completa — é um olhar terno, passa serenidade, sabe?

Eu acompanho Tiago com o olhar, enquanto ele caminha de costas de encontro aos amigos.

— Você não percebe? — Carol continua.

— Não.

*Todos os olhares são iguais.*

Passamos o resto do intervalo conversando e voltamos para a aula de geografia, durante as últimas aulas, meu olhar se encontra com o de Bianca algumas vezes, toda vez que viro o rosto para o lado da sala em que ela está a encontro sorrindo para mim. Aquele sorriso de superioridade que me faz querer quebrar os dentes dela. Respiro fundo e a vontade passa.

Quando saio da sala para ir embora vejo Tiago caminhando até seu carro, ele acena para mim, aceno de volta e continuo meu caminho. Chego em casa e me tranco no quarto, conforme escurece eu fico cada vez mais nervosa, faria qualquer coisa para não ter que sair com Victor novamente.

Meus dedos estão tremendo quando pego o celular para enviar uma mensagem com uma desculpa para não poder vê-lo. Meu coração bate acelerado como nunca.

## PERIGOSAS ACHERON



“Estou gripada, não posso sair.”

“Tá de brincadeira comigo? Eu vi você hoje de manhã e estava bem.”

“O tempo mudou e eu fiquei doente”

“Passo na sua casa mais tarde.”

Meu coração ainda pulsa forte quando abro o Google e pesquiso como fazer maquiagem para fingir que estou doente. Acho um link com o nome “Como fingir que está doente em 13 passos”. Levo celular até o banheiro e pego o estojo de maquiagem, quando olho o meu reflexo no espelho penso com tristeza que não será tão difícil conseguir o efeito desejado. Maquio-me de acordo com o tutorial e deito em baixo das cobertas. A maquiagem não fica igual a da foto, mas é suficiente.

O primeiro teste é com a minha mãe que fica extremamente preocupada assim que me vê e traz uma caixa de remédios junto com um chá para o quarto. Quando me deixa sozinha minha garganta está ardendo de tanto fingir uma tosse seca.

Victor chega algum tempo depois, ouço sua voz no andar de baixo conversando com meus pais, ouço risadas e penso em como eles se dão bem. Ouço os passos de Victor subindo a escada de

## PERIGOSAS NACIONAIS

madeira e meu coração bate junto com cada passo. Minha respiração começa a ficar acelerada e antes de ele abrir a porta eu já estou fingindo uma nova crise de tosse.

Ele abre a porta sem bater, acende a luz em meu rosto e antes de sentar em minha cama puxa as minhas cobertas para se certificar que estou de pijama. Eu sento na cama e me encolho.

— Você não parece nada bem — ele diz, por fim.

— Eu sei.

— Já tomou remédio? — ele diz, enquanto analisa a caixa que está na escrivaninha ao lado da cama.

Faço que sim.

Victor coloca a caixa de remédios de volta e se aproxima para me dar um beijo. Eu viro o rosto.

— Não quero que você fique gripado.

Ele sorri. Sinto meus dedos tremendo e aperto as mãos para que ele não veja.

— Se cuida.

Diz enquanto se levanta da cama e sai do quarto, deixando a porta aberta. Espero ele descer as escadas e se despedir dos meus pais, só consigo relaxar quando ouço a porta da sala de fechando.

## PERIGOSAS ACHERON

— Esse menino é tão preocupado com a Yas.  
— Ouço minha mãe dizer.

Volto a deitar na cama e me cubro com as cobertas. O alívio de estar sozinha me acalma, essa noite consegui me livrar de Victor, mas até quando?

## Capítulo 20 – Faça seu Coração Parar de Chorar

*“Cause all of the stars  
Are fading away  
Just try not to worry  
You'll see them some day  
Take what you need  
And be on your way  
And stop crying your heart out”*

*Oasis – Stop Crying your Heart out*[\[18\]](#)

Eu aproveito a desculpa de estar doente e não vou à escola. Assim evito a carona de Victor e as pessoas desagradáveis que estudam comigo. Aproveito também para esquecer de mim e começo a ler um novo livro. O único problema é que Victor me envia mensagens a cada cinco minutos e mal consigo me concentrar na leitura.

Por volta de uma hora da tarde ouço a campainha tocar, imediatamente fico nervosa, com o coração acelerado, não tenho condições de enfrentar o Victor agora, espero que não seja ele. Abro a janela e o rosto que vejo me tranquiliza: é

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Carol. Ainda estou de pijamas quando saio para abrir a porta.

— Meu deus, eu não sabia que você estava tão doente — ela diz assim que me vê.

Eu coloco a mão no rosto e me lembro que não tirei a maquiagem para dormir, sorrio.

—É falso.

— Como assim? — ela arregala os olhos enquanto eu dou passagem para ela entrar pelo portão.

— Maquiagem.

Ela balança a cabeça e chega um pouco mais perto.

— Não acredito! Ficou muito bom.

— Obrigada.

Carol sorri, nós entramos em casa e eu tranco a porta. Sigo até o sofá e Carol me acompanha sentando ao meu lado.

— Espero que você tenha tido um bom motivo para faltar — ela faz uma pausa — teve prova.

Coloco a mão na testa. Sabia que eu estava esquecendo alguma coisa. Com tantos problemas acontecendo está difícil administrar as datas de trabalhos e provas da escola.

— Geografia?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ela faz que sim.

— E você sabe que a professora é bem chata com os alunos que faltam em suas provas.

Reviro os olhos. Não há um professor que não implique com isso naquela escola. Dia de prova é um dia sagrado.

— Sim, eu sei.

— Tem atestado?

— Claro que não. Eu nem estou doente de verdade.

Carol se ajeita no sofá e se vira para mim.

— Por que você faltou pra começo de conversa?

Dou de ombros. Ela deve saber muito bem porque estou evitando ir para escola.

— Não tava a fim de ir.

Ela ergue uma sobrancelha, seus olhos me dizem: *você consegue me dizer mais do que isso*. Continuo em silêncio.

— Achei que a gente já tinha passado da parte dos segredos e jogos de adivinhação.

Suspiro, ela não vai desistir do assunto. Carol segura uma de minhas mãos, eu abaixo o olhar e miro seus dedos entre os meus.

— Você pode confiar mim. — ela diz.

## PERIGOSAS ACHERON

Ergo a cabeça, os olhos negros e Carol estão em mim. Eu ainda não consigo encontrar as palavras para dizer a verdade.

— Sei que a escola não tem sido fácil com toda a discussão em volta do seu nome, mas...

Eu a interrompo. O ponto crucial dessa conversa não é a escola.

— Eu fingi que estava doente ontem para não ter que ver o Victor.

Ela aquiesce.

— Victor é o cara da festa, certo?

Faço que sim. Ela fica em silêncio por um momento. Eu consigo ver que Carol está tentando encontrar as palavras certas para continuar a conversa, ela não quer dizer algo errado e me afastar de novo.

— Mas por quê? Não era mais fácil dizer que você não queria vê-lo?

— Não é bem assim que funciona.

Ela ergue a sobrancelha. Carol não entende. Fico imaginando se ela acha que eu gosto de me torturar desse jeito. Se fosse simples assim, eu já teria saído da situação.

— Deveria.

Eu abaixo o olhar e afasto minha mão. Mesmo

## PERIGOSAS NACIONAIS

escolhendo as palavras, ela não sabe o que está falando. Não quero discutir e nem ficar voltando a esse assunto. Quanto menos tiver que falar sobre ele, melhor.

— Eu não consigo entender — ela insiste — porque você mantém contato com esse cara?

Encolho os ombros, envolver Carol nessa situação poderia piorar ainda mais as coisas.

*E o que explicar tudo isso a ela iria mudar?*

— É complicado. — limito a dizer.

— Complicado? Diz para ele sumir, não te procurar mais.

Abaixo a cabeça de novo, olho para as minhas mãos. Queria que ela simplesmente deixasse esse assunto ir embora.

— Não posso fazer isso.

— Não pode?

Faço que não. Carol fica em silêncio por um momento.

— Você gosta desse cara?

Eu balanço a cabeça.

— Eu tenho nojo dele.

— Mas, então... Ele está te ameaçando?

Não respondo.

— Yas?

## PERIGOSAS ACHERON



Silêncio. Todas as palavras travadas em minha garganta e nenhuma sai.

*Como Victor reagiria se soubesse que eu estou falando sobre ele dessa forma?*

— Se você não me responder eu vou entender como um sim.

Dou de ombros.

— Certo, então é um sim — Carol continua. — Eu não entendo por que você não quer denunciar esse cara. Olha o que ele fez para você, roubou a sua paz, sua liberdade, ele não pode ficar impune desse jeito.

Eu levanto do sofá, abro a janela da sala para entrar um pouco de ar e faço um coque com os cabelos. Odeio ter que falar disso.

*Não quero ter que falar disso.*

*Não quero reviver.*

*Eu só quero apagar de minha memória e fingir que nunca aconteceu.*

— É muito fácil falar porque não era você que estava bêbada em uma festa universitária e transou com o cara com quem tava ficando...

Ela desencosta do sofá e se impõe para me responder.

— Você não transou com ele. Ele te

estuprou.

Sinto um frio subindo a minha espinha e não sei se é do vento que entra pela janela ou da força que aquelas palavras têm em mim.

*Quem acreditaria se eu disser que foi estupro?*

Victor não me forçou a entrar naquele quarto na festa.

Ele não me forçou a entrar em seu apartamento.

Eu fui porque eu quis. Acreditei que seria diferente.

É a minha palavra contra a dele.

*Quem irá acreditar em mim?*

Suspiro, volto a sentar no sofá. Olho Carol com o canto dos olhos. Analisar a situação por fora e com informações incompletas é fácil, mas não é ela quem enfrentará os julgamentos.

— Como eu vou contar para os meus pais?  
— tento explicar. — Como eu vou ir a delegacia dizer que fiquei bêbada? Eu tenho dezesseis anos, se você se esqueceu...

— O fato de você estar bêbada no dia torna o caso muito mais grave porque é qualificado como estupro de vulnerável. Você não tinha condições de

se defender.

Não sei o que responder. Continuo com os olhos em Caroline. Eu quero ter uma máquina do tempo para resolver meus problemas e nada disso teria acontecido.

— Eu fiz umas pesquisas depois da nossa conversa — ela complementou —, se você denunciar, esse cara tá ferrado e seja quais forem as ameaças, não terão efeito.

*Ela ainda não entende. Talvez nunca entenderá.*

— Só porque você fez uma pesquisa no Google não pode agir como se soubesse a verdade.

Carol fica em silêncio e assente. Por algum momento acho que finalmente ela entendeu meu lado e que aquele assunto iria acabar. Ela volta a relaxar no sofá.

— Tem razão, mas se eu não sei toda a verdade, me diga qual é...

Eu me engano, abro a boca, mas as palavras não saem mais uma vez. Sinto o cheiro de incenso. Eu pisco e vejo o apanhador de sonhos pendurado na porta. Meu coração palpita e minhas mãos tremem. Meu corpo está me denunciando e como eu quero que essas reações parem. As palavras

estão presas em minha garganta.

*Eu não quero voltar para aquele quarto.*

Carol pega em uma de minhas mãos, e eu estou de volta a sala da minha casa.

— Eu pegaria um copo d’água para você se soubesse onde é a cozinha...

Dou um leve sorriso e levanto. Carol passa seu braço pelo meu ombro e vamos até a cozinha, pego um copo de água para mim, outro para ela e sentamos à mesa. Caroline espera pacientemente que eu fale, ficamos longos minutos sentadas à mesa, meu olhar vaga pelo cômodo evitando encontrar o dela. Tenho vergonha do que vou dizer.

— Ele tem um vídeo — digo por fim

Carol engasga com a água.

— Um vídeo de vocês...

Faço que sim. Vejo nos olhos de Carol a expressão de choque, ela encosta da cadeira.

— Yas, eu não sei o que dizer...

Eu quase consigo sorrir com aquela frase. As coisas mudam de figura com o quadro completo e até alguém tão convicta pode perder suas certezas.

— Não há nada a dizer.

— Você precisa de um advogado.

Balanço a cabeça. *Um advogado apagaria meu passado? Me faria esquecer? Faria as pessoas esquecerem?*

— Só vou precisar de um advogado se ele divulgar.

— E por que você acha que ele não divulgaria?

— Ele já me disse as condições.

Carol está com os olhos arregalados, choque e indignação transparecem pela sua expressão.

— Você não pode ficar refém desse cara para sempre.

— Você diz isso como se eu tivesse escolha. Como se ter um vídeo vazado na internet não fosse destruir a minha vida.

Carol leva a sua mão até a minha.

— Yas...

Não a deixo terminar e continuo:

— Vou viver como a garota que viralizou na internet por um vídeo de sexo? Com o olhar de pena das pessoas e os comentários grosseiros? Quem é que irá acreditar que eu não quis depois daquela página idiota que a Bianca criou?

Carol toma um gole de água e afasta a mão.

— Seria estupidez minha dizer que eu te

entendo... — ela para por um tempo e respira fundo — eu não entendo, Yas. Eu não sei o que é passar por isso, se você vai denunciar esse cara ou não, a escolha é sua e de nenhuma forma será fácil.

Ficamos por um tempo nos fitando enquanto absorvo suas palavras.

— Eu gostaria muito que você denunciasse para ele pagar pelo que te fez — ela continua — mas independente da sua decisão, estarei aqui para te apoiar.

Sinto um alívio com aquelas palavras, um conforto. Ao contrário do que eu imaginava, de como seria o final dessa conversa.

Achei que eu ficaria com raiva. Que eu mais uma vez me decepcionaria. Em vez disso, ela me deixou com algo para pensar.

Denunciar Victor significa me expor para o mundo da pior forma possível, não denunciá-lo seria conviver com o constante medo.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Carol me abraça forte.

— Você precisa contar a seus pais pelo menos.

As lágrimas continuam caindo, eu não suportaria dizer isso à eles.

— Pense sobre tudo isso que a gente conversou,

## PERIGOSAS NACIONAIS

tudo bem?

Faço que sim.

— E não falte na escola amanhã.

— Vou pensar sobre isso – digo enxugando as lágrimas.

Carol sorri, seu rosto próximo ao meu, ela me ajuda a enxugar as lágrimas.

— Eu preciso ir agora, preciso ajudar meus pais com o restaurante. Passei aqui só para ver você...

— Obrigada...

— Você vai ficar bem?

Eu assinto.

— Estou bem.

— Mentirosa.

Eu sorrio, Carol também. Levo-a até a porta e nos despedimos. Entro em casa e volto para o meu quarto. Caroline está certa sobre muitas coisas e principalmente sobre não saber como é estar na minha situação. Somente nos minutos em que conversei com Carol meu celular já está cheio de mensagens de Victor: “o que está fazendo?”, “está conversando com mais alguém?”, “já está melhor?”. Deixo o celular de lado e não respondo, sei que ele não se importa comigo, somente quer me vigiar.

## PERIGOSAS ACHERON

Tento considerar a ideia de colocar um fim nessa tortura, mas pensar que isso me levaria a outro problema não facilita as coisas. Com os boatos sobre mim que já correm pela escola, o vídeo só serviria como comprovação, ninguém mais duvidaria que aquelas histórias são inventadas, ninguém se questionaria.

Seria um fato: Yasmin Bettini é uma vadia.

E eu não sei se consigo viver com esse estigma.

Seria mais fácil deixar tudo isso para trás como se nunca houvesse existido e seguir em frente. Não quero não quero vingança, só quero esquecer.

Cubro-me com as cobertas, meu quarto sempre foi o cômodo mais gelado da casa. Miro o teto por um tempo e tenho uma ideia, mando uma mensagem para Victor, levanto da cama e vou tomar um banho.

Talvez exista um jeito mais fácil de resolver.



## Capítulo 21 – Nunca desista

*Do you know what it's like when  
You're scared to see yourself  
Do you know what it's like when  
You wish you were someone else  
Who didn't need your help to get by  
Do you know what it's like  
To wanna surrender?* [\[19\]](#)  
*Skillet – Never Surrender*

Eu olho no relógio e são sete horas, ele deve estar chegando. A praça de alimentação do shopping está lotada. Reparo em minhas mãos tremendo e as seguro para disfarçar. Recebo uma mensagem no celular:

“Estou estacionando.”

Meu coração acelera, eu começo a duvidar se essa ideia foi realmente boa. Respondo:

“Ok.”

Coloco o celular no bolso e olho ao redor, casais, amigos, famílias, pessoas andando com sacolas cheias e sorrisos no rosto, engraçado como você nunca sabe o que realmente se passa por trás

## PERIGOSAS NACIONAIS

daquele sorriso. Ainda estou divagando quando vejo Victor entrar na praça de alimentação, não aceno, mas ele logo me vê. Sorri e se aproxima.

Ele tenta me dar um beijo, eu viro o rosto.

— Ainda estou um pouco doente — justifico.

Ele desconfia, mas não diz nada.

— Estou morrendo de fome, quer algo?

Faço que não.

— Mas pode ir pegar, se você quiser, eu espero — complemento.

Ele vai em direção a uma rede de fastfood, eu continuo onde estou. Os minutos parecem horas, eu só quero acabar logo com isso e ir para casa. Victor volta com um lanche, uma batata e senta-se em minha frente.

— Tem certeza de que não quer?

— Sim, estou sem fome.

Victor dá uma mordida no lanche, espero em silêncio.

— Então, o que você quer me falar de tão importante que não podia ser na sua casa?

— Eu só não quero que meus pais ouçam.

Ele faz um sinal com a mão para que eu continue. Eu dou um sorriso amarelado, respiro

## PERIGOSAS ACHERON

fundo. Ensaiei para esse momento e agora não sei como continuar, os olhos de Victor sobre os meus me intimidam.

— É melhor você falar — diz Victor — porque eu estou começando a fazer suposições aqui.

Respiro fundo mais uma vez. Eu preciso escolher cada palavra com calma, não quero que ele fique nervoso ou que tenha a impressão errada dessa conversa.

— Nessas semanas que estivemos juntos... — começo — aconteceram muitas coisas algumas delas foram boas...

— Algumas? — Victor me interrompe e deixa o lanche sobre a mesa. Seus olhos em mim me causam arrepio.

— Deixe eu terminar...

— Se for para você ficar falando barbaridade fica difícil.

Uma voz em minha mente repete mais uma vez: *Você tem certeza de que essa foi uma boa ideia?* Mando os pensamentos embora e continuo.

— Algumas delas foram ruins para mim e me machucaram...

— Você tá me traindo?

Eu encurvo a sobrancelha, perco a linha de

raciocínio. *O que uma coisa tem a ver com a outra?*

— Como que você chegou a isso?

— Me chamou para conversar em lugar público, só pode ser para contar alguma merda — ele bate com mão sobre a mesa, aumenta o tom de voz, vejo as pessoas de outras mesas nos olhando — e começa com esse papinho de que eu não tô te fazendo feliz, só pode estar com outro. Você tá me traindo é isso?

— Eu não estou te traindo e você quer falar mais baixo, pelo amor de Deus?

Seguro em sua mão que está sobre a mesa para que ele se acalme, Victor respira fundo, encosta na cadeira, faz um sinal com a cabeça para que eu continue. Olho para as mesas ao lado, as pessoas viram a cabeça e fingem não prestar mais atenção.

— A gente não se faz bem, Victor, não devíamos ficar juntos.

— Fala logo onde você quer chegar, Yasmin.

— Eu quero terminar...

O olhar de Victor em mim é de puro desprezo. Eu estou suando frio e tento controlar minhas mãos para não tremerem mais.

— Você não pode fazer isso.

— É a melhor coisa a fazer — continuo

tentando justificar — a gente briga o tempo todo, você não confia em mim...

—Tenho meus motivos... – ele se inclina sobre a mesa e se aproxima de mim – Você mente e omite coisas de mim o tempo todo, Yasmin, como espera que eu confie em você?

*Minto porque tenho medo de você.*

— Mais um motivo para você não querer ficar comigo. A gente não precisa se fazer sofrer.

Victor se recosta na cadeira, abre um sorriso e cruza os braços. Meu estômago se revira a todo o momento.

— Você é tão esperta, fingindo que se importa comigo.

*Talvez eu tenha aprendido com você.* As palavras me faltam para argumentar. Victor pega o lanche em cima da mesa e volta a comer. Eu espero.

— O que acha de irmos ao cinema depois? – ele pergunta e em seguida toma um gole de refrigerante.

Sinto o sangue ferver, meu corpo todo estremece.

— Você não está me ouvindo?

— Sim, mas você não acha que estou

## PERIGOSAS NACIONAIS

levando isso a sério, não é? – ele ri – vocês gostam de um pouco drama e depois tudo volta ao normal.

*Ele não pode te enrolar mais uma vez, Yasmin, você precisa ser forte.*

— Eu quero terminar. – digo mais uma vez com a voz firme.

Victor mal levanta os olhos de seu lanche enquanto me responde.

— Para de graça.

— Eu não estou brincando.

Ele deixa o lanche sobre a mesa, limpa os lábios com um guardanapo e se inclina em minha direção mais uma vez.

— Se você não é minha, não é de mais ninguém.

— Você não precisa divulgar o vídeo...

— Ninguém vai querer uma vadia como você.

Os olhos de Victor em mim me desafiam, eu respiro fundo e o aceito. É a minha última carta.

— Você não divulga o vídeo e eu não denuncio para a polícia o que você fez comigo.

— E o que eu fiz com você?

Sua expressão muda de desprezo para o ódio, suas mãos se fecham sobre a mesa e eu tenho que

## PERIGOSAS ACHERON

tirar forças de onde não tenho para responder:

— Me estuprou. Duas vezes.

Victor se levanta e joga a mesa sobre mim, eu caio da cadeira com ela prensando a minha barriga, o refrigerante, a batata e o lanche estão sobre mim. Sinto uma dor insuportável e não consigo me mexer. Ouço vozes e vultos por todos os lados. Ouço Victor me chamando de mentirosa e vagabunda.

Alguém tira a mesa de cima de mim, outra mão me ajuda a levantar, as imagens voltam aos poucos. Vozes me perguntam se eu estou bem, ou se quero atendimento médico. Não consigo responder, olho para os lados e não vejo Victor em lugar algum.

Pessoas continuam me perguntando coisas, não consigo entender. Só quero que elas me deixem sozinha. Meus olhos voltam a se encher de lágrimas e eu volto a chorar. Quanta estupidez minha. Deu tudo errado. Ele vai divulgar o vídeo.

Tento me livrar das pessoas a minha volta. Quero ir embora. O segurança do shopping aparece querendo saber o que aconteceu.

— Eu estou bem — digo — só quero ir embora.

Ele quer que eu o acompanhe. Faço que não e

continuo andando. Ele insiste.

— JÁ DISSE QUE NÃO.

Volto a dizer, mas não devia ter gritado daquele jeito. Desço a escada rolante, abaixo a cabeça para não ver o olhar das pessoas sobre mim. As lágrimas ainda escorrem, minhas roupas estão imundas. A blusa branca cola em minha pele de um jeito desagradável e sinto uma dor horrível na barriga.

Consigo sair do shopping. Quero chamar um táxi, mas não tenho dinheiro. Vou para o ponto de ônibus e me encolho no banco enquanto espero. As pessoas continuam olhando, julgando, cochichando e se perguntando o que aconteceu. Poderiam guardar suas opiniões para elas mesmas. Cuidar da própria vida.

*Eu não preciso que sintam pena.*

O ônibus chega e eu sento no fundo. Repasso o que aconteceu mais cedo, achei que poderia resolver a situação sem um conflito, com uma conversa. Eu nunca tive escolha. A ameaça de divulgação do vídeo era para me manter em controle, uma forma de me comprar, nunca estive em negociação.

Meu olho inchado de tanto chorar pesa e eu adormeço. Acordo um pouco antes do ponto mais



próximo de minha casa.

Enquanto caminho ensaio o que vou dizer aos meus pais, como contarei toda a verdade e quais palavras irei escolher. Isso só fez com que eu chorasse ainda mais. Eles irão tomar um susto assim que me verem, com certeza.

Chego em casa, olho a rua, o carro de Victor não está em lugar algum, pelo menos um alívio. Abro a porta, meus pais estão sentados na sala assistindo TV. Meu pai é o primeiro a me ver, consigo ver a transformação em seu rosto conforme me olha e tenta entender o que aconteceu. Minha mãe leva uma das mãos ao rosto enquanto diz:

— O que aconteceu com você?

— Foi assaltada? — meu pai pergunta.

*Assaltada? Quem me dera fosse isso.*

Caminho até o sofá e sento, sinto a dor da pancada que levei. Será que quebrei alguma coisa? As lágrimas estão escorrendo novamente. Dessa vez de vergonha. Meus pais ainda esperam uma resposta. Já não lembro mais do que ensaiei durante o caminho ou as palavras que escolhi. Enfim, não importa.

É hora de contar a verdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 22 – Suportar

*“Find there's no need to hide  
The time has come to stand and fight  
Save the world  
And save that girl”[\[20\]](#)  
Flyleaf – Stand*

“Não vou a escola hoje, mas você irá ficar orgulhosa com o motivo... Estou indo para a delegacia.”

Envio para Carol. Ela me responde dizendo que estou fazendo a coisa certa e que ela está feliz por mim. Olho para o lado, minha mãe dirige com o rosto abatido, os óculos de sol escondem seus olhos vermelhos. Ela se sente culpada, principalmente porque acreditou em Victor durante todo aquele tempo.

Lembro-me das expressões dos meus pais enquanto os contava o que aconteceu. Meu pai mal acreditava que o tinha convidado para o almoço. “Por que você não disse antes?” eles me perguntaram, e eu não soube o que responder.

O carro para no semáforo, minha mãe pega

em minha mão e sorri:

— Vai ficar tudo bem.

Eu assinto, acho que ela estava dizendo isso mais para si mesma, do que para mim. O semáforo abre e ela volta a prestar atenção do trânsito. Eu abro o Facebook, fiz uma conta nova na noite anterior, sem dados pessoais, sem fotos, apenas para monitorar se e quando o Victor soltaria o vídeo na internet. Saber quem compartilhou, comentou e o que, pois tudo isso seriam “provas para o processo” de acordo com meu pai. Eu encosto a cabeça no banco e suspiro.

O pesadelo está longe de acabar.

Minha mãe estaciona em frente da Delegacia da Mulher, minhas mãos estão tremendo. Não será fácil contar a um estranho tudo o que aconteceu comigo nos últimos dias, reviver aquelas cenas. Meu estômago embrulha e sinto meu café da manhã voltando.

Minha mãe passa a mão pelo meu cabelo.

— É hora de ir.

Sei que é, mas não quero. Meus olhos se enchem de lágrimas, eu a fito e ela me abraça.

— O que você passou e aguentou até hoje nenhuma garota deveria passar, é horrível ter que

repassar tudo isso — as lágrimas caem com mais força — e sei que você não se sente assim agora, mas você é forte e não faz ideia do quanto.

Ela desfaz o abraço, vejo uma lágrima escorrer em seu rosto por trás dos óculos de sol, enquanto ela enxuga as minhas.

— Vamos? — ela pergunta.

Faço que sim e saímos do carro.

Estou nervosa e sinto minhas pernas bambas. Hoje é quinta-feira, dia 21 de outubro, faz vinte dias que conheço Victor, doze dias em que fui estuprada pela primeira vez. Doze dias em que minha vida é um verdadeiro inferno e ainda assim, eu não estou aqui porque quero vingança e sim porque quero a minha paz de volta, quero poder me olhar no espelho e me sentir bem com o que vejo. Andar com a cabeça erguida.

Paro em frente a porta da delegacia e respiro fundo, minha mãe me abraça enquanto entramos. Há outras mulheres na sala, uma delas com o rosto inchado, mas meu olhar é desviado quando minha mãe me guia até um balcão. Uma policial está no outro lado, o que me deixa mais confortável. Ela pergunta o motivo de nossa ida a delegacia, mas eu não consigo responder, as

palavras estão entaladas, o olhar da policial está sobre mim o que somente me deixa mais nervosa. Ouço minha mãe respondendo.

— Viemos denunciar um caso de estupro.

Olho para o lado, para as outras mulheres na sala, sinto suas dores, seus sofrimentos, mas principalmente suas forças e coragem. Elas estão machucadas, mas estão lutando. A policial pergunta quem é a vítima e respondo:

— Eu fui estuprada.

A frase ainda soa estranha aos meus ouvidos. Eu fui estuprada, enganada, abusada e agredida, de todas as formas possíveis. E é algo estranho como pensar sobre isso não me faz ficar com raiva de Victor e sim de mim mesma. Sei que ele é o culpado, mas como deixei isso acontecer comigo? Como não consegui evitar?

Mando os pensamentos irem embora.

Passamos longas horas na delegacia, prestando depoimento e depois o exame de corpo de delito. Ao final do processo eu estou exausta e com o estômago roncando em fome. Quando finalmente saímos da delegacia paramos em uma lanchonete para comer algo.

Sinto que tirei um peso enorme das minhas

## PERIGOSAS NACIONAIS

costas. Todo o processo na delegacia, foi exaustivo, constrangedor e doeu dizer algumas palavras, ainda teria que conviver com a vergonha da exposição e do abuso, mas é um alívio saber que eu não teria mais que viver com medo.

Assim que terminamos o lanche vamos para casa.

— Estou orgulhosa de você — minha mãe me diz assim que entramos no carro.

Eu agradeço com um sorriso. Chegamos em casa e eu logo começo a subir as escadas para ir ao meu quarto, quando ouço.

— Quer um chá?

— Chá?

— É, está um pouco frio, podemos fazer um chá, comer uma pipoca, o que acha? — minha mãe me pergunta.

— Tudo bem...

Respondo enquanto desço as escadas e sento no sofá. Minha mãe vai preparar o chá e as pipocas. Eu entro no facebook mais uma vez, digito meu nome do Google, nada aparece. Nem sei por que perco meu tempo procurando, sei que quando o vídeo for vazado alguém logo achará um jeito de me contar.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

As pessoas adoram cuidar da vida dos outros.

Respiro fundo, sinto o cheiro da pipoca e som dela estourando no micro-ondas. Logo minha mãe parece com a tigela, duas xícaras de chá e senta-se ao meu lado.

— E, aí? O que quer assistir?

— Qualquer coisa.

Ela liga a TV e começa a trocar os canais até que aparece um que me interessa, ia pedi para ela parar, mas não foi preciso, ela já tinha feito.

— Adoro esses programas de talentos — ela diz. — E um dos jurados é uma piada.

— Ele é um grosso — completo.

— Também.

Ela sorri e eu sorrio de volta. Acho engraçado que minha mãe goste do mesmo tipo de programa que eu, e eu não fazia ideia disso. Eu deveria saber, não?

— Tão bonito ver as pessoas correndo atrás de seus sonhos — ela comenta quando entra o comercial. — Sinto um arrepio quando ouço essas pessoas cantando.

Ela bebe um gole do chá e continua:

— Todas as vezes que entram no palco

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

cantam como se fosse a última vez. Imagino o que passa em suas cabeças, a pressão, o desespero. É tudo ou nada.

Eu assinto, minha mãe tem brilhos nos olhos enquanto fala.

— Você costumava cantar quando era mais nova.

Balanço a cabeça e sorrio.

— Até eu descobrir que não cantava bem.

Minha mãe coloca sua mão em meu ombro.

— Que besteira, quem te disse isso?

Eu reviro os olhos e tomo um gole de chá. As memórias voltam e algumas coisas começam a fazer mais sentido depois de alguns anos.

— Bianca.

Ela balança a cabeça.

— Você desafinava um pouco às vezes, mas nada que umas aulas não revolvessem.

Minha mãe sorri, eu não respondo. Continuo assistindo o programa.

— E aí? O que acha? — ela insiste.

— Acho do quê?

— De umas aulas de canto.

Ergo a sobrancelha e quase cuspo o chá que estava que tinha acabado de tomar. Aquilo está

PERIGOSAS ACHERON

completamente fora dos planos.

— Tá falando sério?

— Por que não?

Dou de ombros, desvio o meu olhar para a TV, tentando desconversar.

— Sei lá, não sirvo para essas coisas e nem quero ser cantora.

— Você não precisa ser cantora. É só um hobbie, algo para distrair a cabeça, não ficar tanto em casa sozinha.

Entendo aonde ela quer chegar com essa conversa. Está preocupada que eu fique sozinha em casa, sem supervisão ou sem apoio. Que faça alguma besteira, ou fique mal.

— Não precisa se preocupar com isso, mãe. Eu estou bem.

Ela toma um gole da xícara de chá.

— Sei que está, mas se não quer a aula de canto, pense em outra coisa que possa te fazer bem.

Eu concordo com um aceno.

— Tá bom, vou pensar em algo.

Ela sorri e voltamos a assistir o programa. Ficamos um tempo juntas até que decido ir para o meu quarto, tento ler um livro. Algum tempo depois meu celular toca, é Carol, e eu atendo. Ela

## PERIGOSAS NACIONAIS

me pergunta como foi na delegacia e eu a conto, em seguida ela quer saber o que irá acontecer com a denúncia, eu explico que ele será chamado para depor, que poderá responder em liberdade e que o processo pode levar mais de um ano para ser julgado.

— Sêrio? Um ano.

— Sim.

— Mas e se ele te procurar nesse meio tempo?

Eu suspiro, só de pensar nessa possibilidade sinto um arrepio.

— Espero que ele não faça isso...

— Mas pelo menos acabou, não é?

— Em partes, não consigo parar de pensar naquele maldito vídeo.

Nós desligamos depois de um tempo, eu deito na cama e tento dormir, mas o sono não vem. Abro a porta do quarto, vejo que meus pais já estão dormindo e desço até o escritório. Abro a gaveta da escrivaninha e pego um comprimido da cartela de remédios. Volto para o quarto, sei que tinha prometido a mim mesma que não faria mais isso, mas não consigo evitar.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 23 – Ela será amada

*“I don't mind spending everyday  
Out on your corner in the pouring rain  
Look for the girl with the broken smile  
Ask her if she wants to stay a while  
And she will be loved”*[\[21\]](#)

*Maroon 5 – She will be loved*

Acordo na sexta-feira assustada e com lágrimas escorrendo. Olho no relógio e percebo que já faz cinco minutos que o despertador está tocando. Desligo, respiro fundo e passo a mão pelos cabelos. O remédio que tomei na noite passada realmente fez efeito. Passei a noite inteira tendo pesadelos, dos quais não conseguia acordar.

Levanto da cama e me arrumo para ir à escola com certo desânimo. Desço para tomar café e minha mãe está na cozinha, ela me recepciona com um bom dia e eu respondo.

— Não foi trabalhar? — pergunto.

— Vou daqui a pouco, pensei em te levar para a escola.

Eu reviro os olhos, superproteção de mãe é a última coisa que preciso.

— Sério, mãe?

Ela toma um gole de café, finge que não entendeu minha pergunta.

— Qual o problema?

— Todos os problemas. Não precisa me levar eu vou sozinha.

— Não tem nada demais uma mãe levar a filha na escola.

Eu balanço a cabeça, não vou entrar nessa discussão. Termino de tomar meu leite, pego um pedaço de pão e a minha mochila.

— Tchau, mãe.

Ela sorri enquanto eu vou até a porta de casa. Caminho para o ponto de ônibus e olho para o relógio. O lado bom de querer evitar a discussão foi que sai de casa no horário.

Sento no ponto de ônibus e não espero muito tempo. Entro, o ônibus está lotado, não consigo um lugar para sentar. Coloco o fone de ouvido e passo o caminho me distraindo com Maroon 5.

Chego à escola e vejo os olhares das pessoas em minha direção, seus cochichos, nada

discretos, parece que ainda não encontraram outra pessoa para infernizar. Eu continuo sendo a piada e se dependesse de Victor, seria por mais algum tempo. Vou para minha sala e Carol me recepciona com um abraço e pergunta como estou.

— Bem — respondo.

— Nada convincente.

Dou de ombros, não estou muito a fim de conversar, ou disfarçar a minha má vontade em viver.

— É a verdade.

Carol não insiste no interrogatório e logo o professor de matemática entra na sala. Ele começa a explicar a matéria e percebo que estou completamente perdida no conteúdo, por fim ele pergunta se fizemos os exercícios que pediu na última aula e se alguém havia ficado com dúvidas.

— Que exercícios? — cochicho para Carol.

— Da página 53.

*“Página 53?”*

Abro meu caderno e as últimas anotações que tenho são referentes à página 48. Continuo folheando até que finalmente acho as anotações das páginas 52 e 53, porém no meio da matéria de química. Que bagunça!

A aula de matemática acaba e logo depois o professor Fabrício, de química, entra na sala, reparo como o meu nome deixou de ser dito pelo professor, já que eu mal me movo durante as suas aulas, mas seu olhar ainda vem até mim com frequência, esperando qualquer motivo para me chamar à atenção.

*Um dia gostaria de entender o motivo de tanta implicância.*

Assim que a aula acaba é o intervalo, Carol vai pegar algo para ela comer e como não estou com fome a espero no mesmo banco de sempre. Vejo Tiago se aproximando, passo a mão pelo cabelo, viro o rosto fingindo que não o vi e na esperança que passasse reto.

— Oi — ele me diz com um sorriso, sentando ao meu lado.

— Oi — respondo sem me virar.

— Você faltou esses dias, eu fiquei preocupado, mas não...

— Está tudo bem. — eu o interrompo.

Um silêncio constrangedor se instala.

— O show do Imagine Dragons é na próxima semana, eu tô bem ansioso — ele começa a dizer — até estava vendo uns vídeos de shows



anteriores e eles mandam muito bem.

Eu paro por um instante. Não sei o que responder, tinha me esquecido do show, a lembrança do dia em que compramos o ingresso está tão longe que nem parece real. E ir ao um show de rock nesse momento, não faz o menor sentido.

— Pelo visto você não está animada.

Eu sorrio, sem graça, viro-me para Tiago e nossos olhos se encontram pela primeira vez em tanto tempo.

— Desculpe, eu tinha até me esquecido que comprei o ingresso.

Ele se inclina um pouco para trás, visivelmente surpreso com a resposta.

— Não achei que isso fosse algo que dava para esquecer.

— É, eu sei – digo esboçando um sorriso — aconteceram tantas coisas... Talvez eu devesse vender o ingresso.

— Se não vai ir, talvez seja melhor mesmo.

Eu sinto um tom de desapontamento em sua voz, mas não há porque ele querer minha companhia.

— Sua namorada não gosta da banda? – eu

o alfineto — Pode ser que ela queira comprar meu ingresso.

Recordo-me muito bem que Amanda estava conosco no dia que compramos o ingresso, apenas disse para trazê-la ao assunto. Tiago fixa seus olhos nos meus, sinto um arrepio com a intensidade do seu olhar. Ele não gostou de ser provocado.

— Ela já tem o ingresso e não estou mais com a Amanda.

— Ah... Não sabia.

Aquilo foi novidade. Um sorriso amarelo brota nos olhos de Tiago.

— Já estava meio claro que iria acabar, não é?

Eu viro o rosto, não sei o que dizer. Parece que eu não era a única com uma semana tumultuada. Ficamos em silêncio por um tempo. Olho para os lados em busca de Carol. *Por que ela está demorando tanto?* Ouço a voz de Tiago novamente.

— Não sei se você se lembra que eu comentei da minha irmã, Laura.

Faço que sim.

— Comentou que ela pinta quadros.

Tiago concorda com um sorriso.

— Só que eu não te contei que ela também tem um canal no Youtube, um tanto quanto famoso. Chama “Grrl Power” com dois R, posso te mandar o link depois se quiser, mas não é difícil de achar.

Eu dou de ombros, não entendo porque a mudança de assunto repentino, acho que já dei todos os indícios que não quero conversar.

— Tá bom, eu procuro sim.

— O conteúdo você já deve imaginar o que é —ele insiste — feminismo, empoderamento e tal...

Eu assinto, só quero ficar sozinha. *Por que esse assunto de repente?*

— Ela fala um pouco de cultura Geek, também.  
— Tá.

— Desculpa ficar fazendo propaganda, só achei que seria uma boa se você visse.

Ele se levanta do banco e acho que finalmente percebe que eu não quero conversar, não importa o assunto. Vejo Carol se aproximando a distância e eu aceno.

— A gente se vê — ele diz.

— Aham — respondo.

Tiago caminha pelo corredor e cumprimenta Caroline quando passa por ela.

— Você devia dar uma chance pra ele — Carol diz assim que se senta.

Eu reviro os olhos.

— A única pessoa a quem eu quero dar uma chance é a mim mesma.

Carol levanta as mãos espalmadas.

— Calma, só estou brincando.

Eu suspiro, desvio o olhar, sinto que tem alguma coisa estranha naquela conversa do Tiago. Desbloqueio o celular e procuro pelo canal, logo acho. Coloco o fone de ouvido e começo a assistir o primeiro vídeo, uma garota aparece na tela, cabelos curtos, batom vermelho, uma tatuagem de lobo no braço, imagino que seja Laura, completamente diferente de como imaginava a irmã de Tiago. Assisto o vídeo por uns dois minutos, é uma resenha sobre um filme de super-herói, Laura é bastante simpática, mas não vejo nada demais no vídeo.

Desço a tela para os vídeos anteriores. Vejo alguns sobre séries, empoderamento e... Paro de descer a tela. Há um vídeo sobre relacionamentos abusivos, entro, mas não consigo assistir, olho os vídeos relacionados ao canto da tela. Minha mão começa a tremer, sinto minha respiração

acelerando.

— Yas? — Carol me chama.

Não consigo tirar os olhos da tela. Começo a entender porque Tiago me indicou. O nome do vídeo é: “Como fui estuprada pelo meu namorado”. Não entro para assistir, em vez disso digito meu nome no campo de busca.

Meu vídeo aparece, foi postado duas horas atrás.

— Yas? Tá tudo bem? — Ouço Carol novamente, mas mal consigo me mover.

Tenho medo de levantar os olhos, medo de encontrar o olhar das pessoas, minhas mãos começam a tremer, meus olhos se enchem de lágrimas. Sinto Carol se aproximando e espiando meu celular. Achei que estava preparada para esse momento, mas não. Ela coloca a mão em volta do meu ombro.

— Não acredito nisso — Carol diz.

*Eu acredito. Nunca duvidei que ele fosse fazer.*

Eu sabia que assim que o vídeo fosse publicado alguém iria me contar, mas nunca imaginei que fosse Tiago. Levanto a cabeça e viro para onde ele está, conversando com os amigos.

Perco a cabeça.

*Será que ele gostou de assistir?*

Levanto do banco, Carol me chama pelo nome, eu ignoro.

— Aonde você vai? — ela insiste.

Continuo andando em direção ao Tiago. O coração pulsando tanto que parece que ia sair da garganta. Eu o puxo pelo braço, ele se vira imediatamente, coloco a mão em seu ombro e vejo uma expressão de dor em seu rosto. Ignoro.

— Você gostou?

Ele me olha sem entender, balança a cabeça.

— Do que...

— Você gostou de assistir o vídeo?

Ele dá um passo para trás sua expressão se endurece.

— Não assisti vídeo nenhum.

— Ah, não? Mas fez questão de ir me contar.

— Não fiz questão de nada, só estou tentando te ajudar.

— Já te disse que não preciso de ajuda.

É visível o quanto ele se irritou com o que eu disse. Seus amigos ao nosso redor nos olham. As pessoas param o que estão fazendo para nos

observar. Mais uma vez, eu estou no meio do circo.

— Sim, já disse. E ainda assim eu estou aqui igual a um idiota tentando conversar com você!

Eu ergo a sobrancelha e cruzo os braços. *Quem ele pensa que é para falar comigo assim?* Eu tento dizer algo, mas ele continua.

— Você quer saber como eu desloquei meu braço hoje? — ele pergunta apontando o ombro — tentando apagar o seu vídeo do celular de um escroto. Agora, eu entendo que você está passando por um momento difícil e que está com raiva do mundo, mas eu não sou seu saco de pancadas, Yasmin!

Eu estou em choque, percebo o silêncio a nossa volta. Respiro fundo e respondo:

— E o que você quer que eu faça? Te agradeça?

Ele balança a cabeça, dá mais um passo para trás.

— Não.

Eu me viro e o deixo. O sinal do final do intervalo toca, olho para os lados pelo pátio e vejo várias pessoas me olhando. Por dois motivos diferentes sou a atração do dia. Caminho de volta

ao banco, Carol vem em minha direção e me dá um abraço, gostaria que não tivesse feito isso, porque no momento que ela me envolve eu começo a chorar.

Depois de um tempo ela me acompanha até a sala de aula, mas eu não tenho mais cabeça para ficar. Pego as minhas coisas e vou embora.

Entro no ônibus e vou para o trabalho de minha mãe. Sinto-me mal por atrapalhá-la, sei que esse emprego é importante para ela e não sei qual a desculpa que está usando para ficar tantas horas fora do escritório.

Chego no edifício, me identifico na portaria e pego o elevador. A recepcionista me conhece e sorri assim que me vê, sorrio de volta.

— Minha mãe está aí?

— Está sim, na sala dela.

Eu agradeço e entro. Assim que minha mãe me vê pela porta de vidro, sua expressão de altera, ela levanta de sua cadeira assim que eu abro a porta, quando começo a falar já estou em lágrimas, minha mãe se aproxima e me abraça. Ficamos um tempo ali até conseguir me recompor para irmos à delegacia.

Saímos do edifício e entramos no carro, não



quero acreditar que estou passando por tudo aquilo novamente. Repassar toda a história, mostrar o vídeo para pessoas desconhecidas, nada é fácil. Cada palavra que sai da minha boca, cada segundo que passo lá dentro é como um corte em minha pele.

Que deixará suas cicatrizes.

A delegada nos diz que infelizmente minha história é comum, que muitos relacionamentos acabam em vingança.

No meu caso nem havia um relacionamento. Ficamos horas na delegacia, quando chego em casa caio na besteira de ler os comentários do post sobre o meu vídeo. Não devia ter feito. Agora não há mais dúvidas, sou oficialmente a vadia Yasmin Bettini.

O vídeo em si não está mais no Youtube e nem no Facebook, foi denunciado e retirado do ar, mas o link para um site externo ainda está. Algumas pessoas fazem campanhas para retirar o link, convidando outras a denunciarem, isso somente aumenta a popularidade. Daqui a pouco será possível encontrá-lo digitando meu nome no Google.

Meu número de telefone é divulgado em um

## PERIGOSAS NACIONAIS

grupo do Whatsapp e começo a receber tantas mensagens que não consigo manter o celular ligado. Teria quebrado o chip se meu pai não tivesse me dito para guardar aquelas informações, que talvez sejam úteis para o processo.

Queria ter quebrado o quarto inteiro também. Jogado coisas para o ar, chutado portas. Mandar um foda-se para a vida. Não faço nada disso.

Meu pai passa o final da tarde e a noite inteira no telefone com advogados. Eu não consigo sair da cama, não consigo olhar meus pais nos olhos. Estou morrendo de vergonha. Minha mãe insiste para que eu coma algo, mas estou sem fome não consigo. Minhas roupas já estão todas caindo e com certeza eu estou prestes a perder mais alguns quilos.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 24 – Tempos como esse

*“It's times like these  
You learn to live again”[\[22\]](#)  
Foo Fighters - Times like these*

No sábado, o clima em casa ainda não é dos melhores. Pelo menos sem redes sociais consigo esquecer que o problema existe. No começo da tarde Carol aparece em casa.

— Teria ligado se soubesse o número da sua casa — ela diz assim que eu abro a porta.

— Pode vir a hora que quiser.

— Eu trouxe meu caderno de português para fazermos o trabalho para segunda e evitar que você se esqueça.

Eu sorrio.

— Já tinha me esquecido.

Nós subimos para o quarto, trabalhamos por algumas horas. Minha mãe nos traz sucos e alguns lanches e nós paramos um momento para comer.

— Posso te pedir um favor? — pergunto a

Carol.

Ela faz que sim enquanto termina de mastigar o lanche.

— Pode entregar esse trabalho pra mim na segunda? Eu acho que não vou.

— Yas, você não pode ficar faltando desse jeito, vai acabar perdendo o ano.

Dou de ombros, essa é a última das minhas preocupações e digo isso a ela. Carol balança a cabeça, nada feliz com o eu ouviu.

— É claro que você se importa. Nós não éramos muito próximas, mas eu sei que você sempre tirou boas notas e sempre se esforçou. A gente tá em outubro o ano tá acabando você não pode desistir agora.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Viver daquele jeito é cansativo demais e eu estou esgotada.

— Não suporto os comentários e os olhares. Não quero lidar.

Carol respira fundo e fica em silêncio por um momento.

— Quanto tempo até acabar o processo e retirarem o vídeo da internet?

Eu sorrio com a ingenuidade da pergunta.

# PERIGOSAS NACIONAIS

Balanço a cabeça.

— Pode levar meses. Pode ser que reapareça com outro link e terei que conviver com isso a vida inteira.

— E você vai se esconder para sempre?

— Se eu precisar...

Carol deixa o lanche no prato e se aproxima.

— Você não precisa e não pode deixar que esse cara te destrua por todo esse tempo. Ele tomou controle da sua vida por semanas, te afastou das pessoas, fez você fazer coisas que não queria, você tem que pôr um fim nisso, ele não está mais por perto, mas continua te dominado.

Não me importo com nada disso. Eu só quero ficar em paz.

— O que eu vou fazer? Não posso evitar das pessoas comentarem, me olharem. Eu não quero nada disso.

— Você não pode evitar porque está colocando essa situação como um problema externo. Você tem que resolver isso dentro de você, se fortalecer por dentro. As pessoas vão continuar te atacando, independente se você se esconder aqui ou não, a diferença será como você irá reagir ao ataque delas.

Levanto da cadeira e me jogo na cama.

# PERIGOSAS ACHERON

— Eu não quero reagir a nada, não quero ver as pessoas.

Carol suspira e por histórico eu sabia que ela não ia largar o assunto tão cedo.

— Por que você discutiu com o Tiago ontem?

Levanto da cama e a olho com o canto dos olhos. Carol mantém um sorriso nos lábios esperando a minha resposta. Pronta para provar seu ponto de vista. Eu explico para ela o que aconteceu.

— Foi o que eu disse mais cedo, você não acha que teve uma reação exagerada?

Balanço a cabeça, *é só o que me falta ter alguém para defendê-lo.*

— Não, ele veio conversar comigo cheio de indiretas somente para me contar no vídeo...

— Tem certeza que era esse o motivo da conversa?

Eu abro os lábios, as palavras não saem.

— Você está machucada e frágil, isso faz com que pense que tudo a sua volta é um ataque. Às vezes não é...

Levanto da cama e volto para a cadeira perto da mesa de estudos.

— Claro que não, eu estava quieta querendo ficar sozinha e ele veio se intrometer na minha

vida. Quem ele pensa que é?

— Yas, calma. Respira.

Eu puxo ar algumas vezes, meu coração está acelerado.

— Só pensa um pouco sobre o que eu te falei, tá?

Tomo um gole de suco para tentar me acalmar, olho Carol com o canto dos olhos enquanto ela volta a comer seu sanduíche. Não entendo porque ela está tentando proteger o Tiago. Ele foi um idiota, intrometido, um... um... *Por que eu gritei com ele mesmo?* Talvez eu não precisasse ter gritado.

— É aquele jeito dele de querer ser prestativo que me irrita — eu insisto no assunto — não quero mais homens me dizendo o que fazer.

— Certo, mas em qual momento ele te mandou fazer algo?

Fico em silêncio, tento recobrar as memórias.

— Você sabe como os caras são, cheios de indiretas e atenciosos, mas no final só querem uma coisa.

— Você não pode generalizar. — Carol diz com um sorriso, visivelmente não me levando a

sério — Já passou pela sua cabeça que ele realmente pode se importar com você?

Eu bufo e reviro os olhos.

— Se importa só porque tá a fim de mim.

— E? Qual o problema? Eu vi que o status do Facebook dele mudou na semana passada... então...

Não consigo acreditar no seu estou ouvindo. Como minha amiga ela não deveria estar do lado dele.

— Por que você defendendo tanto o Tiago?

Carol sorri e balança a cabeça.

— Não estou defendendo ninguém. Eu não estou contra você, se é isso que quer saber e isso não é uma discussão, então pare de querer se defender a qualquer custo. Eu só estou de falando o que vejo.

*Bom, agora é real, eu perdi a discussão.*

— Não estou pronta para me envolver com ninguém.

— Ah, agora sim você está me dando um motivo plausível.

Sorrio de volta para ela. Levanto da cadeira, pego um travesseiro e jogo em Carol. Ela desvia e o travesseiro acaba batendo no copo de suco que



molha todo o tapete do quarto.

— Putz...

Digo enquanto levanto. Desço as escadas correndo e vou até a área de serviços, quando estou voltando ouço um barulho estranho vindo do escritório. Caminho devagar, a porta do escritório está entreaberta, eu espio. Minha mãe está sentada na cadeira em frente o computador, a página aberta no Facebook. Meu pai a abraça forte enquanto ela chora copiosamente.

Meu coração acelera. Minha respiração fica mais rápida. Saio de frente da porta antes que eles percebam que estou ali. Subo as escadas de volta para meu quarto.

— Por que demorou tanto? — pergunta Carol enquanto puxa o pano de minha mão para enxugar o suco.

Eu não consigo responder. A cena do escritório está gravada em minha mente, enquanto uma voz interna me diz: *é sua culpa*.

Carol termina de limpar e me devolve o pano.

— Não ficou muito bom...

Eu pego o pano e desço novamente as escadas, tento não prestar atenção, mas não

consigo, ouço as vozes dos meus pais conversando, a voz chorosa de minha mãe.

— Como ela vai conseguir um emprego? —  
Ouço. — Quem vai contratá-la, Carlos? Hoje em dia ninguém contrata um candidato sem procurar o nome dele na internet.

— Ela ainda tem tempo para começar a trabalhar, nós vamos retirar esse vídeo antes.

— Nós não podemos rastrear todas as pessoas que têm a cópia disso... Eventualmente esse vídeo pode acabar voltando.

— Rosana, você está problematizando uma situação que nem existe ainda. Além disso, as empresas hoje estão mais conscientes sobre culpabilização da vítima e...

— Você diz na teoria, né? Nenhuma empresa quer ter a sua imagem associada com um caso de estupro.

Eu paro de ouvir, as lágrimas estão descendo pelo meu rosto. Deixo o pano na área de serviços e volto para o quarto. Carol percebe a minha mudança repentina de humor e como não quero abrir o que aconteceu, ela acaba decidindo ir embora, mas não sem antes me fazer prometer que iria na escola na segunda. Eu prometo, mesmo não

querendo cumprir.

Carol está certa quando disse que estou me sentindo atacada pelas outras pessoas e por isso essa vontade de me defender.

Eu estou sendo atacada por todos os lados.

Deito na cama e pego o celular, acesso o Youtube e entro no canal da Laura. Coloco o fone de ouvido e começo a assistir o vídeo em que ela conta como foi estuprada pelo namorado, não só uma vez. Como foi difícil para ela entender que aquilo não era normal. A pressão que sofreu quando decidiu denunciar, principalmente porque a família do namorado queria que ela reconsiderasse a ideia para não prejudicar a carreira dele. Como demorou mais de cinco anos para ela conseguir falar abertamente sobre aquilo.

Acabo de assistir vídeo e apesar da repulsa pelo ocorrido, eu me sinto bem. Sinto uma conexão com a Laura, empatia. Continuo olhando pelo canal dela e descubro um blog onde ela mantém um canal para garotas falarem sobre casos de abusos anonimamente ou não. Passo longas horas perdida por aquelas histórias. Casos tristes, mas acima de tudo sobre a coragem de mulheres que se levantaram para lutar, que não ficaram em silêncio

# PERIGOSAS NACIONAIS

por vergonha. Paro de ler quando fico com sono, meus olhos estão cheios de lágrimas, mas me sinto mais forte.

Sei que não estou sozinha.

# PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 25 – Castelo de Vidro

*“Bring me home in a blinding dream  
Through the secrets that I have seen  
Wash the sorrow from off my skin  
And show me how to be whole again”[\[23\]](#)  
Linkin Park - Castle of Glass*

Domingo é um dia que pode ser riscado do calendário. Passo a maior parte do dia trancada no quarto. Nas poucas vezes que desço ouço meus pais discutindo no escritório. Não paro mais para ouvir. Sinto falta da minha vida, ter uma rede social para compartilhar coisas com meus amigos, poder conversar com as pessoas sem sentir que elas estão me acusando de algo ou querendo algo.

Sinto falta de ser a Yasmin Bettini de antes de Outubro.

Decido que vou à escola no dia seguinte. Acordo cedo na segunda-feira, me arrumo com calma e saio de casa no horário. A caminho do ônibus algumas pessoas me olham, abaixo a cabeça

PERIGOSAS ACHERON

enquanto passo por elas. Será que me reconheceram? Ou eu estou ficando paranoica? Dentro do ônibus tenho a mesma impressão, olhares e cochichos, a qualquer momento espero alguém se aproximar e me perguntar: “Você não é a garota do vídeo?”. Fecho os olhos e encosto a cabeça no banco, melhor não ver, assim a mente para de me pregar peças.

A escola nunca foi um lugar tão claustrofóbico quanto naquele dia. Conforme eu ando nos corredores vejo cabeças se virando e agora eu tenho certeza que são para mim. Sussurros, risadas e cochichos por todos os lugares que passo, tento andar de cabeça erguida, mas não consigo, só quero me esconder.

Ainda não cheguei à sala quando Carol me vê e vem me abraçar.

— Que bom que você veio — ela sussurra.

Eu sorrio e Carol anda comigo até a sala de aula, sento em minha carteira e abro o caderno. Finjo que estou escrevendo algo enquanto ouço vozes:

“Você viu o vídeo?”

“Maior vagabunda”

“Coitada, nem imagino o que deve estar

passando.”

*Guarde sua pena para você*, penso no mesmo momento que o professor de física entra na sala e os cochichos param. Eu tento ignorar as vozes na minha cabeça e as vozes fora dela para me concentrar na aula. Na hora do intervalo, eu estou saindo com a Carol da sala quando Bianca me chama. Eu paraliso, viro o rosto, mas não consigo responder.

Bianca se aproxima, não há sorriso em seu rosto ou cinismo em seu olhar. Aquela é uma expressão nova para mim, como se Bianca risse por dentro, controlando cada músculo do corpo para não demonstrar. Ela aperta as mãos antes de começar a falar.

— Yas, eu vi o que aconteceu... — Ela suspira e abaixa a cabeça em um drama desnecessário — E eu queria te dizer que se você precisar de algo...

— Você tá tirando com a minha cara, Bianca?

Ela arregala os olhos e eu devo concordar que a aula de teatro está surtindo algum efeito nela.

— Claro que não, eu...

— Então, por que você não começa se

desculpando pelas mentiras que inventou sobre mim?

Ela balança a cabeça e a máscara se desfaz, seus olhos se apertam em raiva.

— É por isso que nossa amizade não deu certo. Eu tô aqui tentando ajudar e você vem me acusar de coisas... Eu não inventei nada, tá bom?

Ela não poderia deixar esse momento passar em branco, nem que fosse para mostrar falsa solidariedade.

— Você é boa demais para ser minha amiga, não é?

Amarga, eu esboço um sorriso e saio com Carol para fora da sala. Ouço Bianca dizer alguma coisa, mas ignoro, estou cansada dela e da falsidade. Carol decide comprar algo para comer e eu a acompanho, não quero ficar sozinha. Pessoas isoladas são sempre alvos muito fáceis.

Enquanto estamos na fila, eu vejo Tiago com seu grupo de amigos conversando. Ele olha em minha direção, nossos olhares se sustentam por um momento, eu penso em levantar uma das mãos e acenar um oi, mas ele o faz primeiro. Eu sorrio e retribuo. Tiago volta a conversar com os amigos, desvio o olhar.



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não vai conversar com ele? —  
Carol pergunta.

— Ah, eu não sei...

— Como não sabe?

Olho de novo para a roda, não conheço ninguém ali a não se Tiago, tenho medo de me aproximar e ouvir algo que não quero.

— Ele está cercado com os amigos, não tô a fim.

Carol segue o meu olhar e encosta uma de suas mãos em meu ombro.

— Eles não vão comentar nada, pelo menos não perto dele.

Nunca imaginei que algum dia ficaria com medo de me aproximar das pessoas.

— Eu não saberia o que falar.

— Tenho certeza que sabe...

Chega a vez de Caroline e ela pede o mesmo lanche de peito de peru que costuma comer quase todos os dias. Não estou com fome, não peço nada e continuo fitando Tiago. Ele não me olha mais. Eu respiro fundo, tomo coragem e me aproximo.

Eu vejo os amigos dele me olhando e se cutucando enquanto eu caminho em direção deles,

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

começo a ficar envergonhada. Coloco uma mecha do cabelo atrás da orelha. Tiago me olha e os amigos se afastam enquanto eu o cumprimento.

— Desculpa pelo o outro dia, acho que estava um pouco nervosa.

Eu sorrio, sem graça. Tiago sorri de volta mais uma vez e eu me sinto bem melhor.

— Fica tranquila, eu que devo te pedir desculpas, disse coisas que não queria, enfim...Você tá bem?

— Sim, estou.

Ele dá um passo para frente e se aproxima, sinto o perfume amadeirado que ele costuma usar.

— Que bom.

Estou nervosa, abaixo o olhar e mexo em meu cabelo mais uma vez. Tiago não diz mais nada e um silêncio constrangedor fica em nós.

— Eu vi o canal da sua irmã — digo por fim — me ajudou bastante, gostei muito.

— Ah, é? Ela vai gostar de saber disso. — Tiago sorri. — Ela ficou sabendo da sua história e tava muito revoltada. Até queria fazer um vídeo sobre isso, mas mudou de ideia, achou que se tinha alguém que deveria ser protagonista dessa história deveria ser você.

## PERIGOSAS ACHERON

*Eu preferia não ser protagonista de nada.*

— Bom, agradeça a ela por não ter feito o vídeo. Já tem gente demais falando sobre isso...

Tiago assente e continua:

— Ela também tem um blog...

— Sim, eu vi.

— Então, eu posso te colocar em contato com ela caso você queria escrever sobre isso, mesmo se for anonimamente.

*Você não me ouviu? Já tem gente demais falando dessa história? Eu não quero mais falar sobre isso! Calma. Respira.*

— Não acho uma boa ideia, mesmo se escrever anonimamente as pessoas já sabem que sou eu no vídeo, então...

— Você não precisa escrever sobre o caso específico. Você pode escrever sobre como você se sente e não necessariamente irão te associar com esse caso.

— Eu ainda não sei...

Tiago encolhe ombros.

— Tudo bem se você não quiser fazer, é só uma ideia, mas vou te dar o telefone dela e...

— Eu tô sem celular — o interrompo.

Eu ainda tenho o meu celular, mas o

## PERIGOSAS NACIONAIS

mantenho desligado até conseguir um número novo.

— Ah, bom, nesse caso te dou o telefone da minha casa, que vai ser mais barato ligar. — Eu sorrio com o comentário. — É um pouco difícil encontrar a Laura lá, mas qualquer coisa você pode deixar um recado e ela com certeza te retorna.

Eu assinto. Tiago anota o telefone em um pedaço de papel e me entrega. Nossos dedos se encontram. Eu guardo no bolso quando levanto os olhos ele está me fitando. Sinto meu coração acelerar, as mãos tremerem. Estou nervosa e dou um passo para trás.

— É, obrigada — eu digo enquanto me afasto.

Ele assente, eu me viro e faço menção de voltar para junto de Carol, mas ouço Tiago chamando meu nome. Viro-me novamente, ele chega mais perto, abaixo o olhar, fico esperando ele começar a falar.

— Eu só queria te dizer, mais uma vez, que eu sinto muito pelo jeito que falei com você o outro dia...

— Ah, tudo bem esquece isso...

— Não é sério, deixa eu terminar.

## PERIGOSAS ACHERON

Eu concordo, sinto cada poro do meu corpo reagindo à presença dele e como manter Tiago por perto me deixa mais tranquila. .

— Eu fiquei um pouco nervoso com a situação toda e só quero dizer que estou aqui para te ajudar no que você precisar — ele faz uma pausa — se você tiver que gritar, xingar alguém, bater em alguém, eu aceito ser esse alguém.

Um arrepio corre pelo meu corpo com aquelas palavras, como se o gelo derretesse e me aquecesse por dentro. Sorrio.

— Bom, eu já fui parar na diretoria por bater em alguém na escola, então, não pretendo fazer isso duas vezes.

Tiago arregalou os olhos, surpreso.

— Sério?

— Longa história... Mas muito obrigada.

Ele sorri, vejo uma menção de ele se aproximar um pouco mais, mas desiste.

— Não precisa agradecer.

Nós nos despedimos e Tiago volta para próximo dos amigos, reparo que alguns deles ainda me olham de forma julgadora. Tento não me importar, volto para próximo da minha sala e procuro Carol no banco que sempre costumamos

## PERIGOSAS NACIONAIS

nos sentar. Ela está lá comendo seu lanche e conversando com Júlia, uma garota de outra sala.

— E aí? — Carol me pergunta quando me aproximo.

Dou de ombros.

— Tudo bem...

Carol continua me olhando esperando que eu conte algo a mais..

— Cara, ele foi muito legal — continuo.

Consigo ver a expressão do rosto dela dizendo “eu te disse” e sorrio.

— Às vezes faz bem dar um voto de confiança para as pessoas.

— Não sou muito boa em julgar as pessoas para saber quando confiar.

Sento-me no banco ao lado de Carol, ela vira-se para mim e pisca com um dos olhos.

— É por isso que eu estou aqui.

Eu rio.

— Desculpa, perguntar... — a Júlia nos interrompe, eu ergo meu olhar por um momento até que me esqueci que ela estava conosco — mas você é a garota do vídeo?

Eu sinto todos os meus pelos se eriçarem, meu rosto começa a queimar.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sério, Jú? — Carol pergunta. — Você não tava ouvindo a gente conversar?

— Tava, mas o que tem a ver?

— Você tá de brincadeira — diz Carol enquanto se levanta do banco.

Júlia continua:

— Foi só uma pergunta e tá todo mundo comentando... você sabe que eu não gosto de fofoca, só queria saber porque deve ser difícil...

Carol a ignora e me puxa de volta a sala. Eu quero respondê-la, mas sinto meus olhos se enchendo de lágrimas e não quero chorar, qualquer coisa que eu tentasse dizer iria desencadeá-las.

Nós entramos na sala antes de o sinal bater. Carol não toca mais no assunto e conversamos sobre outras coisas. Nas últimas aulas de português eu entrego o trabalho que fizemos durante o final de semana. E vou embora assim que a última aula acaba. No caminho para a saída vejo Tiago caminhando para o seu carro, ele não olha para trás e perco a chance de me despedir.

Chegando em casa eu tomo um banho e tiro o papel com o telefone da casa de Tiago do bolso, o olho por longos minutos pensando se seria uma boa ideia ligar ou não. Decido por ligar.

## PERIGOSAS ACHERON

O telefone toca por cinco vezes antes de alguém atender. Reconheço a voz de Tiago.

— Oi — digo.

— Quem é?

— É a Yas.

— Ah, oi, Yas! Que bom que ligou. Por sorte a Laura está aqui agora, vou passar pra ela.

Ele não espera a minha resposta e a ouço chamá-la. Enquanto espero penso que talvez ela não seja a pessoa com a qual quero falar, nem o motivo da minha ligação.

Desisto e desligo.



## Capítulo 26 – O fardo é apenas meu

*“How could I lose the only thing worth keeping?” [\[24\]](#)*

*Green Carnation – The Burden is Mine...  
Alone*

Está chovendo um pouco quando saio de casa para ir à escola na terça-feira, pego meu guarda-chuva e vou até o ponto. Não faz muito tempo que estou esperando quando vejo um carro familiar acionar o pisca alerta e parar à minha frente. Sorrio quando Tiago abaixa o vidro e pergunta se quero uma carona. Pego minhas coisas e entro no carro.

A primeira coisa que reparo é na música, nunca tinha ouvido, é bonita com uma melodia lenta e a letra forte. Tiago sorri e me cumprimenta. Lembro-me que agi um pouco estranho no dia anterior, desligando o telefone e fico sem-graça, para piorar esse é o primeiro assunto que Tiago comenta comigo.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— A Laura disse que não conseguiu falar com você ontem, a ligação caiu?

Eu abaixo a cabeça, coloco uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Não — digo, um pouco sem-graça — eu desliguei.

— Ah. — Não ergo o rosto para ver sua reação. — Tudo bem.

— Desculpe, eu acho que ainda não estou pronta para falar sobre o que aconteceu.

Levanto o olhar e vejo Tiago balançando a cabeça.

— Você ainda não perdeu essa mania de ficar se desculpando por tudo?

Ele me olha de canto de olho. Eu sorrio.

— Acho que ainda não tive tempo para isso...

Tiago sorri de volta.

— Deveria começar agora.

Eu concordo, ele volta a prestar atenção no trânsito e eu na letra na música.

— Vai fazer algo esse final de semana? — ele me pergunta.

Eu arqueio a sobrancelha.

— Sim, tenho um encontro com a Netflix.

## PERIGOSAS ACHERON

Tiago ri.

— Bom, a Laura está organizando uma festa de Halloween lá em casa no sábado, se você se cansar de assistir séries o dia todo podia passar por lá.

Fico em silêncio por um momento, não sei o que responder, pensar em estar um local lotado de pessoas bêbadas me traz péssimas lembranças. Tiago continua:

— A festa vai ser no salão de festas do condomínio, os amigos da Laura são bem legais e, além disso, é bem provável que meu pai apareça por lá também — diz, encolhendo ombros. — Ano passado ele foi vestido de Michael Jackson zumbi, melhor fantasia da festa.

Eu rio imaginando a cena.

— Ah, eu não sei...

— Você deveria convidar a sua amiga também, qual o nome dela?

— A Carol?

Ele faz que sim. Ainda assim não me sinto muito animada.

— Não estou muito no clima para festas.

Ele assente.

— Eu entendo. Mas caso mude de ideia, me

avise. Posso passar na sua casa para pegar vocês.

Chegamos à escola não muito tempo depois. Eu e Tiago nos despedimos e segui para minha sala. Noto que quando estou sozinha os olhares e comentários se intensificam. Todas as vezes que passo por um garoto e o vejo me olhando dos pés a cabeça imagino no que deve estar pensando e isso me dá nojo.

Entro na sala um pouco antes do professor, cumprimento Carol e sento em meu lugar. Durante a aula de química estou com tanto sono que quase durmo na cadeira. Estou com a cabeça apoiada em minhas mãos para evitar que ela caia e levo um susto com o professor chama meu nome:

— Por que não vai lavar o rosto para prestar atenção na aula?

Ouçõ comentários e risadas pela sala. Fico com o rosto vermelho de vergonha. Estava demorando para Fabrício, o professor de química, voltar a implicar comigo. Eu levanto da cadeira, todos olhares em mim, pessoas se inclinando para cochichar com os amigos, os sorrisos. Fecho o zíper da blusa de frio como se isso pudesse me esconder. As pessoas podiam fingir que não eu existo. Seria bem melhor.

Vou ao banheiro lavo o rosto e quando me dou conta estou chorando. Eu quero parar, mas não consigo. Que motivo besta para chorar. Tranco-me no banheiro e fico lá por um tempo até as lágrimas pararem, tento me recompor para voltar à sala.

Entro com a cabeça abaixada, o cabelo sobre o rosto e sento em minha cadeira. Ouço a voz de Carol me chamando, mas não me viro. Ela estica a mão e pega na minha. Eu a aperto forte enquanto algumas lágrimas ainda escorrem.

Quando o intervalo chega, eu não quero sair da sala, Carol busca algo para comermos enquanto eu espero. Ela volta com dois sanduíches de frango e senta-se ao meu lado.

— Yas, já pensou em conversar com alguém sobre isso?

Mordo o meu lanche e dou de ombros.

— Mas eu já não estou conversando com você?

— Sim, mas outra pessoa... sabe, um profissional, alguém que realmente possa te ajudar.

Arqueio a sobrancelha.

— Não gosto de me abrir com estranhos.

Carol assente.

— Sei como é.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ela come um pedaço do lanche, reflete por um tempo, e depois volta a falar:

— A questão é que eu não sei como te ajudar, Yas...

— Do que tá falando? Você já me ajuda.

Carol se aproxima e pega em minhas mãos.

— Sim, mas é muito pouco... Dói ver como as coisas te afetam, como você está sensível.

No momento em que ela diz isso meus olhos se enchem de lágrimas novamente.

*Que droga!*

— Eu quero te ver forte — ela continua — de cabeça erguida. Cara, você é maravilhosa, uma das garotas mais corajosas que eu conheço. Passou por um monte de merda e continua lutando. Você não desiste.

Eu estou chorando tanto que não consigo mais secar as lágrimas que escorrem.

— Eu quero que você se veja do mesmo jeito que eu te vejo. Você não precisa esconder o rosto com o seu cabelo ou evitar olhar as pessoas nos olhos. Você é maior do que tudo isso.

Carol deixa o lanche em cima da mesa e me dá um abraço. Odeio quando ela faz isso, porque é quando as lágrimas escorrem ainda mais. Tento me

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

recompor antes de o professor voltar para sala e recomeçar a aula, mas meu rosto sempre fica inchado depois que choro. No final da última aula, me despeço de Carol e saio da sala, procuro Tiago com os olhos para me despedir, mas não o encontro. Coloco o fone de ouvido e vou para o ponto de ônibus.

Sinto-me bem em passar um tempo sozinha, depois da minha última conversa com a Carol, bloquear os barulhos externos, ter um tempo para mim sem me culpar pelo inferno que minha vida virou.

Chego e me tranco no quarto, enquanto tomo um banho sinto novamente uma vontade incontrolável de chorar. Um aperto no peito enquanto penso o quanto é injusto tudo o que aconteceu comigo.

Nunca fiz nada para Bianca me odiar daquele jeito.

Nunca fiz nada para o Victor me odiar daquele jeito.

E por que eu? Em todas as pessoas do mundo porque eu tenho que enfrentar algo assim?

Minhas perguntas não têm respostas. Eu deito na cama e as horas passam tão rápidas que eu

PERIGOSAS ACHERON

nem percebo quando anoitece.

Quando tento dormir acordo assustada e com pesadelos. Pessoas apontando. Rindo. Debochando. Rolo na cama durante algumas horas e não consigo voltar a dormir. Quero que as imagens sumam. Desço as escadas, entro no escritório, pego um comprimido e volto para a cama.



No dia seguinte acordo com dificuldade e quase perco a hora, estou extremamente cansada e com tanta olheira que nem o melhor corretivo seria capaz de disfarçar. Estou terminando de me arrumar quando o telefone de casa toca. Meus pais já saíram para o trabalho, então, desço para atender me perguntando quem seria inconveniente o suficiente para ligar naquela hora.

— Alô?

— Oi, Yas.

— Quem é?

— Ah, é o Tiago.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ergo a sobrancelha, com a voz rouca de quem acabou de acordar eu não o reconheceria nunca.

— Eu te mandei uma mensagem — ele continuou — esqueci que estava sem celular. Quer uma carona hoje?

— Pode ser.

— Beleza, passo aí em dez minutos.

— Tá bom.

Desligamos e eu volto a me arrumar.

Tiago buzina quando chega em casa e eu saio. O cumprimento quando entro no carro e reparo que sua aparência estava tão ruim quanto a minha. Parece que alguém também teve uma péssima noite.

— Noite ruim? — eu pergunto.

Ele suspira.

— Nem me fale.

Continuo em silêncio esperando que ele me conte mais. Seus olhos estão no trânsito, não parece muito a fim de conversar, mas continua:

— A Amanda apareceu em casa por volta das dez da noite querendo conversar. Nem me lembro da hora que foi embora.

— Conversa difícil?

## PERIGOSAS ACHERON

Ele sorri com o canto dos lábios, irônico.

— Põe difícil nisso...

Ele fica um pouco em silêncio. Reparo que o som do carro está desligado, Tiago liga a seta e vira uma esquina.

— Ela não tá nada bem. Gritou, chorou, ameaçou se jogar do prédio. Eu realmente não sabia o que fazer, acabei ligando para a tia ir buscá-la. — Eu abaixo o olhar, não sei o que responder. — Sabe, a Amanda é uma pessoa legal — Tiago continua — eu quero que ela fique bem, é só que nós não nos damos mais bem juntos, entende? Só isso.

Eu aceno concordando, mas não sei se ele vê, já que está tão concentrado no trânsito. Não consigo evitar em fazer uma comparação minha com a Amanda. Emocionalmente falando não estávamos em uma situação diferente, ambas desesperadas e fragilizadas. Somatizando situações e maximizando sentimentos. Tenho certeza de que Amanda gosta de Tiago, mas não quer que ele fique com ela por pena, quer alguém que a ame. Provavelmente reaja dessa forma porque tem medo de ficar sozinha. Ela só não consegue enxergar. Amanda precisa de ajuda. E eu também.

— Chegou a conversar com a Carol sobre a

festa? — Tiago pergunta mudando de assunto.

Eu balanço a cabeça, distraída.

— Nossa, esqueci completamente, desculpe.

Tiago sorri e me olha de canto de olho.

— O que eu falei sobre ficar se desculpando?

Eu sorrio sem-graça.

Quando chegamos à escola combino de encontrar Tiago na saída, a minha primeira aula história e o professor já está na sala quando chego. Entro rapidamente e sento em minha mesa. Abro meu caderno e reparo que tem um recado escrito a lápis na minha mesa:

“Faz um vídeo para mim?”

Sinto meu rosto ficando quente, meus olhos enchendo de lágrimas. Tento me controlar e respiro fundo. O recado não está assinado. Não viro o rosto para saber se tem alguém me olhando ou rindo, apenas pego a borracha e apago.

No intervalo comento sobre a festa com a Carol.

— Bom, eu tenho que ajudar meus pais no restaurante no sábado, mas acho que consigo pedir uma folga.

— O problema é que eu não estou em clima

## PERIGOSAS NACIONAIS

de festas.

— Eu sei disso, mas sei lá — ela encolhe os ombros — acho que ia ser legal você se distrair um pouco. Estar no meio de pessoas que não conhecem a sua história, sabe? Que não vão te julgar

Ela olha para os lados e sigo o olhar, vejo um grupo de alunos perto cochichando e olhando em nossa direção.

— Alguém pode me reconhecer.

— Yas, isso é paranoia sua, ninguém vai te reconhecer.

Eu reviro os olhos.

— Você não pode ter certeza.

— É uma festa à fantasia. — ela ergue os braços — compro uma máscara de monstro para você se quiser.

Eu rio.

— Carol, você não tá entendendo que eu não quero ir nessa festa?

— Eu tô entendendo, eu sei que você quer que eu fale que é melhor você ficar trancada em casa, mas eu não vou fazer isso.

Ela ergue uma sobrancelha e cruza os braços. Carol está tão engraçada com essa pose que eu volto a rir.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Alguém precisa te lembrar que como minha amiga é esperado que você me apoie.

Ela sorri.

— Mas eu te apoio e isso não significa que iremos sempre concordar.

Eu balanço a cabeça.

— Não se fazem mais melhores amigas como antigamente.

Carol ri.

— Nada disso, você que tinha o parâmetro errado.

Carol está tão certa com aquela afirmação que eu não consigo parar de rir.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 27 – Ninguém sabe

*“We get some rules to follow  
That and this, these and those  
No one knows”*[\[25\]](#)

*Queens of the Stone Age – No one Knows*

Não fui à escola na quinta-feira, nada de novo aconteceu, eu somente não estava a fim. Carol passou em casa depois da escola e conversamos um pouco.

— O Tiago me perguntou se a gente ia à festa. Disse que não queria pressionar, mas a irmã precisava de uma confirmação para colocar o nome na portaria, comprar comida e tal...

— Putz, eu nem pensei sobre isso...

— Eu sei, por isso eu disse a ele que nós íamos e inclusive já paguei a sua parte.

— Você o quê? — eu perguntei arregalando os olhos.

— Eu sei, não precisa me agradecer.

Carol sorriu e fez um movimento com a mão indicando que aquilo não é nada demais. Eu ri.

— Cá, eu nem falei com meus pais ainda.

Ela me olha de canto de olho.

— Então, é melhor você falar hoje.

Eu balanço a cabeça.

— Pior que domingo é show do Imagine Dragons...

— Você vai ao show do Imagine Dragons?

— Carol pergunta se aproximando e com os um brilho nos olhos. — Cara, que demais!

Sim, deveria ser demais. Eu deveria estar empolgada, mas somente conseguia pensar no lado ruim. Pensar na multidão que estaria a minha volta, nos problemas que enfrentaria com meus pais, em estar em um lugar que eu nunca fui. Tudo é claustrofóbico e assustador.

— Meus pais vão me matar por querer sair os dois dias no final de semana ainda mais depois... bom, você sabe...

Carol concorda.

— E falando nisso — continuo — você não ir no meu lugar no show?

Ela revira os olhos e deita em minha cama.

— Eu nem vou te responder. É óbvio que você vai ao show.

Eu me sento próxima a ela.

— Mas, tipo, na festa você vai estar comigo

e no show eu vou estar só com o Tiago e os amigos dele...

Ela levanta e me encara.

— Bom, eu acho que o Tiago se importa com você, de verdade — ela faz uma pausa e continua — a gente vai nessa festa, veja como ele se comporta lá e aí você decide se vai ou não no show.

Eu concordo, Carol fica por mais algum tempo e logo depois vai embora. Combinamos de nos arrumarmos para a festa na casa dela no sábado, eu não faço a mínima ideia de qual fantasia vestir, mas Carol diz que dará um jeito.

Meus pais chegam em casa no final da tarde, minha mãe chega primeiro e fica surpresa em me encontrar na sala e não trancada em meu quarto mais uma vez.

— Como foi a escola? — ela pergunta.

— Foi normal — eu minto.

Eu ainda estou acostumada a mentir. Tudo fica mais simples quando não precisa de explicação.

Ela assente enquanto coloca a bolsa na mesa do centro da sala e senta-se para tirar os saltos. Eu a observo pensando se esse é o melhor momento para



abordar o assunto que estive pensando nos últimos dias, quando a Carol disse que eu precisava de ajuda. Também não sabia se algum dia haveria um momento certo para as coisas.

— Mãe...

Ela levanta o olhar esperando que eu continue.

— Eu acho que eu gostaria de conversar com alguém sobre o que aconteceu...

— Você sempre pode conversar comigo...  
— ela me interrompe.

Balanço a cabeça.

— Não, mãe. Alguém neutro, um profissional...

— Ah, sim. Claro! — ela assente, parece meio desconcertada. — Eu preciso conversar com algumas amigas, pedir indicações, mas — minha mãe levanta o olhar e sorri — fico feliz que tenha tomado essa decisão.

Eu sorrio de volta.

— E eu estou sempre aqui se você precisar conversar sobre qualquer outra coisa. — Ela levanta do sofá, pega o par de sapatos do chão e se aproxima de mim dando um beijo em minha testa.

Minha mãe está prestes a subir as escadas

quando eu a chamo novamente.

— Ah, mãe... — ela se vira ainda sorrindo —, posso ir em uma festa no sábado?

Imediatamente seu sorriso se desfaz, seu olhar se estreita como se dissesse “eu sabia que tinha algo por trás disso”. Eu sorrio, sem graça. Argumento um pouco e ela acaba considerando a ideia. Antes de me deixar ir, liga para os pais de Carol e conversa com eles por quase meia hora, ela nunca fez isso antes, mal conhecia os pais de Bianca. Combinaram que o pai da Carol nos deixaria na festa e meu pai nos buscaria.

— Se você chegar em casa cheirando a álcool estará muito encrencada — ela diz quando desliga o telefone.

Não discordo, mais uma vez, ela está quase subindo as escadas quando vira e pergunta.

— De quem é essa festa mesmo? — ela me pergunta.

— Da Laura, irmã do Tiago.

Ela assente.

— Acho que quero conversar com os pais da Laura e do Tiago também.

Eu arregalo os olhos.

— Mãe! Sério?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito sério, Yasmin Bettini.

E quando ela me chama pelo nome completo sei que é melhor obedecer. Passo o telefone da casa de Tiago para ela ligar e coloco a cabeça embaixo das almofadas tentando cobrir a minha vergonha. Como se isso fosse mudar algo.

Alguns minutos depois ela desliga o telefone.

— Tá bom, tudo certo. Pode ir.

Suspiro, aliviada pela sessão tortura ter acabado.

— E mãe...

Ela para no meio da escada.

— O que foi?

— Só para você não esquecer que domingo é o show do Imagine Dragons...

Ela vira-se, me encara e dessa vez seus lábios traduzem o seu olhar:

— Você tá de brincadeira comigo, né Yasmin?

Encolho os ombros. Minha mãe volta a subir a escada e não diz mais nada. Acho que isso queria dizer um “tudo bem”.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 28 – Eu quero saber?

*“So have you got the guts?  
Been wondering if your heart's still open  
And if so, I wanna know what time it shuts”[\[26\]](#)  
Arctic Monkeys – Do I wanna know?*

Tiago passa em minha casa na sexta-feira de manhã.

— Sua mãe conversou com meu pai ontem a noite — ele comenta.

— É, descul... — Ele me olha de canto de olho, eu balanço a cabeça. — Eu sei, estava ao lado dela quando ligou.

— Meu pai até chegou a convidar ela para a festa.

Tiago diz essas palavras com um jeito natural e um sorriso no rosto. Como se não fosse nada demais, eu por outro lado fico incrédula com o que acabo de ouvir. Ter a minha mãe na festa não seria legal.

— Tá brincando, né?

— Não, eu te disse que até meu pai iria...

## PERIGOSAS NACIONAIS

Por um segundo eu imagino minha mãe entrando ao meu lado na festa, braços cruzados, me olhando com o canto dos olhos, pronta para me vigiar e me corrigir caso eu fizesse alguma besteira. Balanço a cabeça, a última coisa que preciso agora é também perder a minha liberdade.

— Ter o seu pai na festa é uma coisa, ter a minha mãe é outra.

Tiago ri e balança a cabeça.

— Relaxa, não acho que ela levou o convite a sério.

— Espero que não mesmo.

O carro para no semáforo e Tiago me olha.

— Quer que eu passe em sua casa para te levar para a festa?

Desvio o rosto evitando sustentar nossos olhares por muito tempo.

— Não precisa, o pai da Carol vai levar a gente.

O carro volta a andar, ele aumenta o volume do rádio, reparo que está tocando Imagine Dragons. Tiago bate os dedos no volante do ritmo da música. Tenho certeza que a trilha sonora da carona de hoje é proposital.

— Você vai, né?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não decidi ainda.

Ele aumenta mais um pouco.

— Não é possível que você vá perder isso com o ingresso em mãos.

Eu rio e dou de ombros.

— Sabia que os ingressos esgotaram? — ele continua.

— Então, eu posso fazer uma boa grana vendendo o meu — falo, aumentando o tom de voz por cima da música.

O carro para no semáforo mais uma vez, Tiago vira o rosto e se aproxima de mim.

— Você não faria isso...

Eu cruzo os braços e me afasto.

— Não duvide.

— Nunca duvidaria... — ele diz com um sorriso nos lábios, em seguida volta a prestar atenção no trânsito.

Eu sorrio de volta, mas ele não vê.

Estacionamos e Tiago diz que irá me esperar para me dar uma carona para ir embora. Eu agradeço e vou para minha sala. Carol me recebe com um sorriso, estou me sentindo bem. Fingindo que sou apenas uma garota normal indo para a escola. Coloco minha mochila na cadeira e sento. Nenhum

## PERIGOSAS ACHERON

bilhete me esperando. Nenhum comentário ou olhar indesejado. Sorrio.

As aulas passam rápidas, no intervalo Carol me diz que sua mãe arrumou alguns adereços para a festa a fantasia. Nós iríamos usar nossas próprias roupas e customizar algumas peças, então a fantasia seria simples. Eu poderia ir de bruxa enquanto ela iria de vampira. Acho uma boa ideia. O intervalo acaba, voltamos para a sala e está quase no final da aula de português quando Carol me cutuca, eu a olho e ela faz um sinal para a porta.

Vejo a minha mãe chamando a professora, que se dirige até ela e conversam enquanto olham para mim.

*O que minha mãe está fazendo aqui?*

A professora faz um sinal para que eu vá até elas, me levanto.

— Melhor você pegar suas coisas, Yasmin.

Eu obedeço, a sala inteira me olha e sinto o rosto queimar. Carol cochicha me perguntando o que aconteceu. Dou de ombros.

— Também queria saber.

Saio da sala, minha mãe agradece a professora e me puxa pelo braço. Vejo que está extremamente nervosa. Os ombros tensos, passos largos, olhos



# PERIGOSAS NACIONAIS

semicerrados.

— Mãe, o que aconteceu?

— Vou te tirar dessa escola.

Eu arregalo os olhos.

— O quê?

— Isso mesmo, você não vai mais estudar aqui!

— Mas por quê? Eu tô no meio do semestre, você não pode me tirar da escola no meio do semestre.

Ela balança a cabeça, enquanto desativa o alarme do carro para entrarmos.

— Posso e vou — diz, abrindo a porta do carro.

Eu fecho a porta do carro, puxo o braço. Sinto meu rosto ficando cada vez mais quente.

— Porque você está fazendo isso? Eu gosto dessa escola!

— Mas eles não gostam de você.

Aquilo realmente machuca. Dou alguns passos para trás desnorteada com a pancada das palavras.

— Não dá para agradar todo mundo... — eu sussurro.

Minha mãe coloca as mãos entre os cabelos, respira fundo e se aproxima.

— Desculpa, querida, eu estou nervosa. Vamos entrar no carro, conversamos sobre isso depois.

# PERIGOSAS ACHERON

Eu balanço a cabeça.

— Não, não vou a lugar nenhum enquanto você não me disser o que está acontecendo.

Ela suspira e assente.

— O diretor me chamou para conversar porque os pais de uma aluna acham que você é má influência para a filha deles e que a sua reputação na internet pode ser ruim para a imagem da escola.

Fico em choque, parece que nunca mais teria um dia normal.

— Os pais de quem?

— Não disseram, falaram que seria “falta de ética” — ela diz com os dedos em aspas.

Meu estômago começa embrulhar e acho que estou passando mal.

— Eles querem me expulsar?

— Não, ele queria que eu me explicasse sobre o seu comportamento.

— E o que você disse?

— Mande ele a merda.

Eu arregalo os olhos. Raramente ouço a minha mãe xingando alguém.

— Sério?

— Não, mas bem que queria. — Ela sorri. — Eu simplesmente saí da sala e o deixei falando

## PERIGOSAS NACIONAIS

sozinho. Eu não tenho que explicar nada a ele, nem a esses pais hipócritas e nem a ninguém.

Eu abaixo o olhar, envergonhada por fazer a minha mãe passar por uma situação dessas.

— Nem você tem que se justificar, viu? Se por um acaso estiver fazendo isso, pare.

Eu nego com a cabeça.

— E eu estava pensando — ela continua e coloca sua mão em meu ombro —, talvez seja melhor para você não ir à escola alguma esse ano, esperar essa história acalmar...

Ela coloca sua mão em meu queixo e levanta meu rosto.

— Não quero me esconder, mãe.

Seus olhos se enchem de lágrimas e ela me abraça.

— Eu tenho tanto orgulho de você.

Eu abraço de volta e ficamos assim por um tempo. É bom sentir esse suporte e acolhimento da parte dela. Nós nunca fomos muito próximas e saber que ela está lutando junto comigo me passa uma energia muito boa. Eu sorrio e olho para os lados esperando que ninguém esteja vendo isso. Não é muito legal ser vista abraçando minha mãe no estacionamento da escola.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá bom, mãe, já chega.

Eu digo, indicando para ela se afastar. Minha mãe desfaz o abraço e continua:

— Vamos ver uma nova escola para você, então...

— Não quero, meus amigos estão aqui.

— Se eles são realmente seus amigos, irão continuar independentemente de onde você for.

Eu nego mais uma vez. Minha mãe finalmente consente e passa a mão em meu cabelo.

— Tudo bem, então, você continua aqui esse ano e ano que vem decidimos o que fazer, combinado?

Eu concordo.

— Posso voltar para a sala agora?

Ela me dá um beijo no rosto.

— Acho que sim.

Eu sorrio, me despeço, e volto para a sala. A aula de português acabou e o professor de filosofia está na sala, explicando um longo slide.

Sento de volta em minha mesa e Carol imediatamente me pergunta:

— O que aconteceu?

Eu suspiro.

— Longa história...

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu conto a Carol, ela parece tão chocada quanto eu.

— Nossa, que vontade de quebrar a cara da pessoa que fez isso com você.

— Eu não quero parecer obcecada, mas tenho a sensação de que foram os pais da Bianca.

— Eu não duvidaria.

A aula acaba e encontro Tiago na saída. Ele passa quase todo o caminho da volta tentando me convencer a ir ao show no domingo. Eu digo que se todas as pessoas fossem empolgadas com a banda do jeito que ele é eu conseguiria vender meu ingresso pelo preço de um carro.

— Se eu não tivesse meu ingresso, com certeza trocaria meu carro por ele — diz sorrindo.

Eu rio, Tiago continua a insistir:

— Vai saber quando eles irão voltar para cá, pode ser que você nunca mais tenha essa oportunidade na vida!

— Não seja exagerado...

Ele ri.

— Quais outros motivos para eu ir? — eu instigo.

— Você precisa de mais? — ele diz erguendo um dos braços e logo depois o voltando para o

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

volante. — Se está esperando eu dizer que quero que vá pela sua companhia, pode esquecer, sua companhia não é tão boa assim...

— O quê? — estou em choque com a revelação.

— É sério, você é bem chatinha às vezes.

Cruzo os braços e me encosto na porta, de frente para Tiago, com um sorriso torto nos lábios.

— Que mentira, você ama a minha companhia, só não quer assumir.

Ele coloca a mão no queixo e finge que está refletindo, meu sorriso se alarga.

— Amar não seria bem a palavra correta, diria que no máximo a sua companhia é ok.

Eu o empurro.

— Ei, eu tô dirigindo! — diz entre uma risada.

Olho para ele de canto de olho, ele ainda está sorrindo.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 29 – Asas quebradas

*“Leave the peace alone  
How we all are slowly changing  
Dims a fading light  
In our souls”[\[27\]](#)  
Alter Brigde – Broken Wings*

No sábado meu pai me leva para casa de Carol no começo da tarde.

— Te busco na festa às onze horas — ele diz assim que saio do carro.

Já imaginava que teria horário para voltar.

Carol e sua mãe, Talita, nos recebem no portão. Meu pai conversa com ela durante um tempo antes de finalmente entrarmos. A fachada da casa de Carol é o restaurante de seus pais, as cores pretas e vermelhas se destacam. Entramos por um portão lateral e nos dirigimos ao fundo.

Ela me mostra a casa e reparo na decoração que é muito bonita, com ornamentos orientais nas paredes. Passamos o resto da tarde arrumando

PERIGOSAS ACHERON

nossas fantasias. Tento customizar uma blusa com recortes e manchas vermelhas fazendo referencia ao sangue, mas o resultado não é nada bom e a blusa fica inutilizável.

Carol por outro lado faz uma saia de tule maravilhosa com a metade do tempo em que gastei em minha blusa.

— Você deveria parar de tentar consertar isso — diz Carol quando me vê mais uma vez com a tesoura em mãos tentando aproveitar o resto de pano que havia sobrado.

Eu suspiro, vencida.

— O que você acha de me ajudar a pregar tule nessa saia? — pergunto enquanto aponto para a minha saia rodava de veludo.

— Acho que irá ficar legal. — ela diz com um sorriso e estende uma das mãos.

Eu passo a saia para Carol e ela recomeça o trabalho. Posso não ser muito boa com a customização das peças, mas sei que pelo menos com a maquiagem eu não iria falhar.

Depois de algum tempo ficamos com fome e Carol desce até o restaurante e para pegar alguns temakis, o dela como é de se esperar, de shimeji.

Por volta das oito horas da noite estamos



## PERIGOSAS NACIONAIS

prontas: eu com o meu chapéu de bruxa e uma sombra preta com delineado nos olhos, Carol com os dentes falsos de vampira, o rosto pálido e sangue escorrendo dos lábios.

O pai de Carol nos leva a até a casa de Tiago. É a minha primeira vez em sua casa, mas eu reconheço o bairro, afinal moramos próximos. Eu já havia passado em frente ao seu prédio várias vezes sem nem saber que era ali que ele morava. Nos identificamos na portaria e mando uma mensagem para Tiago avisando.

Sinto um nó na barriga e um nervosismo conforme nos aproximamos do salão de festas. Na última festa em que estive, Victor estava comigo. Tanta coisa aconteceu desde então que aquele evento parecia distante. A garota que eu era também.

Não tinha certeza se estar em uma festa seria um ambiente próprio para a pessoa que eu me tornei.

Não sabia se aquelas cicatrizes estavam completamente fechadas.

O frio que correu em minha espinha assim que ouvi a música saindo do salão me deu a resposta que eu precisava.

## PERIGOSAS ACHERON

Elas não estavam. Ainda sangravam.

Avisto Tiago, fantasiado de Jedi, na porta do salão, o celular em mãos. Ele olha em nossa direção com um sorriso.

Estou muito nervosa para sorrir.

— Gostei da fantasia. — ouço Carol dizer a Tiago.

Ele nos cumprimenta e diz de volta:

— Gostei da de vocês também.

Olho para as minhas roupas improvisadas, o tule da saia que estava meio torto, com um lado maior do que o outro e dou de ombros.

— É só um chapéu e roupas pretas.

— Ficou original.

*Original é a última coisa que essa fantasia é.*

Ele nos leva pra dentro da festa, alguns amigos de Tiago estão sentados em uma mesa. Eu preferia escolher outra mesa, somente para eu e Carol, mas ela insiste em querer me fazer socializar e sentamos juntos. A festa está muito bem decorada assim como a comida tematizada e dessa vez meu copo somente se enche com refrigerante e água.

Não muito tempo depois vejo a irmã de Tiago vestida de Princesa Leia, nunca a vi

## PERIGOSAS NACIONAIS

pessoalmente, mas reconheci dos vídeos. Tiago a chama para me apresentar e o sorriso que ela solta enquanto ele nos apresenta indica que ela fica muito feliz em me conhecer.

— Devíamos sair algum dia desses — ela diz.

Eu concordo, enquanto ela sorri e volta para junto dos amigos.

Ainda estou sentada conversando com a Carol. Quando as luzes se apagam e a Marcha Imperial começa a tocar, a porta do salão abre e uma única luz ilumina um Darth Vader. As pessoas aplaudem e assoviam, o Darth Vader caminha para dentro do salão e quando chega ao centro do salão ele para, ergue um dos braços. A música muda e Thriller do Michael Jackson começa a tocar. O Darth Vader bate um dos pés no chão no ritmo da música e alguns segundos depois está dançando.

— É o seu pai? — pergunto para Tiago em meio a uma risada.

Ele faz que sim e abaixa a cabeça, envergonhado.

— Ele é legal.

— Não diga isso perto dele, por favor, vai que piora.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu rio e volto a olhar para o centro do salão, Laura, a princesa Leia, está dançando junto com seu pai e logo outras pessoas se juntam. Tiago levanta da cadeira e puxa minha mão.

— Vem! — ele diz.

Faço que não.

— Eu danço muito mal.

— E daí? Ninguém tá dançando bem, mesmo.

Eu rio, levanto e puxo Carol comigo.

Dançamos todos os grandes sucessos dos anos 80 e dos anos 90. Carol me ensina alguns passos e talvez eu não tenha dançado tão mal assim. Durante as horas em que estamos na pista de dança eu me esqueço de quem sou. E isso me faz bem. Eu não era mais a garota do vídeo. E sim, somente uma garota.

Acho que nunca me diverti tanto em uma festa.

Quando meu pai chega para nos buscar, eu e Carol estamos descabeladas, suadas e com a maquiagem derretendo. Antes de sair eu me despeço de Tiago.

— Agradeça a sua irmã pela festa.

Ele assente e completa:

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Passo na sua casa amanhã às três da tarde para irmos ao show.

— Tá.

Eu sorrio e saio da festa. Meu pai nos espera do lado de fora do condomínio com o pisca alerta ligado. Entramos.

— E aí? Como foi a festa.

— Foi boa — digo.

— Dançaram bastante pelo visto — ele diz com um sorriso.

Eu olho para Carol, ela me olha de volta, sorrimos também. Meu pai deixa Carol na casa dela primeiro, assim que ela sai eu encosto a cabeça do banco e fecho os olhos. Estou cansada, mas me sinto bem. Tranquila. Fecho os olhos e adormeço.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 30 – Sonho

*“We all are living in a dream  
But life ain’t what it seems  
Oh, everything’s a mess  
And all these sorrows I have seen  
They lead me to believe  
That everything’s a mess”[\[28\]](#)  
Imagine Dragons – Dream*

Domingo, dia 31 de Outubro. Eu acordo cedo e com um frio na barriga. Dessa vez por um bom motivo. Decido já ficar pronta para sair e me arrumo antes de descer para tomar café.

— Mas você vai sair de novo? — questiona meu pai assim que me vê entrando na cozinha.

Eu imediatamente olho para minha mãe buscando apoio.

— Eu deixei, Carlos, hoje é o show daquela banda lá... — Ela faz um gesto com a mão, como se não importasse o nome.

— E ela vai com quem? — ele insiste.

— Eu já falei com o pai do menino, está

tudo certo, ele parece ser uma boa pessoa, responsável.

Meu pai levanta da cadeira e com as mãos sobre a mesa diz:

— Você já foi enganada uma vez.

Minha mãe que estava tomando café, deixa a xícara na mesa com tanta força que quase a quebra.

— Quer terminar essa conversa no escritório?

Eles se encaram. Eu estou com os olhos arregalados, rapidamente pego uma fatia de pão e um copo com leite.

— Vou tomar café no meu quarto, tá?

Subo as escadas. Antes de fechar a porta consigo ouvi-los voltar à discussão. As brigas estão cada vez mais frequentes cada mínimo problema se torna uma discussão interminável entre eles. E tudo começou depois do que aconteceu comigo.

Na hora combinada com Tiago eu desço e o espero do lado de fora de casa. Assim que ele chega eu entro no carro e vamos buscar seus amigos que vão conosco no show. Não muito tempo depois o carro está lotado com Lucas, Gustavo e Samuel no banco de trás. No dia que compramos os ingressos

Amanda estava conosco, mas não pergunto se ela vai.

A viagem de uma hora e vinte minutos até o Anhembi passa rápido. Não converso muito durante o caminho, somente vejo a paisagem passar. Não consigo deixar de imaginar se algum dos amigos dele tinha visto o vídeo e o que pensava sobre mim. Olho pelo retrovisor e vejo os olhos de Samuel em mim. Meu histórico com ele já não era bom. Tenho certeza de que ele assistiu.

De vez enquanto Tiago me olha e me pergunta se estou bem. Eu digo que sim, apesar de não me sentir dessa forma. Ele percebe e segura minha mão por alguns segundos como se quisesse dizer que mesmo se não estivesse, no final, tudo iria ficar bem. Que ele está ali por mim. Durante aquele momento o nervosismo se esvai.

Quando chegamos os portões para entrada no Anhembi estão próximos de abrir. A fila está gigante e demoramos um pouco para achar o final. As pessoas se abanam por causa do calor. Há vendedores por todos os lados e eu acabo comprando uma camiseta para levar de recordação.

Ainda faltam algumas horas para o show começar. Eu me sento ao chão enquanto sinto todos



## PERIGOSAS NACIONAIS

os poros do meu corpo derreterem. Tiago diz que está com sede e irá comprar uma água, eu imediatamente me levanto e digo que vou com ele. Não quero ficar sozinha com seus amigos. Não quero correr o risco de ouvir algo desnecessário.

Caminhamos lado a lado até um vendedor ambulante próximo. Tiago pede duas águas e me entra uma.

— O que achou da festa ontem? — ele pergunta.

— Melhor festa que já estive — digo abrindo a garrafa e tomando um gole da água.

— Laura passou o resto da noite reclamando que você foi embora muito cedo e vocês mal tiveram chance de conversar.

Eu sorrio.

— Passa meu telefone para ela e a gente marca algo depois.

Tiago assente, toma uma gole da sua água e me fita. Eu abro os lábios para dizer algo e quebrar o silêncio, mas ele é mais rápido.

— Foi muito bom ver você alegre de novo — eu não sei o que responder, mas não acho que preciso dizer algo, Tiago continua — queria ver você com aquele brilho nos olhos todos os dias.

## PERIGOSAS ACHERON

Sinto meu coração pulsando mais rápido.  
As palavras me faltam.

— Obrigada. — me ouço dizer.

Tiago sorri para mim e percebo que às vezes uma pequena palavra, mas com muito significado é suficiente.

Voltamos para junto dos amigos de Tiago e volto a sentar ao chão, pacientemente esperando a abertura dos portões. Horas antes do show a fila começa a andar e longos minutos depois estamos dentro do Anhembi.

Nós ficamos um pouco longe do palco, mesmo porque parece impossível conseguir chegar mais perto no meio de tanta gente. Por volta das sete horas, uma banda que eu não conheço sobe ao palco para fazer o show de abertura.

Para ser sincera, não gosto do show, o público parece gostar, pois aplaudem muito. Os espaços estão ficando cada vez mais apertados, mas não me importo. Tiago se aproxima de mim, impedindo outras pessoas de chegarem muito perto ou me empurrarem.

Pouco depois das nove horas o show começa, eles estão atrasados, mas ninguém reclama. Quando as luzes piscam no palco, as

peessoas explodem em gritos, aplausos, assovios, risadas e arrepios na pele. Principalmente os arrepios. Estar ali é uma sensação indescritivelmente boa.

Eles começam tocando “Shoots”, seguida por “Trouble” e tudo o que eu mais quero é que o tempo passe em câmera lenta, para que aquele momento durar mais. Eu pulo, grito, canto e a melhor parte é fazer isso em coro. Sentir como se eu e aquela multidão fossemos um só. E eu sou igual a eles, parte deles. A banda encerra a noite tocando “The Fall”.

Eu estou com os olhos brilhando, tendo provavelmente o melhor momento da minha vida, eu viro para o lado e sorrio para Tiago, ele sorri de volta.

— Foi demais! — ele diz.

Eu não consigo ouvir, mas leio seus lábios e concordo.

— Obrigada por insistir para eu vir.

Ele sorriu mais uma vez.

— Obrigada por ter vindo.

Nós ficamos mais um tempo nos olhando e sorrindo, enquanto aplaudimos a banda e ouvimos as pessoas os ovacionando. Tiago segura a minha

# PERIGOSAS NACIONAIS

mão e naquele momento eu não lembro mais da queda que sofri.

Das cicatrizes que ainda estão abertas em meu peito.

Eu sinto uma energia boa correndo em minhas veias.

O coração palpitando.

E se eu tivesse que descrever aquele sentimento em uma palavra eu diria: felicidade.

# PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um ano depois...

PERIGOSAS ACHERON

## Amor Melhor

*“Cause there's no better love  
That beckons above me, there's no better love  
That ever has loved me, there's no better love”* [\[29\]](#)

*Hozier – Better Love*

É primeiro de outubro novamente, um sábado desta vez, me espreguiço na cama e olho no relógio.

*Droga, estou atrasada.*

Levanto da cama correndo e vou tomar um banho, ensaboo o cabelo pensando que hoje é um dia especial e não deveria estar atrasada, afinal tenho um casamento às cinco e meia da tarde e um encontro inadiável com o salão de beleza em vinte minutos.

É a primeira vez que sou convidada para ser madrinha e não quero estragar as coisas. Termino o banho, me arrumo correndo e desço as escadas. Tiago está sentado no sofá, olhando o celular, ele ergue o olhar quando ouve o barulho dos meus pés contra a madeira.

— Você tá atrasada — ele diz sorrindo e se

levanta.

Eu sorrio e o abraço.

— É, eu sei — digo, e logo em seguida lhe dou um beijo. — Só vou pegar algo para comer e a gente já vai.

Ele assente. Vou para a cozinha, minha mãe está sentada a mesa tomando café e lendo um livro.

— Bom dia, mãe.

Digo enquanto abro a geladeira e pego uma maçã.

— Boa tarde, você quer dizer — ela responde sorrindo.

Eu sorrio de volta e estou saindo da cozinha quando ela diz:

— Seu pai ligou, disse que quer conversar com você.

— Hoje? — eu pergunto erguendo a sobrancelha, não é realmente um bom dia.

Ela balança a cabeça.

— Eu falei que você tem um compromisso, pode ligar amanhã.

Eu assinto, a dou um beijo e saio. Legalmente meus pais ainda estão casados, mas faz alguns meses que não moram mais juntos. Suspeito que meu pai já tenha namorada, uma tal de Fabiana.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Não fui com a cara dela. Minha mãe diz que o motivo da separação deles não tem nada a ver comigo, acho difícil de acreditar, eu me lembro muito bem da época em que as brigas ficaram mais intensas.

Volto para a sala, Tiago está em pé, impaciente, com a chave do carro em mãos.

— Vamos?

Faço que sim, mas logo em seguida paro e coloco a mão na testa.

— Ah, meu deus, espera que eu esqueci o vestido.

Ele suspira, deixo a maçã em sua mão para não sujar o vestido e subo novamente as escadas. O vestido está pendurado do lado de fora do meu guarda roupa, é longo, azul, de alça fina, com detalhes em renda e as costas abertas, o pego e desço as escadas novamente. Tiago já está do lado de fora da casa me esperando.

— Tchau, mãe! — grito antes de fechar a porta.

Tiago entra no carro e eu também.

— Vou adiantar seu relógio em meia hora para ver se você não se atrasa mais.

Eu rio enquanto ele me passa a maçã e dou uma mordida.

## PERIGOSAS ACHERON



— É uma boa ideia.

— Laura já mandou umas trinta mensagens perguntando onde você está.

Fico sem graça.

— Ela tá brava?

Tiago sorri.

— Já viu a Laura brava? – ele pega o celular e me mostra um vídeo que a Laura mandou fazendo careta enquanto alguém mexe em seus cabelos. Eu sorrio. — Mas ela disse que você perdeu a mensagem.

Suspiro.

— Droga!

No começo do ano Laura ficou noiva e como a família do namorado dela é da França, eles irão se mudar para lá ano que vem. Para celebrar a mudança e se despedir de todos os amigos, eles decidiram se casar. A história de como eles se conheceram e principalmente de como ele a pediu um casamento é uma das mais bonitas que já ouvi. Estou ansiosa para o casamento. Tiago coloca a mão em minha perna eu sorrio e a seguro. Talvez só não seja mais bonita do que a nossa.

Nos tornamos amigos muito próximos desde o final do ano passado, as brigas dos meus pais em

casa se tornaram cada vez mais frequentes e como a Carol precisava ajudar os pais no restaurante quase todas as tardes eu encontrava refúgio na casa de Tiago, jogávamos vídeo games e todas as quintas-feiras, Laura, inutilmente tentava me ensinar a pintar. O único quadro que fiz está trancado em meu guarda-roupas, longe dos olhos de qualquer um. Mauro, pai de Tiago e Laura, é uma figura, todas as vezes que estava em casa arrancava várias risadas e às sextas comíamos cachorro-quente.

Eles se tornaram a minha segunda família de uma forma muito natural, me faziam sentir bem.

Em uma das tardes em que Tiago e eu estávamos sozinhos em sua casa, jogando, ele se aproximou e nos beijamos pela primeira vez. Não me recordo do que conversávamos antes disso, mas lembro-me do arrepio na pele, do toque das suas mãos em minha nuca, o frio na barriga e principalmente da sensação de que dessa vez eu estaria segura.

O carro para e eu balanço a cabeça voltando à realidade. Tiago se aproxima e nos beijamos mais uma vez.

— Passo aqui às quatro e meia para te pegar.

Eu assinto e saio do carro. Assim que entro no

salão Laura levanta de sua cadeira e me abraça.

— E aí, atrasada!?

Eu dou de ombros e sorrio sem graça.

— Já sabe o que vai fazer no cabelo?

Balanço a cabeça.

— Mínima ideia...

Laura sorri.

— Imaginei e por isso separei alguns para você olhar.

Ela pega em minha mão e me puxa para uma cadeira ao lado da que estava, várias revistas estão abertas pelo balcão, passo os olhos por elas tentando escolher algo enquanto Laura senta-se na cadeira e o cabelereiro volta a mexer em seu cabelo.

As horas passam rápidas no salão enquanto nos arrumamos e conversamos. As amigas de faculdade da Laura também estão lá e passamos a maior parte do tempo jogando conversa fora, quando me dou conta são quase quatro e meia e uma das amigas de Laura está me ajudando a abotoar o vestido.

— Yas, você está linda! — Ouço a voz de Laura atrás de mim.

Viro-me e a encontro com um vestido de noiva rendado, com detalhes em pedras, o cabelo que ela

tinha deixado crescer, ondulado caindo pelo ombro.

— Não mais do que você — respondo.

Ela segura em minha mão e eu tenho que controlar as lágrimas de caírem. Sentirei falta de Laura. Durante o último ano ela se tornou a irmã mais velha que eu nunca tive, sempre pronta para me dar conselhos, me confortar e puxar minha orelha quando necessário.

— Tá bom, sem mais rasgação de seda se não eu fico enjoada.

Eu rio. Meu celular vibra com uma mensagem de Tiago:

“Cheguei”.

Despeço-me das meninas e saio do salão. Tiago está do lado de fora, andando de um lado para o outro e para assim que me vê. Vejo seus olhos brilhando para mim, me admirando de cima a baixo. Ele se aproxima, coloca a mão em minha cintura e sorrindo me diz:

— Você está linda.

Sorrio de volta.

— Obrigada.

Ele se aproxima um pouco mais, eu coloco as mãos em seu ombro e balanço a cabeça.

— Eu fiquei umas duas horas fazendo essa

maquiagem...

— Só um beijo — ele me pede.

— De leve para não borrar meu batom.

Ele sorri e me dá um beijo. Nossos lábios se afastam e eu rio.

— Sua boca ficou toda vermelha agora.

— Putz, sério?

Eu concordo com um aceno enquanto tiro um lenço da minha bolsa. Tiago ri tentando limpar o batom e entramos no carro. Algum tempo depois chegamos à chácara onde será realizada a cerimônia, o lugar está lindamente decorado, as cores fortes das flores combinam muito bem com a personalidade da noiva. Felipe, o noivo, está conversando com alguns convidados, eu e Tiago lhe damos um abraço e percebo que ele está gelado, provavelmente nervoso.

Laura não se atrasa, chega no horário certo e a cerimônia se conduz de forma maravilhosa, ao ar livre e com o pôr do sol ao fundo. Ao final estou com tantas lágrimas nos olhos que sinto a maquiagem se desfazer.

A festa é realizada em um salão na própria chácara. Os noivos dançam uma valsa muito bem coreografada e ao final convidam os presentes a se

## PERIGOSAS NACIONAIS

juntarem a eles. Eu e Tiago não sabemos dançar, mas ficamos abraçados, jogando nossos corpos de um lado para o outro conforme o ritmo da música.

— Eu estava pensando — Tiago diz em meu ouvido — sou realmente um cara de sorte.

Eu rio, desencosto do seu ombro, seus olhos negros em mim leem a minha alma.

— Por quê?

Ele sorri, aquele sorriso que me deixa hipnotizada e tira o meu ar.

— Porque eu tenho você.

Tiago se aproxima e nos beijamos. E eu sei que sou uma dançarina terrível, mas não quero que a música acabe. Assim como todos os momentos em que estamos juntos.

Fim.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Se você está passando - ou já  
passou - por algo parecido com o  
que aconteceu com a Yasmin,  
procure ajuda!*

**Disque 100 - Disque Direitos Humanos**

**Ligue 180 - Central de Atendimento à  
Mulher**

Mensagem eletrônica (e-mail):  
ligue180@mdh.gov.br

Aplicativo: Proteja Brasil

Ouvidoria Online:  
<http://www.humanizaredes.gov.br/ouvidoria-online>



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Agradecimentos:

Faz cinco minutos que estou olhando para a página em branco e nenhuma palavra sai. Não porque não tenho a quem agradecer, mas porque me faltam palavras para dizer o quanto as agradeço.

A missão de ser escritora é com certeza uma das mais difíceis que encontrei. Na maior parte do tempo é solitário e muitas vezes frustrante. Demanda tempo e dedicação que muitas vezes a vida moderna não nos dá o luxo de ter, mas quando você ama o que faz sempre dá um jeito. E quando se tem apoio as coisas ficam mais fáceis de lidar.

*Antes de Outubro* foi uma história difícil de escrever. Foi preciso cuidado, muita revisão e pesquisa. Quando se trata de um assunto tão delicado as palavras podem machucar. Garotas reais tiveram experiências tão ruins quanto as de Yasmin e a ideia do livro não é que eles relembrem

de suas feridas, mas que as ajudem a curá-las. A criar forças para seguir e lutar.

Foi esse livro que me conseguiu uma agência literária. Naquela época o livro tinha outro nome e em questão de qualidade não era nem a metade do que é hoje. Por isso eu agradeço de coração à Alba e a Increasy por terem me encontrado, me acolhido na agência e moldado não só esse livro, mas a minha carreira de escritora.

Agradeço ao Yves por todas às vezes em que me abraçou em meio de uma crise de ansiedade para dizer que tudo irá ficar bem. Que aquele caos está somente dentro de mim e eu só preciso dar tempo ao tempo.

Ao meu pai por ter influenciado meu gosto musical, o que me levou a conhecer bandas maravilhosas e algumas delas estão nesse livro.

Agradeço a minha mãe que nunca me negou uma ajuda e mesmo com todas as nossas diferenças continua ao meu lado.

À Jéssica por ouvir e me aconselhar em todos  
PERIGOSAS ACHERON

os meus dramas. Pelos melhores e mais loucos momentos da minha adolescência e alguns deles, inclusive, estão nesse livro em um contexto diferente.

E por último, meu último obrigada à você que está lendo esse livro nesse momento. É por sua causa que me dou o direito de me chamar de escritora. É por você que escrevo cada letra e cada frase. Meu eterno agradecimento por dedicar o seu tempo para ler o que escrevi.

Um beijo,

Graciele Ruiz.

## Playlist

1. *Muse - Starlight*
2. *Aerosmith – Falling in love*
3. *Paramore – The only Exception*
4. *U2 – Stay*
5. *Avenged Sevenfold – Seize the Day*
6. *Royal Blood – Better Strangers*
7. *Kings of Leon – Use Somebody*
8. *30 Seconds to Mars – Up in the air*
9. *Apocalyptica feat. Cristina Scabia – S.O.S  
(Anything but Love)*
0. *Metallica – Nothing Else Matters*
1. *Avenged Sevenfold – Crimson Day*
2. *Pitty - Temporal*
3. *Far from Alaska feat. Scalene – Relentless  
Game*
4. *Aurora - Runaway*
5. *Within Temptation - Shot in the dark*
6. *Perfect Circle - Gravity*
7. *Imagine Dragons – Smoke and Mirrors*
8. *Scalene - Nunca apague a luz*
9. *Coldplay – Fix You*

# PERIGOSAS NACIONAIS

0. *Skillet – Never Surrender*
  1. *Oasis – Stop Crying your Heart out*
  2. *Flyleaf – Stand*
  3. *Maroon 5 – She will be loved*
  4. *Foo Fighters - Times like these*
  5. *Linkin Park - Castle of Glass*
  6. *Green Carnation – The Burden is Mine...  
Alone*
  7. *Queens of the Stone Age – No one Knows*
  8. *Arctic Monkeys – Do I wanna know?*
  9. *Alter Brigde – Broken Wings*
  0. *Imagine Dragons – Dream*
  1. *Hozier – Better Love*
- 

[\[1\]](#) Segurar você em meus braços / Eu só queria segurar /  
Você em meus braços

[\[2\]](#) Você acha que está apaixonado / Como se dessa vez fosse  
verdade / Mas toda vez que você se apaixona / Você se mete em  
enrascada

[\[3\]](#) Eu tenho muita noção de realidade, mas eu não consigo /  
Deixar o que está na minha frente / Eu sei que você estará partindo  
quando você acordar de manhã / Me deixe com algum tipo de  
prova de que isso não é um sonho

[\[4\]](#) Se eu pudesse ficar / Então a noite a deixaria / Fique / E o

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

dia manteria a sua confiança / Fique / E a noite seria o bastante.

[5] Eu encontrei você aqui, agora, por favor, fique por um tempo / Eu posso seguir em frente com você por perto

[6] Porque eu estou a mil milhas do perigo se eu fizer um melhor estranho.

[7] Você sabe que eu preciso de alguém / Alguém como você, e tudo que você sabe, e como você fala.

[8] Eu tenho estado no ar / Fora de mim / Preso em um momento de emoções que eu destruí / Isso é o fim que eu sinto?

[9] Então vá em frente e me infecte / Vá em frente e me amedronte / Diga que eu pedi por isso / Diga que eu nunca me esquecerei / Você poderia me dar qualquer coisa, menos amor.

[10] Tão perto, não importa o quão distante / Não poderia estar muito mais do coração / Sempre confiando naquilo que somos / E nada mais importa

[11] *Eu estive errado várias vezes / E eu estive envergonhado, sem encontrar palavras / Mas se o sol nascerá, traganos o amanhã / Caminhe comigo, dia carmesim*

[12] Me quebre, me leve / Jogo implacável / Sem as correntes eu sigo, liberta minha alma se afoga nas marés de novas verdades

[13] E eu estava dançando na chuva / Eu me senti viva e não posso reclamar / Mas agora me leve para casa / Leve-me para casa onde eu pertenço / Eu não aguento mais

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

[\[14\]](#) Agora eu estou lutando nessa guerra / Desde o dia da queda / E eu estou me agarrando a tudo desesperadamente / Mas eu estou perdida, estou tão perdida

[\[15\]](#) Perdido novamente / Quebrado e exausto / Incapaz de encontrar o meu caminho / Acuado / Confuso e claramente incapaz de simplesmente largar

[\[16\]](#) Tudo em que eu acredito, é um sonho? / Que cai em cima de mim? / Tudo o que eu possuo, são apenas ilusões?

[\[17\]](#) Luzes te guiarão até em casa / E aquecerão teus ossos / E eu tentarei, consertar você

[\[18\]](#) Porque todas as estrelas / Estão desaparecendo / Apenas tente não se preocupar / Você as verá algum dia / Pegue o que você precisa / E siga seu caminho / E faça seu coração parar de chorar

[\[19\]](#) Você sabe como é quando / Você se assusta olhando pra si mesmo / Você sabe como é quando / Você deseja ser outra pessoa / Que não precisa de sua ajuda para sobreviver / Você sabe como é / Querer se entregar?

[\[20\]](#) Descubra que não há necessidade de esconder / Que o tempo agora é de ficar e lutar / Salve o mundo / E salve essa garota.

# PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

[21] Eu não me importo de passar todos os dias / Do lado de fora, na sua esquina, na chuva torrencial / Procure a garota com o sorriso partido / Pergunte a ela se ela quer ficar por um tempo / E ela será amada

[22] Em tempos assim / Você aprende a viver de novo

[23] Traga-me para casa em um sonho ofuscante / Através dos segredos que eu já vi / Lave a tristeza pra fora da minha pele / E me mostre como é estar inteiro novamente

[24] Como eu pude perder a única coisa que valia a pena manter?

[25] Nós temos algumas regras a seguir / Isso e aquilo, estes e aqueles / Ninguém sabe

[26] Então você tem coragem? / Fico pensando se seu coração ainda está aberto / E se estiver, quero saber que horas ele fecha

[27] Deixe a paz sozinha / Como todos nós estamos mudando lentamente / Diminui uma luz enfraquecida / Em nossas almas

[28] Estamos todos vivendo em um sonho / Mas a vida não é o que parece ser / Oh, tudo está uma bagunça / E todas essas tristezas que tenho visto / Elas me levam a acreditar / Que isso tudo está uma bagunça

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

[\[29\]](#) Porque não há amor / Que me atraia mais e não há amor /  
O que tenha me amado mais, não há amor melhor

# PERIGOSAS ACHERON